



DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E ENSINO À DISTÂNCIA

MESTRADO EM SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

**UM MODELO DE SUPERVISÃO PARA
O PROFESSOR DE FILOSOFIA**

ANEXOS

Isabel Gouveia da Silva

Lisboa, 2014

Mestrado em Supervisão Pedagógica

UM MODELO DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

PARA O PROFESSOR DE FILOSOFIA

ANEXOS

Isabel Gouveia da Silva

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em

Supervisão Pedagógica

Orientador: Professor Doutor António Moreira Teixeira

Ano: 2014

Índice

ANEXO 1 – MATRIZES DE ENTREVISTA	IV
ANEXO 1.1. MATRIZ DE ENTREVISTA A PROFESSORES SUPERVISORES	V
ANEXO 1.2. – MATRIZ DE ENTREVISTAS A PROFESSORES AVALIADOS	VIII
ANEXO 2 – GUIÕES DE ENTREVISTAS	XI
ANEXO 2.1. – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES SUPERVISORES	XII
ANEXO 2.2. – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES AVALIADOS	XVI
ANEXO 3 – ENTREVISTAS A PROFESSORES SUPERVISORES/RELATORES	XX
ANEXO 3.1. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº1	XXI
ANEXO 3.2. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº2	XXXVI
ANEXO 3.3. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº3	LV
ANEXO 4 – ENTREVISTAS A PROFESSORES AVALIADOS	LXXVI
ANEXO 4.1. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº1	LXXVII
ANEXO 4.2. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº2	LXXXV
ANEXO 4.3. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº3	CI
ANEXO V – QUADROS DE ANÁLISE DE DADOS	CXIII
Quadro 1: Representação geral do processo de avaliação de desempenho	CXIV
Quadro2: Representação sobre os encontros pré e pós observação	CXV
Quadro 3: Adequação dos instrumentos de recolha de dados	CXVII
Quadro 4a: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento da reflexão sobre as práticas	CXVIII
Quadro 4b: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo	CXIX
Quadro 4c: Consequências do processo de avaliação –inovação nas práticas pedagógicas	CXX
Quadro 4d: Consequências do processo de avaliação – desenvolvimento e motivação	CXXI
Quadro 5 – Estilo de supervisão adotado e justificação	CXXIII
Quadro 6 – Atitude face à profissão do professor avaliado e contributo para a mudança	CXXV
Quadro 7: Contributo mais positivo do processo de avaliação de desempenho	CXXVII
Quadro 8: Práticas pedagógicas mais adequadas à disciplina de Filosofia	CXXIX
Quadro 9: Posições dos professores avaliador e avaliado face às opções pedagógicas .	CXXXII
Quadro 10 : Competências a desenvolver nos professores de Filosofia	CXXXIV
Quadro 11: Influência das práticas pedagógicas nas práticas de supervisão	CXXXVI

Quadro 12 – Representação do contributo da Filosofia para o exercício da auto supervisão e da supervisão	CXXXVIII
Quadro 13 – Possibilidade de compatibilizar responsabilização e aperfeiçoamento num modelo de supervisão	CXL
Quadro 14 – Princípios orientadores de um modelo de supervisão em Filosofia	CXLII
Quadro 15: Práticas e atividades de supervisão	CXLIV
Quadro 16: Estilo do supervisor em Filosofia.....	CXLVII

ANEXO 1 – MATRIZES DE ENTREVISTA

ANEXO 1.1. MATRIZ DE ENTREVISTA A PROFESSORES SUPERVISORES

MATRIZ DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES SUPERVISORES/RELATORES (INTERNOS E EXTERNOS):

OBJETIVO GERAL: - Recolher dados para a definição de um modelo de supervisão do professor de Filosofia, partindo das experiências de avaliação de desempenho.

OBJETIVO ESPECÍFICO 1: - Caraterizar genericamente as práticas de supervisão realizadas.

Objetivos específicos:	Questões a colocar:
- Identificar representação do supervisor/professor relator face ao processo de avaliação de desempenho.	1 - Como encarou este processo de avaliação de desempenho? (Viu-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento de outro docente ou de outra forma)?
- Caraterizar as práticas específicas e os momentos do processo de avaliação (ciclo de supervisão).	2.a) - Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação? Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência? 2.b) Que aulas foram observadas (disciplina e ano)? 2.c) Que tipo de observação realizou – naturalista ou focalizada? Porque optou por esse tipo de observação? 2.d) Como descreveria os encontros pós-observação e qual a sua pertinência?
- Analisar os instrumentos de recolha de dados e sua adequação	3) Que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Considera que foram adequados à especificidade da disciplina?
- Identificar pressupostos teóricos da área da pedagogia assumidos pelo supervisor.	4.a) - Qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia? 2.b) Considera que o avaliado partilha estas convicções pedagógicas?
- Analisar consequências do processo de avaliação de desempenho para o desenvolvimento pessoal e profissional de professor e professor-supervisor e para a escola.	5) Na sua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos: 5.a) Aprofundamento da reflexão sobre as práticas 5.b) Aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola 5.c) Inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia 5.d) Desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado
- Caraterizar o estilo de supervisão	6.a) Dos adjectivos seguintes qual escolheria para caraterizar o seu estilo como supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo? Porquê? 6.b) Considera que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê?
- Caraterizar a atitude do professor avaliado	7.a) Como descreveria a atitude do docente que avaliou face à profissão? 7.b) Considera que o processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? De que forma?
- Identificar aspetos mais positivos.	8) O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho que realizou?

MATRIZ DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES SUPERVISORES/RELATORES (INTERNOS E EXTERNOS):

OBJETIVO GERAL: - Recolher dados para a definição de um modelo de supervisão do professor de Filosofia, partindo das experiências de avaliação de desempenho.

OBJETIVO ESPECÍFICO 2: - Projetar um modelo de supervisão do professor de filosofia.

Objetivos específicos:	Questões a colocar:
- Identificação de necessidades e especificidades dos professores de filosofia	<p>9.a) – Partindo do seu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?</p> <p>9.b) – E que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?</p> <p>9. c) Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?</p>
- Identificar princípios, pressupostos e práticas desejáveis para a supervisão em Filosofia.	<p>10 – Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberia a supervisão destes profissionais?</p> <p>10.a) Que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva?</p> <p>10.b) Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas?</p> <p>10.c) Que características deveria ter o supervisor?</p>
- Analisar a compatibilidade entre as exigências de responsabilização e aperfeiçoamento num mesmo processo supervisivo.	<p>11 – O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento? Na sua opinião essa compatibilidade é possível?</p>
- Analisar o contributo da formação filosófica para as práticas de aut supervisão e supervisão de pares.	<p>12 – Considera que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de aut supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?</p>

ANEXO 1.2. – MATRIZ DE ENTREVISTAS A PROFESSORES AVALIADOS

MATRIZ DAS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES AVALIADOS:

OBJETIVO GERAL: - Recolher dados para a definição de um modelo de supervisão do professor de Filosofia, partindo das experiências de avaliação de desempenho.

OBJETIVO ESPECÍFICO 1: - Caracterizar genericamente as práticas de supervisão realizadas.

Objetivos específicos:	Questões a colocar:
- Identificar representação do professor face ao processo de avaliação de desempenho.	1 – Como encarou este processo de avaliação de desempenho? (Viu-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle um procedimento de apoio ao desenvolvimento ou de outra forma)?
- Caracterizar as práticas específicas e os momentos do processo de avaliação (ciclo de supervisão).	2.a) Que aulas foram observadas (disciplina e ano)? 2.b) Que tipo de observação foi realizado – naturalista ou focalizada? Porque optou o avaliador por esse tipo de observação? 2.c)- Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação? Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência? 2.d) Como descreveria os encontros pós observação e qual a sua pertinência?
- Analisar os instrumentos de recolha de dados e sua adequação	3) Que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Considera que foram adequados à especificidade da disciplina?
- Identificar pressupostos teóricos da área da pedagogia assumidos pelo professor.	4.a)- Qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia? 4.b) Como se posicionou o professor relator face às suas opções pedagógicas? 4. c) Se a sua avaliação incidiu sobre pratica pedagógica em outra disciplina que tipo de pedagogia considera mais adequada a essa disciplina? Porquê?
- Analisar consequências do processo de avaliação de desempenho para o desenvolvimento pessoal e profissional do professor e professor-supervisor e para a escola.	5) Na sua opinião quais as consequências do seu processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos: 5.a) Aprofundamento da reflexão sobre as práticas 5.b) Promoção das práticas de trabalho colaborativo na escola 5.c) Inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia 5.d) Desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado
- Caracterizar o estilo de supervisão	6.a) Dos adjectivos seguintes qual escolheria para caracterizar o estilo do seu supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo? 6.b) Considera que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê?
- Caracterizar a atitude do professor avaliado	7.a) Como descreveria a sua atitude face à profissão? 7.b) O processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? De que forma?
- Identificar aspetos mais positivos	8) O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho a que foi sujeito?

OBJETIVO ESPECÍFICO 2: - Projetar um modelo de supervisão do professor de filosofia.

Objetivos específicos:	Questões a colocar:
<p>- Identificação de necessidades e especificidades da disciplina e dos professores de filosofia</p>	<p>9.a) – Partindo do seu conhecimento e da sua experiência, quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia? 9.b) – E que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos? 9. c) Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?</p>
<p>- Identificar princípios e pressupostos desejáveis para a prática da supervisão em Filosofia.</p>	<p>10 – Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberia a supervisão destes profissionais: 10.a) Que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva? 10.b) Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas? 10.c) Que características deveria ter o supervisor?</p>
<p>- Analisar a compatibilidade entre as exigências de responsabilização e aperfeiçoamento num mesmo processo supervisão.</p>	<p>11 – O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento? Na sua opinião essa compatibilidade é possível?</p>
<p>- Analisar o contributo da formação filosófica para as práticas de aut supervisão e supervisão de pares.</p>	<p>12 – Considera que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de aut supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?</p>

ANEXO 2 – GUIÕES DE ENTREVISTAS

ANEXO 2.1. – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES SUPERVISORES

GUIÃO DE ENTREVISTA A PROFESSORES SUPERVISORES (RELATORES INTERNOS E EXTERNOS):

Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino ___ Masculino ___

1.2. Idade

Menos de 35 anos ___ Entre os 35 e os 45 anos ___ Entre os 45 e os 55 anos ___ Mais de 55 anos ___

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos ___ Entre 5 e 10 anos ___ Entre 11 e 20 anos ___ Entre 21 e 30 anos ___ Mais de 30 anos ___

2.2. Experiência em supervisão pedagógica anterior a este processo de avaliação de desempenho:

Sim ___ Qual? _____

Não ___

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Pós graduação ___ Mestrado ___ Doutoramento ___

Outro ___

Especificação: _____

3.3. Formação específica em Supervisão Pedagógica

Sim ___ Qual ? _____

Não ___

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 ___ 2012-2013 _____

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do supervisor/relator**

1 - Como encarou este processo de avaliação de desempenho? (Viu-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento de outro docente ou de outra forma)?

2 – Práticas de supervisão/avaliação

2.a) Que aulas foram observadas (disciplina e ano)?

2.b) Que tipo de observação realizou – naturalista ou focalizada? Porque optou por esse tipo de observação?

2.c) Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação? Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência?

2.d) Como descreveria os encontros pós observação e qual a sua pertinência?

3– Instrumentos de avaliação

3) Que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Considera que foram adequados à especificidade da disciplina?

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

4.a) Qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

4.b) Discutiu com o avaliado estas convicções pedagógicas? Qual a posição do avaliado?

5 – Consequências da avaliação de desempenho

5) Na sua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos:

5.a) Aprofundamento da reflexão sobre as práticas

5.b) Aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola

5.c) Inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia

5.d) Desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado

6 – Estilo de supervisão

6.a) Dos adjectivos seguintes qual escolheria para caracterizar o seu estilo como supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo?

6.b) Considera que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê?

7 – Atitude do professor avaliado

7.a) Como descreveria a atitude do docente que avaliou face à profissão?

7.b) Considera que o processo de avaliação de desempenho contribuiu para uma mudança nessa atitude? De que forma?

8 – Aspetos valorizados positivamente

8) O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho que realizou?

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

9.a) – Partindo do seu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?

9.b) – E que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?

9. c) Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

10 – Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberia a supervisão destes profissionais?

10.a) Que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva?

10.b) Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas?

10.c) Que características deveria ter o supervisor?

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

11 – O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na sua opinião essa compatibilidade é possível? Porquê?

12 – Contributo da formação filosófica

12 – Considera que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?

ANEXO 2.2. – GUIÃO DE ENTREVISTA AOS PROFESSORES AVALIADOS

GUIÃO DE ENTREVISTA A PROFESSORES AVALIADOS:

Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino ___ Masculino ___

1.2. Idade

Menos de 35 anos ___ Entre os 35 e os 45 anos ___ Entre os 45 e os 55 anos ___ Mais de 55 anos ___

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos ___ Entre 5 e 10 anos ___ Entre 11 e 20 anos ___ Entre 21 e 30 anos ___ Mais de 30 anos ___

2.2. Experiência de aulas observadas antes deste processo de avaliação de desempenho:

Sim ___ Qual? _____

Não ___

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Pós graduação ___ Mestrado ___ Doutoramento ___
Outro ___ Especificação: _____

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 ___ 2012-2013 _____

4.2. Menção qualitativa /avaliação obtida _____

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do professor**

1 - Como encarou este processo de avaliação de desempenho? (Viu-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento ou de outra forma)?

2 – Práticas de supervisão/avaliação

2.a) Que aulas foram observadas (disciplina e ano)?

2.b) Que tipo de observação foi realizada – naturalista ou focalizada? Porque foi feita essa opção?

2.c) Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós-observação? Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência? 2.d) Como descreveria os encontros pós observação e qual a sua pertinência?

3– Instrumentos de avaliação

3) Que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Considera que foram adequados à especificidade da disciplina?

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

4.a) Qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

4.b) Como se posicionou o professor relator face às suas opções pedagógicas?

4. c) Se a sua avaliação incidiu sobre prática pedagógica em outra disciplina que tipo de pedagogia considera mais adequada a essa disciplina? Porquê?

5 – Consequências da avaliação de desempenho

5) Na sua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos:

5.a) Aprofundamento da reflexão sobre as práticas

5.b) Aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola

5.c) Inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia

5.d) Desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado

6 – Estilo de supervisão

6.a) Dos adjectivos seguintes qual escolheria para caracterizar o estilo do seu supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo?

6.b) Considera que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê?

7 – Atitude do professor avaliado

7.a) Como descreveria a sua atitude face à profissão?

7.b) O processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? De que forma?

8 – Aspectos valorizados positivamente

8) O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho a que foi sujeito?

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

9.a) – Partindo do seu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?

9.b) – E que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?

9. c) Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

10 – Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberia a supervisão destes profissionais:

10.a) Que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva?

10.b) Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas?

10.c) Que características deveria ter o supervisor?

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

11 – O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na sua opinião essa compatibilidade é possível? Porquê?

12 – Contributo da formação filosófica

12 – Considera que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?

ANEXO 3 – ENTREVISTAS A PROFESSORES SUPERVISORES/RELATORES

ANEXO 3.1. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº1

ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº1

Abreviaturas utilizadas na transcrição:

Entrevistador – E

Supervisor 1 – S1

E - Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino Masculino

1.2. Idade

Menos de 35 anos Entre os 35 e os 45 anos Entre os 45 e os 55 anos Mais de 55 anos

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos Entre 5 e 10 anos Entre 11 e 20 anos Entre 21 e 30 anos

Mais de 30 anos

2.2. Experiência em supervisão pedagógica anterior a este processo de avaliação de desempenho:

Sim Qual? _____

Não

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato Licenciatura (Ramo educacional) Mestrado Doutoramento Outro

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato Licenciatura Pós graduação Mestrado Doutoramento Outro

Especificação: Gestão e Administração Escolar

3.3. Formação específica em Supervisão Pedagógica

Sim Qual _____

Não

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 2012-2013

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do supervisor/relator**

E1 - Como encarou este processo de avaliação de desempenho? Viu-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento de outro docente ou de outra forma?

S1 – Portanto... na minha perspectiva, foi mais uma imposição. Não foi algo que eu considerasse haver necessidade de fazer, nem sequer algo que eu considerasse na altura de grande relevância. Foi uma imposição, alguém tinha que o fazer e dado que eu era a mais velha do grupo coube-me o papel de relatora.

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E1 – Relativamente às práticas de supervisão, que aulas foram observadas - disciplina e ano- recorda-se?

S1 – Recordo-me que avaliei duas colegas, a cada uma delas assisti a duas aulas. A uma colega que não era do quadro de escola assisti a uma aula de 10º ano e a outra de 11º ano. À colega que era do quadro de escola assisti a duas aulas de 11º ano...

E – De Filosofia.

S1 – Sim, foram todas aulas de Filosofia.

E- Que tipo de observação realizou – naturalista ou focalizada?

S1 – Não, foi mais uma observação naturalista... E convém dizer que antes de eu efectuar a observação de aulas tudo foi conversado com as minhas colegas, portanto, tudo foi explicado sobre como as coisas se iriam passar em relação às aulas. Eu sei que, quando eu própria tive aulas assistidas a pessoa que me assistiu às aulas teve uma metodologia bastante diferente da minha. Usou um conjunto de grelhas com determinados parâmetros, mas eu não optei por isso e, não optei por isso porque na minha perspectiva se eu estiver atenta a determinados aspetos em particular perco aquilo que me parece fundamental que é a aula como um todo. Portanto digamos que a minha preocupação foi efectuar uma observação generalista. Não me importa tanto se o professor deu dois passos para a direita ou se se focalizou mais num aluno. É óbvio que depois, na conversa que tivemos, os pormenores foram surgindo, mas a observação em si foi mais aberta, mais naturalista.

E - Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação?

S1 – Sim, sim. Realizaram-se encontros quer antes, quer depois. Antes, de acordo com aquilo que era norma na escola cada uma das colegas tinha que entregar um plano de aula, para que

eu já tivesse uma ideia de que assuntos iriam ser tratados e como é que a aula se ía desenvolver. Eu expliquei sempre qual era o meu papel lá e tentei Como é que eu hei-de dizer ... transmitir que o facto de eu estar lá nunca o entendessem numa perspectiva de alguém que está a querer controlar, que alguém que só porque casualmente teve aquele papel está lá para prejudicar. A minha intenção era mais no sentido de... até de partilha. Isto é «Eu vou lá ver, vocês têm que ser avaliadas, vou fazer uma apreciação, vou falar mais numa perspectiva de colega...o vosso trabalho...o meu trabalho ... o que é que poderiam ter feito de forma diferente... eu também, em determinadas alturas poderia ter feito de forma diferente o meu trabalho...para que a pessoa em si não fosse com aquele receio ... bom, as minhas aulas vão ser observadas, agora vão ouvir tudo e apontar tudo... isso para descansar um pouco as pessoas. Depois das observações de aulas nós tínhamos umas grelhas para preencher e posso dizer que essas grelhas foram sempre preenchidas em conjunto. Ou seja, eu nunca cheguei ao pé das minhas colegas com a grelha preenchida. Tínhamos determinados parâmetros, e depois tínhamos de 1 a 5 e depois aquilo dava uma determinada pontuação. Eu nunca cheguei com a grelha preenchida, portanto, em conjunto, eu colocava a questão às minhas colegas: como é que pensam que vos correu em termos deste ponto, em termos de conseguirem, por exemplo cativar o aluno. Acham que correu bem, o que é que fizeram, o que é que não deveriam ter feito. E aqui era a própria avaliada que dizia, bem, isto aqui se calhar falhou um bocadinho porque o miúdo, enfim, não estava muito vocacionado para esta temática. Portanto, foram mais eles próprios que fizeram uma autocrítica do seu trabalho e não tanto eu.

E – Portanto, promoveste, por assim dizer, uma auto supervisão.

S1 – Exato. Eu não cheguei e disse eu acho que não fizeste isto muito bem, poderias ter feito assim. Não, foi um pouco à maneira socrática, foi o outro a dizer de sua justiça.

E – Já respondeste às duas outras coisas que eu ia perguntar a seguir sobre a descrição e da pertinência dos encontros pré e pós observação...

S1 – Sim... isso é extremamente importante, para a pessoa saber aquilo que a espera e depois para ter o *feedback* daquilo que aconteceu.

3– Instrumentos de avaliação

E1 – Quanto aos instrumentos de avaliação, já falaste em grelhas... portanto, queria saber que instrumentos é que foram utilizados para a recolha de dados e se consideras que foram adequados à especificidade da disciplina.

S1 – Ora bem, eu há pouco disse que optei pela observação naturalista. Mas confesso que na minha primeira observação de aula até levei uma grelha que me tinha sido fornecida pela minha coordenadora de departamento aquando da minha observação de aulas. Eu olhei para

aquilo e pareceu-me que, na minha perspetiva... posso estar completamente errada, porque não tenho qualquer experiência neste tipo de função...mas considere que não fazia sentido. Lá está é que ao estar a preencher cada um daqueles domínios perdia a aula e para mim o mais importante é se os conteúdos foram bem explicados, se houve uma apreensão por parte dos alunos, porque nos percebemos se estes se envolveram e se o professor se envolveu. As únicas grelhas que existiram foram aquelas que nós em conselho pedagógico e a própria comissão de auto-avaliação de acordo com as orientações do Ministério, porque o próprio Ministério enviou grelhas, adaptamos. Depois das aulas assistidas, depois de analisados todo o processo das avaliadas, aí tivemos que ir pondo as determinadas classificações para obter uma pontuação. Se me perguntares se para mim isto é importante, dado o sistema em comum dado aí obviamente é importante. Porque se eu na aula não me socorri de nenhuma grelha e utilizei uma folha branca e tomei algumas notas que me pareceram pertinentes para depois discutir com as avaliadas, depois e uma vez terminado o processo, se não existissem essas grelhas não tinha como traduzir de forma objectiva o resultado obtido.

E – E nesse momento achaste que se ajustavam ao tipo de trabalho da disciplina? Que essa grelha que utilizaste era adequada?

S1 – Não propriamente à disciplina, ao sistema de avaliação. Ou seja, se tu me perguntares se aquela grelha era fundamental ou importante ao nível da disciplina de Filosofia, não. Não tem nada a ver com uma avaliação de uma boa aula de filosofia Nessa grelha o que estava em causa não era a especificidade da disciplina, mas os recursos, a metodologia, era mais a vertente pedagógica. E portanto, quando avalias e dás x pontos para a formação, se ao nível dos recursos utilizados são diversificados... a questão da empatia com o aluno ocorreu ou não ocorreu ... e num domínio mais pedagógico e não tanto ligado à especificidade da filosofia... Por isso é que eu digo, ao nível da Filosofia, dispensei qualquer tipo de grelha... Ao nível da Filosofia.... Por acaso nunca tinha pensado nisso, mas agora que estamos a conversar ocorreu-me... ao nível da observação de aulas a minha preocupação foi a aula enquanto aula de Filosofia, depois da observação de aulas, esqueci a Filosofia e entrei num processo já mais ao nível da pedagogia, foram dois processos distintos.

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – Ora, nós vamos agora entrar precisamente na pedagogia. Qual o tipo de pedagogia que, na tua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

S1 – Ora bem, para mim não há um, há vários e um bom professor de filosofia tem que saber qual é que é melhor naquele dia, naquela aula, com aquela matéria, com aqueles alunos. Agora apesar de ser apologista da diversidade há uma coisa que eu considero fundamental em

Filosofia que é a questão do diálogo. É assim, não pode ocorrer uma boa aula de filosofia se o diálogo não estiver presente. O diálogo é fundamental para a especificidade de uma disciplina como a Filosofia e isso, para mim, tem que ocorrer. Não quer dizer que ocorra em todas as aulas, porque por vezes tens alunos que têm dificuldade em se expressar, tens alunos que são tímidos, tens alunos que ... enfim não têm essa capacidade... mas também é importante que o professor de filosofia tenha essa capacidade de alterar um pouco esse perfil do aluno. Quando falo em diálogo não é em bagunça dentro da sala de aula... todos a falarem ao mesmo tempo. É o professor estar a explicar uma coisa mas numa perspetiva de abertura a que haja algo do outro lado, do outro lado é do lado dos alunos, uma interação. Só assim é que nós podemos transmitir um pouco da especificidade da própria filosofia. É evidente que até numa aula expositiva o diálogo pode estar presente, atenção, porque tu estás a expor um determinado mas estás receptiva a que haja uma intervenção do outro lado, não és só tu que te estás a fazer ouvir. Tens que estar aberta e receptiva e fazeres com que o outro, neste caso os alunos, também partilhem, também intervenham nas questões que são abordadas.

E - Discutiste com o avaliado estas convicções pedagógicas? Qual a posição do avaliado?

S1 – Ora bem, discuti? É assim, nunca disse vamos discutir esta questão de modo formal, mas de forma informal, ao longo das conversas que fomos tendo, acho que deixei transparecer... às vezes não precisamos de dizer as coisas formalmente...

E – E do outro lado achas que houve concordância, afinação de perspectivas?

S1 – Eu acho que sim, houve concordância a partir do momento em que estivemos de acordo no resultado final que era a avaliação. Na medida em que cada parâmetro foi feito em conjunto.

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E – Quanto a consequências desta avaliação de desempenho. Na sua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos:

- Aprofundamento da reflexão sobre as práticas

S1 – Promoveu uma maior da reflexão sobre as práticas... quer dizer, pontualmente pode ter promovido. A partir do momento em que eu me sento com um colega do mesmo grupo disciplinar e estamos a discutir sobre uma aula, que por acaso foi a dela, acho que estamos a refletir sobre as práticas, portanto, nessa perspetiva houve reflexão sobre as práticas. Se tu me disseres se só nesse processo de avaliação é que isso ocorreu ou se era necessário este processo de avaliação para que essa reflexão tivesse ocorrido, eu digo-te que não. Porque, mesmo fora desse processo de avaliação, nós conversamos, nós reflectimos sobre as nossas práticas e vamos partilhando, agora é óbvio que neste momento também existiu.

E – E quanto ao aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola?

S1 – Se teve consequências ...não ... acho que não...

E – Pelo que estavas a dizer há pouco eu inferi que há essa prática de trabalho colaborativo no teu grupo...

S1 – Sim... mas o processo de avaliação não contribuiu para que houvesse nem mais...nem menos...Isto é, aquilo que existia... antes ou depois não é uma consequência do processo avaliativo... Quer dizer o processo avaliativo contribuiu para a reflexão sobre as práticas mas, a partir daí...não quer dizer que houvesse mais. Até porque as pessoas enveredam neste processo primeiro por uma questão de obrigatoriedade, segundo porque, poderiam não ter as aulas assistidas mas qualquer profissional quer progredir na carreira e se este processo facilita a progressão o professor envereda por este processo. Este processo avaliativo não faz com que o professor seja melhor ou seja pior, não faz com que as reflexões sobre as práticas aumentem ou diminuam, são situações pontuais que em si mesmas promovem a reflexão sobre as práticas, em si mesmas geram ali um reencontro entre docentes do mesmo grupo e uma partilha muito grande mas depois aquilo morre ali.

E – Portanto, também no que respeita à inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia, em concordância com isso, achas que ajudou em alguma coisa? Inovou alguma coisa? Trouxe algum resultado?

S1 – Em termos de inovação esses... até porque é assim são duas aulas e em duas aulas tu não podes fazer tudo aquilo que que fazes ao longo do ano, até porque quando se vai ter uma aula assistida o professor tenta sempre inovador, criativo, ou seja, tenta proporcionar uma boa aula, uma aula agradável a quem está do outro lado. Agora eu pergunto-me será que o professor antes já não fazia boas aulas, aulas interessantes? Também o fazia, porque se não o fizesse, não o conseguia fazer naquele momento. Não é? Se aquele professor consegue dar uma aula excelente é porque antes ele já o fazia...

E – Essa competência já lá estava...

S1 – Já lá estava porque senão não seria naquele momento que ele a iria desenvolver e... por outro lado...também se o fez naquele momento, não vai deixar de o fazer... , portanto, isto são situações pontuais em que inovação ou não existiu ou então se existiu... também já lá estava...

E – E finalmente no que diz respeito ao desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado, este processo contribuiu alguma coisa.

S1 – Não te importas de repetir... contribuiu alguma coisa para...

E – Para o desenvolvimento profissional e a motivação do docente avaliado.

S1 – A motivação ... eu acho que contribui para a motivação naquelas situações em que ... se o avaliado tem uma boa avaliação eu acho que motiva. Pode não ter grande importância, mas a pessoa sente-se motivada, porque foi obrigada (no 4º escalão eram obrigadas), mas independentemente da obrigatoriedade ou não, se o avaliado obtém depois de todo este processo resultados satisfatórios eu acho que motiva porque todos nós gostamos de ver reconhecido o nosso trabalho e neste caso um bom resultado traduz-se numa classificação acima de Muito Bom. E isso dá uma certa motivação porque o professor vê-se recompensado. Investiu, investiu porque... para além de estar a desempenhar esse papel de avaliado continua a desempenhar as suas funções, a dar todas as aulas, a corrigir testes, e portanto isso +e uma situação que ainda faz com tenha um trabalho extra. Mas depois, chega ao fim e isso motiva-o, ele sente que foi reconhecido pelo seu trabalho. Quanto ao desenvolvimento profissional se o profissional já não trabalhava para isso, não será este processo que faz a diferença.

6 – Estilo de supervisão

E – Agora quanto ao teu estilo de supervisão, dos adjectivos seguintes qual escolheria para caracterizar o seu estilo como supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo?

S1 – Colaborativa. Porque diretiva, como já deves ter percebido não fui. Aliás isso seria contrariar a especificidade da nossa disciplina. Não directiva também não me parece que seja o modelo adequado, porque isso é como aquele tipo de liderança *laissez-faire*, também os outros precisam, pontualmente de algum apoio. Eu acho que foi mais colaborativa. Não impondo, dando oportunidade ao outro. Aliás, e até nos próprios planos de aula, uma das avaliadas... eu colaborei no próprio plano de aula, porque o primeiro que entrega eu fi-la sentir que ela nunca conseguiria numa aula abordar todos aqueles temas. As pessoas às vezes na ânsia de fazer bem na aula assistida pode ser um fiasco. E ela entregou-me tudo e eu disse: revê e então ela disse «-Ah eu já me tinha apercebido, mas não queria ficar a meio.» Foi mesmo esse o espírito que adoptei. Até porque eu já estive na mesma situação apesar de comigo não terem feito o mesmo. Tudo apareceu como um facto consumado.

E – Portanto, já me respondeste que é o estilo mais adequado e porquê.

7 – Atitude do professor avaliado

E - Como é que descreverias a atitude dos docentes que avaliaste face à profissão?

S1 – Ora bem para já eram duas pessoas muito diferentes, mas isso não impediu que eu tivesse dado Muito Bom às duas, por razões diferentes e porque estavam em posições diferentes. São pessoas diferentes. Uma tem uma atitude de maior responsabilidade, de maior gosto pela profissão pelo papel que desempenha enquanto docente. Isto também é preciso dizer que uma já está na profissão há muito tempo e a outra é uma pessoa mais nova, que

ainda se está a encontrar, e portanto ainda estava meio perdida, daí eu dizer que são atitudes diferentes. Tiveram desempenhos diferentes, mas eu também expliquei às duas porque é que tiveram a mesma avaliação. Também porque o resultado da avaliação servia fins diferentes. Mas eram atitudes diferentes, uma portanto mais responsável, já mais enraizada digamos assim sobre aquilo que é o papel do docente de filosofia na escola. A outra ainda estava mais numa fase de aprendizagem.

E – Consideras que o processo de avaliação contribuiu para uma mudança na atitude destas docentes face à profissão.

S1 – Numa delas não.

E – Na mais velha ou na mais nova.

S1 – Na mais velha. Era ela própria e continua a ser. Na mais nova talvez.

E – Portanto, estavam em momentos diferentes do desenvolvimento profissional?

S1 – Sim, sim e a mudança talvez na minha perspetiva estivesse ligada à segurança. Talvez tivesse aprendido a perder um bocadinho aquela insegurança inicial. Penso que poderá ter ganho maior confiança, mais autoestima. Penso que talvez tenha contribuído um pouco para isso.

E – Essa colega mais velha, quantos anos de serviço tem?

S1 – Deve ter para aí uns dois ou três anos de serviço a menos do que eu.

8 – Aspetos valorizados positivamente

8) O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho que realizou?

S1 – De mais positivo... foi um momento de diálogo entre colegas e foi interessante confrontar-me com o modo como abordavam os conteúdos e também fiquei contente por termos conseguido que tudo decorresse sem grandes tensões...pelo menos penso que não terá havido grandes tensões...

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E - Agora relativamente à especificidade da filosofia partindo do seu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia? Há pouco já disseste que devia ser uma prática dialogante...

S1 – Sim... Sem nunca descurar os conteúdos programáticos que temos que lhes dar. Até porque o aluno tem um exame, eu costumo dizer aos meus alunos, em determinadas circunstâncias, que o mais importante numa aula de Filosofia comigo não é que eles saibam o que o Sócrates disse, o que Platão disse ou o Aristóteles, mas que saiam dali com uma postura diferente com uma forma diferente de encarar a vida. Que ganhem o respeito, que aprendam a

respeitar o outro, que se tornem pessoas mais humanas na sua forma de estar e de ser. Não descurando os conteúdos. Muitas vezes numa aula de Filosofia nós levamos a aula programada para dar x, y e z e tu sai de lá completamente realizada e não fizeste nada do que tinhas planeado. Na minha perspectiva a aula não é o professor que entra é um conjunto de pessoas que lá estão e, em determinadas alturas surgem formas diferentes de pegar nos conteúdos. Podes por exemplo estar a passar um powerpoint sobre o determinismo e a liberdade, mas numa determinada altura um aluno coloca-te uma questão pertinente e tu, a partir daí tens a aula feita e esqueceste completamente aquilo que tinhas programada. Eu não só muito apologista daquilo tudo... sim senhor temos que planificar as aulas, escolher o texto... mas o próprio texto se for bastante rico em conteúdos...basta o primeiro parágrafo e tu não consegues terminar porque a partir daí surge um conjunto de questões pertinentes e todos estão envolvidos, professor e alunos e não consegues terminar. Noutro dia tens que ser tu os 50 minutos a falar, a falar porque os alunos também precisam disso. Eu também não sou apologista de que a aula expositiva é má. Depende dos conteúdos programáticos, do aluno que temos à frente. Eu uso muito o quadro. Na nossa escola ainda é o quadro de giz. E dou imensos apontamentos. Eles querem apontamentos, querem esquematizar a matéria. E pego sempre na aula anterior para lhes dar o fio condutor. Porque muitas vezes o que acontece aos alunos em Filosofia é que encaram os conteúdos como coisas soltas. Estamos a falar da lógica e agora já estamos a falar de ciência, mas qual é a relação e isso há que ser transmitido.

E – Portanto, pelo que eu entendi do que disseste achas que o ambiente em geral deve ser semiestruturado, não deve ser completamente diretivo centrado no professor

S1 – Mas também o contrário também não, tem que haver comunicação e momentos para tudo.

E – E podem conviver diferentes modelos?

S1 – Sim.. não há um modelo específico na minha perspectiva, mas a ênfase vai mais para a aprendizagem do que para o ensino... No binómio ensino-aprendizagem o enfoque vai mais para a aprendizagem... Não me importa ter um discurso *xpto* se o aluno se o aluno não está a aprender completamente nada. É óbvio que existem desvantagens, por vezes temos que baixar muito o nível que... mas, por isso é que eu digo... não há um modelo único também porque não há uma turma única.

E– Acho que já respondeste um pouco ao que eu ia perguntar agora - que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos? Achas que há alguma competência particular, do ponto de vista pedagógico, que

o professor deve desenvolver em si para promover a aprendizagem do aluno.

S1 – Eu já falei de muita coisa mas existe uma coisa que eu acho muito importante... o professor tem que conseguir desenvolver a empatia. Se isso não acontecer podes fazer a melhor aula do mundo mas tu não chegas ao aluno... Isso é importante na nossa disciplina... Porque na Matemática, vamos supor...tu chegas ao quadro vais fazer uma equação e o aluno pode não estar envolvido. Numa disciplina com a especificidade da Filosofia se tu não conseguires desencadear essa relação de empatia com o aluno, ele não está envolvido, portanto, não resulta muito bem. O professor tem que ter uma sensibilidade muito grande. O professor tem que ter uma sensibilidade muito grande, perceber que tipo de aluno está ali e como é que há-de chegar até ele. Às vezes é difícil, porque tu tens ali trinta e tal alunos muito diferentes, mas tu tens que chegar a todos.

E - Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?

S1 – Ui que pergunta tão difícil.

E – Se há qualquer coisa que é específica da filosofia, na supervisão como é que tens isso em conta?

S1 – Isto é quando estou a supervisionar um colega, como é que tenho em conta essa especificidade que ele deve ter dentro da sala de aula... (Silêncio)... Não é fácil....

E – Pelo que eu entendi um professor que seja mais directivo... em princípio manifestará menos essa característica...

S1 – Claro... mas é assim lá está também o problema da forma como esta supervisão ocorreu – as tais duas aulas e., em duas aulas o professor não pode mostrar tudo e se tu te lembras do que eu disse há pouco a metodologia deve ser diversificada. Evidentemente que esse perfil de professor que eu privilegio não se vai sentir tanto, mas eu também tenho uma forma de observar isso é ver como é que do outro lado os alunos se posicionam. Podemos dizer é subjetivo. Mas toda a avaliação é subjectiva. Mas tu se estiveres atenta consegues, mesmo numa aula expositiva perceberes o envolvimento dos alunos... eles deixam transparecer tudo...

E – Se está ativo ou não...

S1 – Se está ativo, se está a desenhar uma flor no caderno, se está atento, se está aos toques ao colega. Muitas vezes eles estão calados mas a absorver as palavras do professor. Eu lembro-me que quando assisti às aulas, uma coisa que para mim foi fascinante foi a observação de comportamentos dos alunos e pela própria observação de comportamentos dos alunos eu também me consegui aperceber se a aula resultou ou não.

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E – Relativamente à construção de um projeto de supervisão, se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberia a supervisão destes profissionais? Por exemplo que princípios fundamentais deveriam orientar a supervisão? Se tivesse que me dizer um conjunto de princípios para orientar a ação do supervisor?

S1 – Pausa... É assim quando nós não sabemos é difícil responder directamente... mas eu acho que um grande pilar é a partilha e a colaboração. Isto é vamos supor que todo o meu trabalho a partir de hoje ia ser a supervisão dos meus colegas de Filosofia. Todo esse trabalho na minha perspetiva só podia ser feito a partir deste princípio. Vamos todos colaborar neste trabalho conjunto, vamos partilhar, vamos dialogar sobre o que é que é melhor, não para mim como supervisora, porque posso estar enganada e a partir do que estabelecemos em conjunto resulta um ou mais princípios. Eu sei que esse é o princípio em que eu vou pegar, mas quem está do outro lado também sabe. Eu própria não conseguiria criar esse princípio sozinha... Para já também tem a ver um pouco com a minha personalidade... Se eu criasse um princípio para a supervisão do grupo de Filosofia esse não seria um princípio do grupo de Filosofia mas um princípio meu. Eu acho que qualquer princípio orientador seja da supervisão seja do que for deve resultar de um diálogo, de um confronto, da colaboração entre profissionais da mesma área porque uma pessoa só não tem o dom de conseguir o melhor... por vezes pensamos que estamos a ir pelo bom caminho mas não... temos que ouvir o outro para perceber...E portanto se calhar é por isso que eu não te consigo definir um princípio...

E – Mas atendendo a tudo o que disseste sobre as aulas esse seria um princípio coerente parece coerente, tem a ver com a própria natureza da Filosofia, que como disseste antes é dialógica.

S1 – Exatamente, eu sinto necessidade de no grupo, em conjunto, refletirmos sobre essa questão e então aí poderá sair um princípio, porque eu preciso de ouvir os outros.

E – No que diz respeito às práticas, que práticas ou atividades deveriam ser promovidas?

S1 – Eu acho que é fundamental ...estivemos a falar da supervisão associada à avaliação... para mim teria mais sentido que a supervisão fosse mais contínua e não só ocorresse nos momentos de avaliação... porque o professor muitas vezes tem aquele ideia... ai que medo vou ser supervisionado...e portanto, eu penso que, se nós grupos disciplinares ou departamentos como queiras... Olha esta semana vais falar sobre o quê? Olha eu até gosto imenso desse tema, vou à tua aula. Ou vou convidar-te a ti para vires à minha aula falar disso. Lá está, esta partilha... aliás eu gostava imenso... eu este ano não dou aulas... mas sinto a

falta... Tu repara, se tu estiveres habituado a teres alguém de fora no teu espaço, alguém que não os alunos, tu não tens problemas nenhuns e tu ganhas imenso com isso, e o mesmo acontece ao contrário, se eu estiver habituada a ir a aulas de outros colegas eu também ganho com isso.

E – E isso ser feito de modo mais informal, não com aquele enquadramento de obrigatoriedade

S1 – Exato... de uma forma espontânea... isso devia ser uma prática continuada na escola... alias a reflexão sobre as práticas só pode resultar depois disto. Eu tenho que saber, não porque quero julgar ou controlar o meu colega, mas para eu perceber o ponto de vista dele, para eu aprender alguma coisa aliás eu nas próprias aulas a que assisti aprendi coisas e retirei sugestões. Olha que engraçado este tem apode ser dado desta forma ...olha este recurso utilizado nunca tinha pensado nele, porque nós não pensamos em tudo e, portanto, esta partilha...acaba por ser uma partilha reflexiva e a supervisão na minha perspetiva... se tu tiveres este hábito... eu hoje sou supervisora mas amanhã posso estar no papel contrário...portanto quando chegarem estes momentos mais formais o professor está muito mais à vontade, porque, quer queiramos quer não, por mais que eu colocasse as colegas à vontade o que é certo é que é um momento de avaliação e a pessoa está tensa e muitas vezes isso pode interferir. Por exemplo, houve uma aula em que uma das colegas estava nervosíssima e depois até me pediu se podia repetir e eu expliquei-lhe que não porque percebi...e o importante foi ela também ter percebido porque é que estava assim e a falha. Se nós tivéssemos esta prática a supervisão já seria encarada doutra forma. Hoje penso que a supervisão está muito no início e... muito reduzida às questões da avaliação. Por isso quando falamos em supervisão falamos do bicho papão... se nas escolas se desenvolvessem momentos informais de supervisão... para já na minha perspetiva teria consequências e efeitos mais positivos e serviria mais o propósito do desenvolvimento profissional. E era vista de forma completamente diferente. Porque hoje nós falamos em supervisão e o conceito de supervisão é recente...e supervisão é avaliação e isto tem que ser ultrapassado, a supervisão não pode estar só associada à avaliação, são duas coisas distintas, embora interligadas, mas não necessariamente, porque pode haver e deve haver supervisão sem avaliação. Ou por outro lado pode ocorrer avaliação mas em que os colegas...

E – Com um carácter mais formativo...

S1 - Exatamente

E- Que características deveria ter o supervisor?

S1 – As características ... é assim, tem que dar e tem que receber no fundo tem que também

fornecer... tem que fornecer as ferramentas de base para o outro saber como deve proceder... o supervisor tem que orientar... senão o outro, do outro lado, não sabe o que é que se espera, orientar de uma forma não directiva... espera-se isto, vamos depois agora colaborar

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E – O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na tua opinião essa compatibilidade é possível? Porquê?

S1 – Responsabilização e aperfeiçoamento... é assim os dois conceitos ...estão associados... ao responsabilizar o outro vou conduzir ao aperfeiçoamento... se eu sou responsável dentro daquilo que é a minha profissão, enquanto responsável isso pode conduzir ao aperfeiçoamento porque estou a ser avaliada num processo de que pode resultar a progressão na carreira e enquanto ser responsável deve orientar todo o meu desempenho com vista ao aperfeiçoamento... enquanto ser responsável visto o aperfeiçoamento.

12 – Contributo da formação filosófica

E – Esta pergunta diz respeito ao contributo da formação filosófica. Filosofia. Consideras que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de autosupervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?

S1 – Ai... claro que sou suspeita porque sou de filosofia, mas eu acho que sim, acho que o professor de filosofia tem uma grande capacidade primeiro de autocrítica e reflexão. Tem essa capacidade de saber autocriticar-se refletir e de se autocriticar com vista ao aperfeiçoamento de que falávamos há pouco e também tem uma grande capacidade de (pausa) de olhar o outro de uma forma diferente de outros docentes... tu repara... vamos esquecer agora que estivemos a falar de mim como supervisora... mas eu penso que quando eu fui avaliada, não tiveram o mesmo procedimento comigo como eu tive para outras colegas... também terá um pouco a ver com a personalidade de cada um, mas não só.. eu penso que um bom supervisor tem que saber criticar, tem que saber refletir, tem que saber dialogar, no fundo características fundamentais que tu encontras no âmbito da filosofia, portanto, a crítica, o diálogo, a reflexão, coisa que noutros grupos disciplinares ...os próprios conteúdos não levam a esse tipo de abordagem... por exemplo em Geografia, em Geometria...não quer dizer que estes professores não saibam criticar...mas estas são as competências fundamentais na filosofia... ora bem, um bom professor de filosofia tem que ter estas capacidades e competências à

partida maias afinadas do que qualquer outro docente, o que lhe permite fazer um papel de supervisor ou outro qualquer outra coisa onde as mesmas sejam importantes.

E – Queres acrescentar mais alguma coisa que para ti seja relevante sobre esta tema.

S1 – Não a única coisa que eu quero dizer é que depois de ter desempenhado o papel já de avaliada e de avaliadora, aprendi quando fui avaliada e quando desempenhei o papel de supervisora... hoje já faria de forma diferente...lá está a autocrítica... fiz muita coisa que agora poderia não fazer...com vista ao tal aperfeiçoamento.... Embora as bases.... as bases seriam sempre as mesmas... e estou sempre sujeita ou receptiva a alterações

ANEXO 3.2. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº2

ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº2**Abreviaturas utilizadas na transcrição:****Entrevistador – E****Supervisor 2 – S2**

E - Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes

PARTE 1:**1. Dados pessoais**1.1. Género do inquirido – Feminino ___ Masculino **X**

1.2. Idade

Menos de 35 anos ___ Entre os 35 e os 45 anos ___ Entre os 45 e os 55 anos ___ Mais de 55 anos **X****2. Dados profissionais**

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos ___ Entre 5 e 10 anos ___ Entre 11 e 20 anos ___ Entre 21 e 30 anos ___ Mais de 30 anos **X** (37)

2.2. Experiência em supervisão pedagógica anterior a este processo de avaliação de desempenho:

Sim **X** Qual? Delegado de grupo e Coordenador de Departamento, Coordenador de Diretores de Turma, Coordenador de Cursos Técnicos Profissionais

Não ___

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato ___ Licenciatura **X** Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Pós graduação **X** Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro

Especificação: Curso de Especialização em Ética e Política

3.3. Formação específica em Supervisão Pedagógica

Sim **X** Qual ? Formação de Formadores, Formação ministrada pelo Ministério para avaliadores

Não ___

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 - **X** 2012-2013 _____

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do supervisor/relator**

E- Em primeiro lugar como encaraste este processo de avaliação de desempenho? Viste-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento de outro docente ou de outra forma?

S2 – No contexto em que apareceu, foi na sequência do consulado de Maria de Lurdes Rodrigues vi como um pouco disso tudo...porque de facto ele surgiu, transcendendo um pouco aquela situação meramente administrativa do relatório para subir de escalão que era o que havia dantes, mas foi como um mecanismo de controle, ou pelo menos uma tentativa de condicionar o acesso [a escalões mais elevados da carreira] e portanto a coisa foi muito mal encarada, foi uma coisa bastante mal recebida pelos professores. Eu fui compelido... não aceitei o cargo de mote próprio, portanto, eu era o coordenador de departamento e delegado de grupo e fui incumbido estatutariamente de fazer isto. Já que o tinha que fazer e não podia recusar eu... já agora tentei fazê-lo de uma forma profícua, de modo a que servisse para alguma coisa e que a coisa fosse feita com alguma honestidade, não só honestidade intelectual mas honestidade *tout cour*... porque também se pode dar o caso de isso não acontecer... ser feita uma simulação qualquer... isso depois deu para tudo. Eu tentei fazê-lo com ganhos profissionais para mim e sobretudo para os meus avaliados... portanto, o que de certo modo, na maior parte dos casos correu bem mas noutros caos houve alguma incompreensão por parte dos avaliados... que acharam que eu estava a ingerir... que era uma ingerência no seu trabalho... as pessoas também têm alguma resistência a estes processos que vêm inquinados politicamente... se não viessem e se não fossem de carácter administrativista, digamos assim, todos tínhamos a ganhar com isto, porque era um processo onde podíamos aprender uns com os outros e a crítica, como tu também sabes, não tem que ser negativa, a crítica é um ato saudável, desde que não tenha *part et pris*, desde que não venha envenenada... e às vezes criam-se incompreensões. A maior parte das coisas correu muitíssimo bem, mas houve algumas incompreensões porque depois tem que se classificar e essa parte das classificações cada um acha que é sempre o melhor. Toda a gente queria ter 20, é como com os nossos alunos que todos querem ter 20 para ir para medicina. E isso às vezes não é bem assim. Mas a discussão está um pouco envenenada porque há praticas, ou seja, instala-se depois a comparação com outros avaliadores que fazem isso. E instala-se depois uma espécie de guerra corporativa entre os teus, os meus e os nossos... Eu já no estágio me tinha apercebido disso, que há guerras de capelas...porque isto depois o processo não é só de Filosofia é de todos e

depois há uma espécie de barganha entre os avaliadores e isso é profundamente negativo e por causa também das cotas. E depois o resultado disto foi nulo, porque não serviu para nada.

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E – Já vi que tiveste vários avaliados, relativamente ao (Avaliado 2) que aulas observaste (disciplina e ano), lembras-te?

S1 – Observei aulas de 10º e 11º ano de Filosofia.

E – E que tipo de observação realizaste – naturalista ou focalizada? Porque optaste por esse tipo de observação?

S1 – É assim eu tinha guião. Não foi absolutamente naturalista porque tinha guião.

E1 – O guião era obrigatório?

S1 – Isto foi assim. Houve duas situações. Isto foi um processo, entre aspas, muito mal “parido”, porque as coisas foram aparecendo. Ou seja, ao princípio não havia nada, ... havia uma estrutura de avaliação que implicava uma certa parametrização do que se ía avaliar, mas não havia nem critérios de avaliação, nem escala, nem coisíssima nenhuma, ou seja, o que é que isso deu...cada escola fez a sua. Eu tive reuniões de 14 horas aqui na escola, com a secção de avaliação do conselho pedagógico, com todos os avaliadores reunidos, todos os supervisores, digamos assim, estivemos aqui a fazer escalas. O período de 2007- 2009 foi um período louco. Um período louco de trabalho. Estávamos a fazer uma coisa que eramos contra, mas fizemo-la com todo o empenhamento possível e produzimos muito material de escala..., adaptado às disciplinas, e foi com essas grelhas que fomos munidos, feitas a partir das indicações do ministério... no fim dos dois anos, apareceu uma aplicação que resolveu os problemas.

E – Ou seja, nesse processo de – 2009/2011 – já usaste a aplicação do ministério, ou seja, a grelha do ministério?

S1 – Exatamente, porque na primeira situação só no fim do processo em 2009 é que apareceu uma grelha do ministério porque o ministério também não estava preparado. Porque entre dimensões e domínios, descritores havia grelhas com 200 itens, que era uma coisa de loucos. Houve muito debate muito texto, até nós prós e contras, na televisão... Nenhuma outra profissão é avaliada assim... porque eu já trabalhei noutras sítios e tenho familiares que noutras profissões, com avaliação regular de desempenho e isto... nem o próprio SIADAP que tem cinco ou sete itens... e mais nada... e o que interessa é ir diretamente ao assunto... o que interessa se o indivíduo vende automóveis é se ele vendeu ou não e como é que atendeu o público. Depois o ministério já era complicativo e depois toda gente que ainda complicou mais, alguns com toda a boa vontade, depois apareceram colegas a vender soluções... um

guia disto e daquilo. No final o ministério resolveu o problema com uma aplicação que é uma espécie de *excel* com uma coisa por cima. E isso foi bom porque permitiu fazer o cálculo sem grandes disparidades. No segundo processo, de 2009 a 2011 foi mais e menos complicado. Apareceu depois uma grelha única mas aquilo tinha dimensões, domínios e também mais uma vez não foi fornecida a chave, ou seja, a atribuição de pontuação foram dados intervalos e foi mais complicado porque... e nem sequer apareceu uma aplicação informática para resolver o problema... só que como era mais mitigado... porque as dimensões foram aligeiradas, a coisa tornou-se mais gerível e nós já tínhamos a preparação do primeiro biénio, já havia o histórico e a coisa tornou-se mais gerível e já estava enraizada... foi menos traumático e menos dramático.

E - Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação?

S2 – Sim, sim... mas isso aí não havia nenhuma diretiva

E - Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência?

S2 – Eu como sou... não me estou a gabar ... mas sou um democrata... e acredito sinceramente na participação e nos métodos participativos... sei que isto não foi generalizado... eu estou a brincar... mas tínhamos sempre uma reunião antes em que o avaliado... nós até chamávamos formando... que não era... porque foi transposto um pouco o modelo do estágio ... porque a maioria dos avaliadores tinham sido orientadores de estágios e a coisa foi um bocado subvertida por aí... era como se estivessem a estagiar.. e não era bem... porque eles eram profissionais como nós, eram pares... não eram formandos... eu não fiz o estágio como par.. era um formando... ou então não era um aluno do último ano da faculdade.. não é bem a mesma coisa... houve vários modelos de estágio mas a posição não era paritária... esta era paritária... pode dar-se o caso do avaliador ser eu e o avaliado ser outro e para o ano trocarmos o que também é uma coisa um bocadinho perversa... mas isso aconteceu muitas vezes...então havia uma reunião antes em que o avaliado dava conta do que ia fazer e o avaliador facultava os instrumentos, tudo transparente, havia a aula e depois havia uma reunião no fim para se discutir quer o que tinha acontecido quer e sobre os critérios de classificação e avaliação que ainda é outra coisa.. o que teve aí alguns engulhos, porque o Conselho Pedagógico discutiu se se devia dizer logo tudo ou não... mas eu disse logo tudo a toda a gente. Ou seja, eu disse logo quanto é que a aula tinha, usando a grelha que tinha sido adotada com aqueles intervalos.

E – E isso não foi discutido? Não houve disparidades, por exemplo, de o avaliado considerar que era mais um ponto, menos um ponto.

S2 – Na segunda situação de (2009 a 2011) não houve disparidades, na primeira classificação houve um caso de uma colega que achou que devia ter mais, mas nunca disse porquê

E – Mas neste biénio 2009-11 não?

S2 – Não . Houve situações em que eu tive que dizer que as aulas não tinham corrido tão bem como podiam ter corrido. Houve situações até em que me disseram que íam fazer uma aula normal, sem nada de especial, porque era isso que se pretendia, e que eu tive que dizer que ...depois de ver a aula que, também quando convido pessoas para lá irem comer a casa, dou-lhes o normal mas não lhes dou os restos... dar o normal, não é dar restos... para as pessoas perceberem que uma aula observada não é uma coisa qualquer, não tem que ser especial mas tem que ser cuidada, tal como eu quando convido alguém para ir lá a casa não é para verem eu e a minha mulher a atirar cadeiras um ao outro... também não costuma acontecer...mas enfim teve que se desfazer certos equívocos sobre o que é que é uma aula observada. O último processo correu francamente bem. E da parte de colegas mais novos... contratados que eu também avaliei...que era anual, eu tive até aulas de carácter espectacular, o que me deixa também um bocadinho com a desconfiança de que o ensaio foi grande... porque me apercebi que não era a primeira, nem a segunda vez que estavam a fazer aquela aula.

E – Portanto, consideras que os encontros pré-observação e pós-observação têm a sua pertinência?

S2 – Sim, sim... aliás, nem acho que possa ser de outra maneira... não é para combinar nada ... é só as regras... os guiões...o que é que vou fazer... para a pessoa saber com o que é que pode contar... e depois... no fim.... para fazer a crítica do que aconteceu... crítica no bom sentido.

3– Instrumentos de avaliação

E – Isto já falaste disto há pouco nem sei se queres voltar a referir, que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação?

S1 – Foram grelhas que a secção de avaliação do conselho pedagógico produziu (no último processo 2009-2011), porque no primeiro, foram grelhas que nós produzimos... pese embora que eu ache que a qualidade das primeiras era melhor do que as segundas.

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – Vamos falar agora dos pressupostos pedagógicos e dos modelos de ensino que tu achas masi adaptadas ao ensino da Filosofia. Qual o tipo de pedagogia que, na tua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia? Se é que achas que há alguma mais adequada?

S2 – Eu acho que isso depende muito do contexto das turmas, do *background* de alguns

alunos, das matérias. Eu acho que as aulas de Filosofia têm sempre de ter sempre duas componentes, uma componente expositiva e uma componente participativa. Não sou muito construtivista nessas coisas, não acho que os alunos tenham que descobrir a partir do nada. Porque a filosofia é uma disciplina constituída com conteúdos...

E – Mas precisa do diálogo?

S2 – Claro... Há duas fases. Há uma fase em que há uma certa magistralidade, digamos assim, e depois há uma fase heurística. Mas o diálogo só pode surgir a partir de conhecimentos mínimos, de um enquadramento mínimo que o professor tem que fazer. Não acredito no diálogo... Por exemplo, o Picasso... sabia pintar figurativamente... o Picasso não foi logo cubista...

E – Sabia pintar figurativamente e muito bem... vemos no Museu Picasso em Barcelona o percurso da obra...

S2 – Sim...vemos aquelas fases todas... Há quem pense que o Picasso foi logo cubista... E isso é uma aldrabice... Os alunos de Filosofia chegam ao 10º ano muito jovens e muito pouco treinados a não ser numa certa espontaneidade que as crianças e jovens têm... Penso que tem que haver um misto das duas coisas... tem que haver um certo academismo inicial...uma preocupação de não deixar descambar... e o diálogo e a fase heurística é depois... e é depois e em concomitância... é sempre um método misto ...não acredito em diálogos a partir do nada... até porque a filosofia tem um programa...e depois nós em filosofia temos uma grande luta contra o senso-comum... a filosofia é uma questão de opiniões... isso não é verdade... a filosofia não é uma questão de opiniões...ao contrário é de uma opinião fundamentada... não é a opinião do homem que está à porta do café e emite uma opinião...

E- Discutiste com o avaliado estas convicções pedagógicas? Qual a posição dele ?

S2 – No caso desse avaliado temos algumas afinidades em concreto. Ele está muitíssimo bem preparado. É uma pessoa com muita qualidade científica, tem uma excelente relação com os alunos, as aulas dele correram muitíssimo bem iam muitíssimo bem preparadas... a única coisa que eu... ele domina muito bem as novas tecnologias e utilizou das duas vezes que eu vi as aulas dele... utilizou... fez uma espécie de *powerpoint*. E foram aulas ... se não me engano da Ética e da Epistemologia...Foram aulas... os alunos corresponderam bem... sem serem alunos de grande ... mas eram participativos... ele disse-me o que é que ia fazer... deu-me o material antes... eu também lhe dei as grelhas com que ia avaliar...e portanto correu tudo bem, se bem que eu acho que a única coisa que ele podia ter era excesso de informação. O que às vezes acontece é que a aula é calculada por excesso e não por defeito...Pode ser que sobre tempo e é um grande drama, portanto, ...Pareceu às vezes que...

se bem que ele depois dá a volta a isso... mas pareceu às vezes que o nível académico do material era muito elevado para aqueles alunos... mas o que ele supriu bem porque ele depois trocou a coisa por miúdos... às vezes falar de Hume, ou de Kant, ou de Stuart Mill no 10º ano é um pouco complicado, se nós formos ao texto original e não se fizer um *digest* daquilo...

E – Mas isso vai um bocado ao encontro do que dizias antes, tem que haver um certo academismo temperado...

S2 – Sim, mas depois tem que haver uma certa descodificação... Ele também do ponto de vista visual enriqueceu muito aquilo... punha bonecos a falar... assim uma espécie de banda desenhada...foi uma aula muitíssimo bem conseguido... e nós discutimos tudo... ele é uma pessoa muitíssimo bem preparada cientificamente e é também muito trabalhador. Dorme pouco e então aproveita...

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E - Na tua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos:

5.a) Aprofundamento da reflexão sobre as práticas: Ajudou? Na tua opinião este processo de 2009-2011 ajudou a uma reflexão sobre as práticas?

S2 – Houve...Digamos nem que seja à *fortiori*... teve que haver. O processo foi imposto, era incontornável... não pode ser negligenciado... a pessoa que está envolvida não pode ... até por interesse próprio... há ali uma certa competição, a pessoa tem uma certa motivação, neste caso extrínseca... para ter o desempenho o melhor possível... não é tanto aquela coisa da nota... é mais uma questão... de... de...

E1 – Brio?

S2 – Exatamente... brio...Tiraste-me as palavras da boca... e depois também obriga a reunir... as pessoas com cada um ...entre todos... como o relator era o delegado de grupo...

E – Era o que eu te ía perguntar a seguir. Achas que houve um aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola?

S2 – Claro que sim. Houve.

E – Mas achas que foi mais entre os grupos ou mais alargado.

S2 – Foi mais entre os grupos...porque neste modelo o relator era quase sempre o delegado de grupo. E o grupo tendia a se inteirar do que se estava a passar e a apoiar... a apoiar com troca de experiências... etc.. as reuniões de grupo eram muitíssimo frequentes... às vezes havia uma por semana...eu, por exemplo, enquanto foi coordenador de departamento, podem-me chamar o que quiserem mas eu fiz imensas reuniões de departamento e de grupo...reuniões que não era para irmos lá por o nome na folha, era para debater... e, portanto, o grupo esteve

sempre ao corrente e sempre participando no processo e já que... eu por exemplo... eu orientei alguns mini seminários sobre avaliação da prática pedagógica... E não foi só para os avaliados...foi para todos...Ah e atenção... os avaliados eram todos... os que não tinham observação de aulas... quanto mais não seja pelo processo administrativo também eram avaliados...eu avalei o grupo inteiro...pelos relatórios... e, portanto, toda a gente participou, quem observação de aulas porque estava nos escalões tal e tal...ou quem não teve...mas teve que ser avaliado... quer fosse intenção deliberada ou não... como dizia o outro o que interessa é o resultado... e resultou....

E – Então e achas que contribui para a inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia?

S2 – Sim, de certo modo contribuiu, porque obrigou as pessoas a não serem banais... eu sei que há uma *decálage* entre as aulas assistidas e as outras aulas... como a outra colega que me disse que ia lá fazer uma coisa normal e eu falei dos restos...mas é porque a colega é contratada e... e quem fez isto também sabe isso que nas aulas assistidas há um certo *show-off* . De qualquer modo contribuiu para incrementar certas práticas que...porque de facto houve que prestar algumas contas... a supervisão é isso... é de uma forma de não ingerente... não prepotente... mas tem que haver como está na moda agora a *accountability*... E é muito lamentável, eu acho muito lamentável que...nos modelos de avaliação do desempenho do professor a primeira coisa que é sempre suprimida é a observação de aula e a única coisa que fica é o que interessa é o trabalho burocrático, que é o trabalho de encher *portfolio* e pode-se lá por então o que foi e o que não foi... se eu tiver um bom *portfolio* posso lá por coisas minhas. E isso é o que eu acho um bocado o faz de conta nestas coisas... os que tiverem mais de não sei quantos anos de serviço estão dispensados destas coisas...e os sindicatos acabam por negociar estas coisas e toda a gente fica satisfeita... quando ...

E – Então achas que a prática de observação de aulas devia ser mais generalizada?

S2 - Mais generalizada e não ter tanto o aspeto classificativo mas de uma crítica ... de avaliação para melhorar... e com o único objetivo de melhorar...

E – Com um carácter mais formativo...

S2 – Formativo... e devia ser uma coisa instituída... a gente devia ter... aí umas 10 ou 12... e até podia ser uma coisa mais dilatada no tempo... assim a cada 4 anos devíamos ter umas 8 aulas sequencias... ou 10 ou 12 ...porque o que é o professor faz? Faz exposições, frequentações de formação ... mas o essencial é o trabalho com os alunos... a área da turma...e isso é o que é mais minimizado... e eu penso que isso é o que não devia ser... mas como isto em última análise é um processo que é meramente burocrático e a intenção é meramente

burocrática e administrativa e até há as cotas e tudo... e depois fazem-se uns arranjos... aquela escola tem, esta não tem... e não sei quantos...e no final isto é tudo.... como dizia o outro na Canção de Lisboa ou no Pátio das Cantigas ...vamo-nos embora que isto é tudo uma grande vigarice... (Risos)...Com o António Silva e tal... a filha do presidente do clube ganhava sempre... E aqui também é um bocado isso...Isto é feito aqui uma barganha... o Departamento tal tem uma o outro não tem... e agora até não há nenhuma...

E – Ainda relativamente às consequências, achas que trouxe consequências para a motivação e para o desenvolvimento do profissional e motivação do docente avaliado?

S2 – Eu penso que tive uma experiência com casos contrastantes... há pessoas cujo perfil psicológico, não quer dizer que sejam maus profissionais, mas cujo perfil psicológico é isolacionistas e eu admito que possa ser assim...há pessoas que não gostam de partilhar... que gostam de trabalhar sozinhos... não gostam que ninguém se meta... que é uma coisa que... como isto é uma organização...e supostamente...uma organização...não é uma empresa.... eu rejeito isso... a escola não é uma empresa, mas é uma organização e uma organização tem uma estrutura, e uma estrutura tem que ter uma hierarquia... não é autoritarismo... é uma hierarquia e mesmo que fosse a comuna de Paris ou uma cooperativa o mais revolucionária possível... há-de haver um encontro de vontades e uma deliberação e isso é para seguir. O que acontece na educação em Portugal é que muitas vezes isso não se passa. Cada um toca o que sabe e tocam desgarradamente... não há orquestra, não há partitura, não há nada... e há pessoas, não sendo maus profissionais, às vezes até sendo bons, insistem às vezes nesta... como se não tivessem que dar contas a ninguém...isso ... este processo teve montes de efeitos perversos... mas teve esse efeito que foi tentar recentrar um bocado isso... isto não é cada um anda aqui a fazer como quer...e hoje em dia as coisas são muito mais organizadas, já ninguém rejeita aquele.. até nós no grupo de Filosofia somos todos muito ciosos... cada um é muito senhor do seu modo de ser, da sua prática, senti que da parte de algumas poucas pessoas aconteceu isso ou ía para acontecer, da parte da maior parte das pessoas não aconteceu. Da parte de algumas pessoas aconteceu isto, eu estou aqui, faço como entender, quem és tu para me dar lições... mas eu não estou aqui para dar lições a ninguém... agora, uma vez que estava naquela posição eu ía dizendo não...e de facto obrigou a que as práticas, neste momento, sejam de facto mais colaborativas, ainda que às vezes a contragosto, até porque há mais instâncias de supervisão. O conselho pedagógico hoje funciona muito melhor do que o que funcionava. Os delegados de grupo são muito mais interventivos, os coordenadores de departamento supervisionam.... Porque havia uma série de instâncias de supervisão formal, que não faziam supervisão real...porque não estão respaldados em nada... quando havia

bronca era porque não tinha feito... não assitiu à aula do colega... mas devia tê-lo feito...mas onde é que isso está instituído? Agora está, mas não estava... Só quando havia broncas, havia coisas gravíssimas é que isso acontecia... Também houve outro processo voluntarista, nos anos 80 e 90, que era as pessoas combinarem isso. Isso também se fez...mas era voluntarismo...faziam as que queriam... essas experiências são positivas mas são experiências pontuais...

E – Então achas que contribuiu para a motivação e desenvolvimento dos professores avaliados?

S2 – Acho que sim. Apesar de ter tido efeitos perversos, que é a tal história de ter instigado alguma competitividade em sentido negativo...

6 – Estilo de supervisão

E - Dos adjectivos seguintes qual escolheria para caraterizar o teu estilo como supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo?

S2 – Colaborativo.

E – A achas que foi o estilo mais adequado? Porquê?

S2 – Acho que sim. Porque eu pus .. muni os avaliados dos instrumentos... não tive qualquer segredo...inclusivamente até me bati, por exemplo, aqui na escola chegou a existir a directiva de os avaliadores não interferirem nas aulas... mas interferir é uma coisa e intervir é outra...e eu acho que podia intervir... não é intervir a ralhar com o avaliado... porque até isso foi equívoco...houve pessoas que acharam que o avaliador podia intervir para chamar à atenção de alguma coisa... mas não era isso... era entrar no diálogo.. acharam que era perturbador eu acho que não porque as pessoas não são autómatos... desde que isso fosse dito à partida... tudo tem que ser é combinado... olha, eu posso intervir...tudo tem que ser é combinado e as coisas têm que ser claras e transparentes...

E – Até porque como disseste no início era uma situação entre pares...

S2 – E entre pares... claro...e, portanto, nesse caso, chegou a haver alguma confusão entre intervir e interferir.

7 – Atitude do professor avaliado

E – Olha e como é que descreverias a atitude do [avaliado 2] face à profissão? Já falaste um pouco disso...

S2 – Sim ... é um professor muitíssimo empenhado, muitíssimo bem preparado, incansável do ponto de vista profissional... aliás, até é hiberbólico... tem uma óptima relação com os alunos e é um bocado especializado empiricamente em... não é que ele tenha... há pessoas que trabalham para as elites.. e ele não... ele tem tido cursos profissionais... turmas que em

princípio são um pouco difíceis... e ele é uma pessoa humilde... é uma pessoa que tem uma grande empatia com os alunos... não se põe ao par dos alunos... é um mestre... e é muito porfiado, é uma pessoa que trabalha muito, dá muitas oportunidades e fica até... um bocado ... contrariamente à posição do grupo... e tem um grande domínio das Tecnologias, das tic... é uma pessoa que se empenha muito.

E – A pergunta que se seguia era se consideras que o processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude?

S2 – No caso dele... a atitude dele não foi afetada porque ele já era... Ele até foi prejudicado, porque eu ía-lhe dar um excelente e ele só pode ter Muito Bom por causa das cotas. Porque não havia disponibilidade de cotas para ele.

8 – Aspetos valorizados positivamente

E - O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho que realizaste? Já falaste de muitas coisas...

S2 – O que eu encontro de mais positivo é podermos... confrontar o trabalho com algum padrão de exigência... antes destes processos era tudo uma coisa casuística... neste momento passou a haver um determinado padrão... se bem que discutível nalguns casos, mal feito noutros, ... epá... eu tenho que dar contas disto a alguém... não contas no sentido do imposto que eu pago, mas no sentido de que isto tem que ter um mínimo de transparência... e isso foi bom .. apesar de isto ter sido muito mal concebido e muito mal executado... não foi pior executado devido a quem esteve no terreno que teve profissionalismo e se empenhou porque a nível ministerial... a primeira grelha então foi caótica... o segundo processo já foi mais estável mas também tinha menos carga dramática... Até porque, no primeiro biénio foram os anos da bruxa – Maria de Lurdes Rodrigues – e o segundo foram os anos da fada – Isabel Alçada – só que uma bruxa é uma fada má e uma fada é uma bruxa boa... ou seja, o próprio estilo do Ministério amainou... o primeiro biénio foi o tempo da crispação, das manifestações, das greves, que eu participei nelas... o Ministério fui muito mal educado com os professores, tratou muito mal os professores na comunicação social, e no segundo biénio a coisa amainou até porque o perfil da ministra era diferente, era mais apaziguador e mais simpática ... até porque o partido socialista perdeu a maioria absoluta um bocado por causa disso...

E – Vamos lá continuar mais um bocadinho...

S2 – Isto faz parte da reflexão... isto é, o governo em funções... uma das causas da queda ... em termos de número 450 mil pessoas são muitas famílias... é muito voto

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E - Partindo do seu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?

S2 – A especificidade é... tem que haver diálogo... a prática dialógica é essencial... e tem que haver sobretudo no 10º ano...um grande cuidado para introduzir a disciplina porque são jovens de 14, 15 anos... não sabem o que ela é...depois os pais estão mal informados.. dão assim a ideia de que isto é do domínio do opinionismo... e depois a disciplina tem alguma reputação de não haver consenso... vê lá o que é que ele quer que tu digas... ou o que é que ela quer que tu digas...vê lá se vais contra a opinião dele... e é preciso definir isso muito bem , o que é a disciplina, que tem determinadas áreas, que tem uma história, apesar de não se reduzir a ela, e os programas neste momento não ajudam porque são muito atomísticos e dispersos... Pode-se dizer que estou um bocado viciado na minha formação como professor... os programas dantes tinham uma estrutura cronológica. Isso dá uma certa entretela, uma certa trama... e estava centrado em figuras...o Sócrates da Apologia...o texto para o 10º ano... o Galileu... e esses dramas faziam com que se criasse um interesse é por isso que as pessoas que vão à televisão como o professor José Hermano Saraiva, ou do David Attenboroug ou o Carl Sagan têm sucesso, porque a figuração ... para pessoas desta idade eu falar do drama do Galileu... se eu venho falar do experimentalismo, assim a seco...

E – Portanto, achas que eles têm fraca capacidade de contextualização cronológica?

S2 – Completamente, eles não sabem se Sócrates foi antes ou depois de David Hume... ou se o D. Afonso Henriques foi antes ou depois do D. Sebastião... e depois tem uma coisa... os alunos ... a culpa não é deles, nem é nossa... mas o próprio ar do tempo faz isso... há uma espécie de esquizofrenia coletiva... um pensamento dissociado... ou seja, o que eu aprendo em História ou em Filosofia, não é a mesma coisa...Se eu explico que Sócrates nasceu e morreu em não sei quantos a.C. eles perguntam... como é que isso aconteceu...então ele morreu antes de nascer...e coisas assim do género... há uma grande falta de referências... e eu sei que ... como diz o outro... tudo são narrativas... mas essa ausência de narratividade prejudica grandemente porque depois isso provoca ali um desconchavo intelectual muito grande e psicológico também...

E – Então diz-me uma coisa, na sequência disso, que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?

S2 – Deve desenvolver primeiro a informação, depois a capacidade de reflexão e crítica, mas primeiro deve transmitir a informação.

E – Portanto, primeiro deve ser bom a transmitir a informação...

S2 – Transmitir ou permitir que se adquira... agora o método cada um poderá escolher o seu,

cada escola... mas tem que haver informação...

E – Mas nessa transmissão estavas a falar também da importância de uma certa contextualização e de um ambiente dialógico...

S2 – Exatamente... eu não posso pegar numa coisa a seco ... neste momento os programas de Filosofia são muito virados para um certo esquematismo...

E – São muito temáticos...

S2 – Sim e os temas estão muito desgarrados e eu penso que isso é um erro...que se vai pagar caro... porque as pessoas memorizam ... quando não cabulizam... Aliás eu uma vez em conversa com uns colegas mais novos disse-lhes: vocês façam uma coisa... para a semana perguntem a mesma coisa... esses alunos alguns têm notas altas... mas perguntem para a semana sem os avisar... e vão ver que não sabem... não aprenderam.

E – E então como é que achas que essa especificidade pode ser tida em conta quando se faz o exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?

S2 – Como é que acho... A aula tem que ter, para mim... eu vi aulas dos mais variados formatos e até bastante disparatadas.. .E tive até ocasião de dizer à colega que aquilo não podia ser assim... Uma aula tem que ter um parte de sumo, tem que ter uma parte informativa, uma parte de trabalho e uma parte de conclusão... E eu uma vez vi uma aula que era fazer um trabalho de grupo.... Ou seja cheguei à aula e os alunos estavam a fazer um trabalho de grupo... e as conclusões eram para a aula seguinte... quando eu não estava lá...

E – Lá está era como estavas a dizer há pouco, se calhar faria sentido que não fosse observada só uma aula, mas 8...

S2 – Faria sentido a colega ter-me convidado para assistir à aula com a conclusão do trabalho de grupo. Tem que haver sempre alguma coisa de conclusivo... Se eu for ver uma feira de enchidos depois tenho que os comer...porque se eu ficar só por ver encher os chouriços... é mau... (risos)... Há sempre processos e resultados... e a aula tem que ser orientada para que haja resultados...

E – Quer dizer tem que haver alguma coisa por parte dos alunos que...

S2 – Que vá confirmar ou não o trabalho do professor... não só o *show-off*..

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E - Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia como é que conceberias a supervisão destes profissionais? E peço-te esta conceção atendendo a três aspetos: que princípios fundamentais é que deveriam orientar a prática do supervisor? Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas? E que características deveria ter o supervisor? Se calhar uma coisa de cada vez... Imagina então que

o objetivo é o desenvolvimento profissional do professor de Filosofia.

S2 – Vou começar pelo fim. O supervisor primeiro deve ser uma pessoa informada.

E – Quando falas em informada falas portanto em conhecimento científico?

S2 – Sim, depois deve ser uma pessoa com alguma experiência e isso está acautelado... porque quando não há cão caça com gato... porque a experiência não é um critério determinante mas é um critério bastante significativo ... experiência profissional, depois deve ser uma pessoa aberta e dialogante, não quer dizer frouxa ou laxista... e deve ser uma pessoa dialogante no sentido próprio... que a comunicação flua de um para o outro e do outro para o um... não é diálogo de surdos...

E – Quase no sentido da dialética platónica...

S2 – Exatamente, não é no sentido fala para aí... e depois penso que deve estar empenhada na tarefa... devem fazer de vontade... esta história das pessoas de designarem avaliadores externos por exemplo, as pessoas que são obrigadas a... eu acho que isso é uma coisa venenosa.. as pessoas que são obrigadas a ... podem fazer aquilo burocraticamente...

E – Achas que um avaliador interno dentro do grupo é sempre mais desejável?

S2 – Ou então um avaliador externo mas que esteja lá por escolha... não esteja lá por designação... porque aquilo foi de aceitação obrigatória... depois, quais eram os outros dois pontos...

E – Os princípios e as práticas ou atividades.

S2 – Os princípios é assim, os princípios da máxima transparência, da boa fé... e de ser para a finalidade da melhoria do desempenho quer da pessoa, quer da organização, quer do sistema... porque os clientes finais são os alunos... e as famílias têm direito à ser bem servidas pelo sistema... e isto não tem só a ver com os exames nacionais... até porque exames nacionais a gente já tem pouco...o de 12º ano acabou.., é lamentável...a Filosofia para o Direito é fundamental e não é a mesma coisa o exame ser do programa de 12º ou ser deste de 10º e 11º ... e ter sempre em atenção que há um resultado social do nosso trabalho. Há um resultado social E depois...as atividades...

E – As atividades que deviam ser promovidas... já há pouco disseste aquilo do conjunto de aulas que devia ser maior..

S2 - O conjunto de aulas devia ser maior e devia ser mais espaçado.. talvez o tempo que dure um escalão... agora não há escalão... estamos sempre no mesmo escalão... a exceção passa a ser a regra...e que haja além das observação de aulas... também outros momentos... reuniões com grande periodicidade e até momentos de formação dado pelo avaliador, quer por pessoas que se possam convidar e também não só desta realidade ...com esta escola, mas também

peessoas de outros sítios... isso é muito profícuo. E nós tivemos alguns momentos disso... não é só cursos para dar créditos... devíamos ter alguns momentos disso. Eu enquanto avaliador poderei ser formador também ... ou seja, promovi seminários, convidei pessoas até da prata da casa... aqui na escola, por exemplo temos pessoas de outros grupos muito interessadas e com muitos conhecimentos... aliás uma coisa é verdade esta escola deu um salto nos rankings brutal... porque, alguém trabalhou para isso... não que isso seja uma coisa muito justa... mas o que é certo é que esta escola tinha uma posição no ranking muito desacertada face ao seu nível social e nos últimos 4 anos... ou nos últimos 10 anos reposicionou-se muito bem... criámos um GAAF, um gabinete de apoio... e uma comissão de avaliação interna com uma avaliação rigorosa das práticas, criámos muito trabalho de apoio extra aula a alunos que precisam e a alunos que queiram melhorar... no ano passado esta escola passou de por um aluno em medicina para por 6... ou 8...

E – Portanto, relativamente às práticas a ser promovidas tu defendes mais aulas assistidas, num período de tempo mais dilatado, reuniões ...

S2 – Sim... e sessões de formação quer com as pessoas da escola, quer convidando pessoas isso é muito importante.

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E – Agora o atual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a do aperfeiçoamento. Já falámos também um pouco disto atrás, na tua opinião essa compatibilidade é possível? Porquê?

S2 – É ... é possível , claro que é possível...é possível porque uma coisa quase que implica a outra porque o aperfeiçoamento profissional é um factor de responsabilização... se eu andar em roda livre... acaba por ser... eu penso que por exemplo a nível do ensino superior há muitos bons prelectores mas há muito pouco bons professores... ou seja, eu posso ter um desempenho brilhante mas aquilo não ter nada a ver com nada. Como diz um amigo meu que é biólogo eu posso fazer uma tese em (ininteligível) que para a biologia é importante mas que par ao resto não é...e numa escola secundária, nem numa faculdade, sequer, não é isso que se pretende, que o sistema pretende ... acho que o facto de sermos obrigados a confrontar as nossas práticas, a colaborar, devia ser mais despido daquela coisa da avaliação, da cota, daquela coisa... que eu também percebo... vamos lá a ver uma coisa, não sendo eu partidário do sistema percebo que... o que é que se ganhou com isto em termos daquilo que o sistema pretendia... em termos administrativos... o resultado é exactamente o mesmo... porque alegava-se maliciosamente que os professores eram todos bons... não se avaliava... agora são

todos bons à mesma... agora a nível de responsabilização, de solidariedade com o trabalho dos colegas, com o trabalho da própria escolas, percebemos que não estamos aqui a falar sozinhos. Por exemplo, eu quando fiz estágio...

E – No fundo tu estás a dizer que ajudou a que as organizações também criassem uma certa identidade...

S2 – Sim uma identidade e há uma certa cultura de partilha e de responsabilidade... porque eu quando fiz estágio... eu comecei a trabalhar como professor sem rede... o que é que eu fiz.. repliquei um pouco o que via como aluno... da parte burocrática deram-me duas direcções de turma e eu não sabia o que era uma direcção de turma...depois quando chegou ao final do primeiro período perguntaram.. então as faltas... quais faltas... eu não sabia, ninguém me tinha dito nada... e então estive até às quatro da manhã a tirar faltas... porque era aquela parte que eu não sabia... isto já foi em 76-77... um dos riscos desta profissão é que os professores caiem aqui sem rede... e dantes nem estágio tinham feito... agora já têm...

E – Aliás todos os professores que avaliaste passaram já por um estágio profissional

S2 – Passaram pelo estágio mas nem todos fizeram o mesmo tipo de estágio... alguns fizeram estágio pela universidade aberta em que não tinham aulas assistidas e alguns nunca tinham tido aulas assistidas...Portanto, estava eu a dizer que... agora a totalidade tem estágio...é uma profissão a que se chega desapoiadamente eu quando fiz estágio... as aulas que eu dei depois do estágio... eram talvez menos espontâneas, mas eram muito melhores porque eram mais organizadas...e isto também contribuiu para isso... para as pessoas se organizarem mais...

E – Ou se reorganizarem

S2 – Ou se reorganizarem...porque as pessoas mesmo que rejeitem o modelo.. fica lá sempre alguma coisa... ele disse-me isto, disse-me aquilo... e eu disse que não era bem assim... fica sempre lá qualquer coisa...nas aulas assistidas disseram-me epá tira a mão do bolso, não fales para dentro, não tapes o quadro... são coisas que são úteis e se forem ditas sem acrimónia... de boa fé... é uma coisa boa... positiva... porque a gente não dá por isso... nós não nos vemos... não temos um espelho à frente...

E – Essa ideia do espelho é interessante...o outro é como se fosse o espelho?

S2 – O outro é que nos está a ver...a única pessoa que nós não conhecemos directamente somos nós...

12 – Contributo da formação filosófica

E – Se calhar isto até vem um bocado na sequência do que foi dito. Consideras que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores?

S2 – Acho que sim, sem dúvida.

E – Porquê? O que é que há na formação científica do professor de Filosofia que ajuda a estas práticas?

S2 – É assim, a Filosofia é um território muito vasto. Tem muitas áreas e os problemas são muito diversificados. Quanto mais o supervisor estiver à vontade nessas áreas mais correta pode ser a avaliação..., porque imagina que há um tipo que não percebe nada de lógica e vai assistir à aula de lógica... é como essa história do professor de Português ir assistir à aula de Inglês... eu até gosto de Literatura, eu até gosto de História e posso saber muito de Informática, mas isso é por acaso. A formação científica, não sendo condição suficiente, é condição necessária, absolutamente necessária...

E – Mas aqui a ideia é para exerceres o cargo de supervisor ou fazeres uma autosupervisão.... Independentemente da formação científica ser necessária para conheceres o que é transmitido aos alunos e assim poderes avaliar, mas a tua formação científica para exerceres esta função deu-te alguns instrumentos que te apoiaram...

S2 – Deu... deu-me instrumentos quer a nível emocional e psicológico, confiança, quer até ... formação científica e pedagógica...

E – Eu estou a falar especificamente da Filosofia...

S2 – Ah sim, porque a Filosofia exige um modelo... eu tenho um modelo platónico e o modelo socrático dentro da cabeça... até a nível inconsciente... e isso dá-nos uma certa propensão dialógica e até uma certa, como é que se chama... dá-nos às vezes um apetite maior ... uma esperança que se faça luz... ah ... estou a perceber... falas ao nível da atitude...na nossa formação científica valoriza-se o diálogo e isso dá-nos uma certa confiança...

E – Quer para a supervisão, quer para uma autosupervisão...

S2 – Sim, acho que sim.. aliás o analista deve sempre analisar-se... eu naquilo confrontei-me... aliás, gostei muito do trabalho por isso... que eu tinha algum receio de o fazer... e perdo o receio todo... e tinha receio de o fazer porque é melindroso... e penso que a nossa formação também nos ajuda um bocado...até porque estamos habituados a fazer uma certa análise fenomenológica...e compreender...

E – Portanto, essa ideia de que a objectividade não é nunca pura, essa ideia de que há um ponto de vista...

S2 – Sim só que esse ponto de vista não começa logo nos quês e nos ses.. e que se pode neutralizar até certo ponto... eu não tenho que estar de acordo com o enfoque... eles têm que me mostrar é como é que chegaram lá...

E – Exatamente, então quando estás com o avaliado ele pode ter um ponto de vista diferente, tem é que te mostrar como é que lá chegou

S2 – Exato... não posso analisar a aula de ninguém pelos pontos de vista... não posso discutir pontos de vista... tenho é que discutir processos e tenho que discutir resultados... reconheço que há coisas muito bem feitas mas que o ponto de vista não tem grande valor... nesse ponto de vista ajudou bastante... acho que sim... as coisas nunca correm como nós queremos que corram mas não tive grandes surpresas...

E – Muito obrigado!

ANEXO 3.3. – ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº3

ENTREVISTA AO SUPERVISOR Nº3

Abreviaturas utilizadas na transcrição:

Entrevistador – E

Supervisor 3 – S3

E - Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

5. Dados pessoais

5.1. Género do inquirido – Feminino ___ Masculino **X**

5.2. Idade

Menos de 35 anos ___ Entre os 35 e os 45 anos ___ Entre os 45 e os 55 anos **X** Mais de 55 anos

6. Dados profissionais

6.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos ___ Entre 5 e 10 anos ___ Entre 11 e 20 anos ___ Entre 21 e 30 anos **X**

Mais de 30 anos ___

6.2. Experiência em supervisão pedagógica anterior a este processo de avaliação de desempenho:

Sim **X** Qual? Orientador de estágio

Não ___

7. Formação académica

7.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato ___ Licenciatura **X** Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___

7.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato ___ Licenciatura ___ Pós graduação ___ Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro

___ Especificação: _____

7.3. Formação específica em Supervisão Pedagógica

Sim **X** Qual? ___ Formação dada pelas faculdade para orientadores de estágio e no ano letivo

2012/2013 formação dada pelo centro de formação no âmbito da avaliação externa

Não ___

8. Processo de avaliação de desempenho em análise

8.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 ___ 2012-2013 **X**

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do supervisor/relator**

E – A primeira pergunta que quero fazer é sobre a tua representação deste processo de avaliação de desempenho. Como encaraste este processo de avaliação de desempenho? Viste-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controlo ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento de outro docente ou ainda de outra forma?

S3 – É assim, inicialmente todo este processo está inquinado. E está inquinado porquê? Por todos estes constrangimentos que nós estamos a ter, não é... E tendo todos estes constrangimentos eu acho que não havia muita gente disponível para fazer esta avaliação, por isso eu fui obrigado a avaliar. Quer dizer, se dependesse de mim, perante todo o contexto e perante todos os constrangimentos eu não fazia de avaliador externo... E aliás eu perguntei ao centro de formação se poderia não aceitar ser avaliador externo. No entanto, a partir do momento em que eu fui obrigado a aceitar eu vejo o processo como um processo formativo, vejo o processo no sentido em que as pessoas ao exporem o seu trabalho e alguém assistir ao seu trabalho e se alguém pudesse participar no seu trabalho, isto era uma forma de nos irmos formando uns aos outros. Esta é a forma como eu vejo. Portanto, se não dependeu da minha vontade o facto de eu ser avaliador externo, no momento em que eu fui chamado a este serviço e fui obrigado a fazê-lo fi-lo da forma mais profissional possível.

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E - Que aulas é que foram observadas - disciplina e ano – lembras-te?

S3 – Foram de 11º ano de Psicologia, uma turma de um Curso profissional.

E – A colega, portanto, não dava Filosofia.

S3 – A colega já há muitos anos que não dava Filosofia. Tinha sempre... era uma pessoa que estava no limite do horário... uma das últimas do código do grupo de recrutamento e por isso ela só tinha Cef's e Profissionais... dava as outras disciplinas do nosso grupo de recrutamento.

E - Que tipo de observação é que realizaste – naturalista ou focalizada? Ou seja, fizeste uma observação mais generalista sobre aquilo que estava a decorrer na sala de aula ou focaste-te em alguns aspectos particulares, de acordo com alguma grelha?

S3 – Eu... pela experiência que tenho [orientador de estágio] levo sempre uma grelha para me focar naquilo que eu penso que é fundamental e o que é fundamental é o desempenho do professor. E por isso, nesse contexto eu penso que era uma observação mais focalizada, nas competências do professor, como ele se expressa, como domina os conteúdos, na relação pedagógica, sabendo nós que a avaliação externa era centrada mais na área científica e menos na área didáctica. Isso cabia precisamente ao avaliador interno.

E- Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação?

Como descreveria os encontros pré observação e qual a sua pertinência?

S3 – Sim... isto é, eu assisti a duas aulas e essas duas aulas porque era o que estava estabelecido e foi o que a colega propôs... essas duas aulas... Numa primeira impressão que nós tínhamos da avaliação, e porque esta avaliação era orientada e supervisionada pelo centro de formação de professores de Barreiro e Moita e por isso, orientação, nós não tínhamos orientação e, por isso, cada supervisor fazia aquilo que a lei e os normativos legais determinavam... e por isso, numa primeira fase, eu achei por bem, neste sentido fazer um encontro com a colega, tentar ver os constrangimentos que ela tinha quanto à avaliação e tentar delinear um plano de ação para a avaliação. E por isso fizemos esse pré-encontro porque efectivamente eu achei. As orientações na formação que tivemos depois no centro de formação era que não deveria de haver, porque a avaliação era formal, quanto menos contacto afectivo... isto segundo o orientador do centro de formação... quanto menos contactos tivéssemos para evitarmos problemas a nível de recursos... coisa que eu nunca entendi bem... porque uma coisa é a parte formal e outra é a ligação que nos temos como profissionais e a orientação do trabalho. O que nos foi dito é que nós não estávamos lá como orientadores. O orientador seria o avaliador interno e nós seríamos apenas um avaliador externo, e como avaliador externo estávamos lá para observar e registar. Por isso, eu numa primeira aula fiz esse pré- encontro...

E – Porque não tinhas ainda essas indicações...

S3 – Porque não tinha estas indicações, observei depois a aula e depois fiz um encontro também para analisar a aula. Depois numa segunda aula já não foi assim porque as orientações no fundo, não obrigavam que fosse feito de outra forma...até desaconselhavam... referindo sempre a questão do recurso... porque depois como é que nós poderíamos justificar todo este envolvimento como o avaliando... e por isso, nunca nos obrigaram a fazer de outra forma, mas aconselharam sempre que não houvesse outros encontros, nem antes nem depois...mas depois ficava um pouco ao nosso critério.

E – Portanto, estava desaconselhado qualquer diálogo?

S3 – Que não fosse meramente formal... mesmo a entrega dos documentos era toda feita via centro de formação ou via escola... isto dito mesmo pelo formador... que eu achei um pouco estranho porque achava que não deveria ser assim...

E- Portanto já me falaste nisto, eu ía perguntar como descreverias os encontros pós observação e qual a sua pertinência. Só houve um encontro pós observação?

S3 – Sim... foi do primeiro encontro. No primeiro encontro as coisas foram feitas em função daquilo que eu pensava ser o melhor. E o que é que eu pensava ser o melhor? Haver um primeiro encontro em que a colega me diria o que iria fazer na aula e se me quisesse entregar as coisas

formalmente entregava, senão depois mandava-me por *mail*, tínhamos a aula e depois tínhamos acordado que depois fazíamos um encontro de apreciação da aula, para ela saber e depois enviaria o registo para o centro de formação. Isto foi o que foi feito na primeira observação. Na segunda aula não foi feito assim, porque efectivamente foi-nos indicado na formação que a função do avaliador externo era avaliar, não para orientar. Nós observávamos, registávamos e avaliávamos. Tudo o resto passaria para o avaliador interno: a parte pedagógica, a parte didáctica, a parte orientativa, parece que seria suposto que o próprio avaliador interno estivesse ao par da própria aula assistida..

E – Mas então estou eu a dizer faria sentido que ele observasse também a aula.

S3 – Penso que o avaliador interno também não tinha essa conceção da forma como a avaliação deveria ser feita. Mas também se nota que em termos iniciais ninguém sabia muito bem como é que isto ia ser. Porque esta figura do avaliador externo é uma coisa nova, a legislação é sempre a regra, o regulamento... e depois parece que ninguém se quer responsabilizar muito pelo regulamento... então o centro de formação orientava-nos um pouquinho para o formador... o formador vinha via Ministério da Educação e havia dois formadores para a área do Barreiro – Moita, eles vinham quase como porta-vozes do Ministério da Educação. E por isso havia uma tentativa de que isto se tornasse formal e mais ou menos universal. Não sei como é que decorreu noutro sítio, não tive esse conhecimento, mas na nossa zona foi mais ou menos esta a orientação.

3– Instrumentos de avaliação

E - Que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Considera que foram adequados à especificidade da disciplina?

S3 – Os instrumentos recolhidos foi aquilo que a avalianda me entregou, que foi o quê: plano de aula, os recursos que ela utilizou... que nesse primeiro encontro até foram conversados um bocadinho comigo e com ela... depois utilizei a minha grelha de registos que foi concebida por mim. Até estava à espera que nessa formação, já que era universal, construíssemos uma grelha mais ou menos universal... não tendo eu peguei mais ou menos nos indicadores fornecidos pelo Ministério e construí uma grelha de avaliação

E – Portanto não houve uma grelha fornecida pelo Ministério?

S3 – Não, nós trabalhámos na formação instrumentos possíveis... a partir da legislação... em grupo e aquilo no fundo era mais opinativo... que é isto que eu não gosto muito... na formação era para nos ajudar a criar conceitos rigorosos... mas não aquilo era um pouco opinativo...

E – Parecia também que era essa a finalidade...

S3 - O que parece é que neste tipo de formação ninguém se quer comprometer com o processo... ou seja, é de tal forma formal que comprometer-me a dar uma grelha que depois parece que... é lógico

que depois mesmo seguindo a legislação é orientada a partir do que cada um de nós pensa

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – Relativamente agora aos pressupostos pedagógicos. Qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia? Eu sei que não observaste aulas de Filosofia mas queria saber se achas que há algum tipo de pedagogia que é mais adequada?

S3 – Ora bem eu acho que qualquer tipo de pedagogia comum a todas as disciplinas que são lecionadas no nosso grupo, devem ter uma base dialógica, isto é, a tentativa de levarmos a que o aluno perceba o que é que está em causa, quais são os problemas que estão em causa... e isto penso que serve para a Filosofia, serve para a Psicologia... para qualquer disciplina... o que é que está em causa? Nesta aula o que é que é que nós vamos dar... e isso deve ser precisamente de base dialógica... em que o aluno perceba duas ou três questões ou uma questão que vão resolver durante a aula ... e depois que será fundamentado num texto... num texto que pode ser de autor ou que pode ser do próprio professor... por isso que tipo de aula eu defendo, eu defendo um bocadinho um aula em que há uma abertura do tema por parte do professor, abertura, o que é que vamos falar... o levantamento da questão pelo professor, tentar se os alunos conseguem levantar alguma questão sobre esse tema e depois apresentar um texto ou outro instrumento qualquer, uma imagem e a partir dali criar a aula e construir a aula com o aluno. Não sou tanto da ideia de que os alunos têm muitas opiniões sobre as coisas, senão ficamos no ramo opinativo, e o que é que acontece hoje em dia muitos alunos não têm grande formação e então ficamos ali naqueles conceitos básicos e não passamos dali. Eu acho que o professor deve-se ancorar num texto seu ou noutra tipo de recurso mas que leve o aluno a pensar e a trabalhar as ideias fundamentais que nós pensamos que são importantes para desenvolver aquele tema. Eu, mesmo ao nível da Filosofia, nos anos que nós lecionamos, são temas... olho mais aquilo por temas. E tento, por exemplo, que sobre cada tema o aluno consiga com a ajuda do professor levantar questões significativas. Ficarei contente se o meu aluno durante dois ou três anos que esteve comigo, no final saiba, pelo menos, identificar os problemas e tentar respostas para eles, se não souber os autores penso que isso não é importante.

E – Tiveste algum tipo de conversa e discutiste isso com a avaliada nesse encontro pré observação?

S3 – Nesse encontro disse precisamente isso. Eu até disse que para mim uma aula o que é que é. Se for eu a fazer uma aula eu tenho três partes na aula. Uma parte que é de apresentação que é o professor, o professor brilha, depois uma parte de construção da aula com o aluno através de um texto, de uma imagem, através de um instrumento qualquer que se acha significativo e depois uma parte final de conclusão, em que, se nós conseguirmos o aluno é que faz a síntese da aula, com a ajuda do professor. A minha forma de encarar o processo de aprendizagem em Filosofia é este, independentemente de os autores, o que é interessa é os alunos trabalharem conceitos e saberem que

tipo de conceitos estão em causa, porque depois disso vai servir em todas as outras disciplinas.

E – E a posição da avaliada, achas que ía ao encontro disso, era próxima?

S3 – Eu penso que todos nós em Filosofia temos essa vantagem, vantagem diferente de todas as outras disciplinas. Porque a nossa disciplina é isso: reflexão, crítica, problematização. E por isso penso que dificilmente encontraremos alguém em Filosofia que não pense desta forma. A nossa dificuldade, e eu digo, a minha dificuldade é face às turmas conseguirmos cumprir isto, porque facilmente nós caímos no senso-comum e facilmente passa a ideia para o aluno que tudo facilmente é dito e tudo é conhecimento.

E – Se calhar às vezes poderá ser difícil fazer todo esse processo numa aula só, porque às vezes num conjunto de três ou quatro aulas consegue-se fazer esse processo, quando os trabalhos são mais consistentes e mais complexos. Que te parece?

S3 – Claro às vezes não se consegue e isto para mim é um processo da própria pessoa, daí que não faz muito sentido a pessoa avaliar no primeiro período porque a pessoa tem que conhecer a turma, vai criando um certo relacionamento com a turma. Há muitas coisas, pelo menos no 10º ano a trabalhar com os alunos e que os alunos hoje em dia não trazem, o saber estar na sala de aula por exemplo. Eu no primeiro período o que estou a trabalhar é isso, o silêncio. Como é que podemos levantar questões sem silêncio, sem sabermos o que estamos a discutir.

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E - Na sua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos. Portanto, essa avaliação que fizeste trouxe alguma consequência no que diz respeito por parte do professor avaliado do aprofundamento da reflexão sobre as práticas? Tens maneira de dizer se houve consequências.

S3 – Eu penso que não há muitas porque nós, a forma como estamos a encarar o processo de avaliação, não sei se as pessoas chegam aí, não chegam. Quer dizer eu acho que há uma consequência porque a pessoa efectivamente faz uma reflexão sobre o seu próprio trabalho, mas todos os constrangimentos que estão à volta da nossa avaliação neste momento não dão muito espaço a consequências formativas. Com isto não quer dizer que noutros nestes caso, noutras situações... nos casos como este e no modelo anterior e até comparando como o estágio, toda a gente diz que é diferente ... e todos nós sabemos que é diferente estarmos a ser avaliados em situação de estágio e outra é estarmos a ser avaliados assim. O que me fez acabar com a orientação de estágio foi precisamente o quererem fazer um estágio sem prática pedagógica de o formando ser efectivamente professor de uma turma, Por questões economicistas acabaram com este tipo de estágio e eu acedi a ficar mais um ano no sistema atual de estágios só por simpatia com a faculdade, senão não ficava, porque acho que é impossível alguém fazer formação sem efectivamente ser

professor. E ser professor, no mínimo, para haver formação e alguma consequência dessa formação é com uma turma que é sua, com os riscos que isso traz e o desafio para o professor. E por isso outros modelos de estágio não resultam numa formação efetiva do professor.

E – Relativamente a este modelo de avaliação não vê então consequências?

S3- Não vejo consequências, porque há muitos constrangimentos. As pessoas não estão ali de livre vontade, as pessoas não vêm este processo sério, as pessoas não têm uma ligação ao próprio avaliador, veem-no sempre doutra forma... e, portanto, quer neste processo, quer naquele que fiz como avaliador interno... o que é que acontece, acontece que todos os constrangimentos causaram desconfiança no modelo de avaliação de professores, há uma desconfiança real no modelo efectivo de avaliação e se calhar todos nós temos a nossa cota parte de responsabilidade. Porque eu acho que quem tem que avaliar os professores são os professores. Não é ninguém de fora, não é ninguém de empresas, são os professores. E as pessoas não percebem que no momento em que eu estou a ser avaliado, mesmo que seja por um colega, o colega tem essa função, por isso, em termos de relacionamento é um avaliador, noutra situação é um colega, e enquanto avaliador tem uma autoridade sobre mim que me pode ajudar a eu perceber algumas dificuldades que eu possa ter no processo de ensino aprendizagem.

E – Agora outra pergunta e quanto ao aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola, não sei se te apercebeste de alguma consequência neste sentido.

S3 – Não, penso que não. Eu penso que este modelo poderia ser, se não houvesse todos estes constrangimentos, não sei se numa próxima geração de professores ... porque há um conjunto de constrangimentos que faz com que o processo não seja assumido por ninguém.

E – Por exemplo, que constrangimentos?

S3 – Os constrangimentos legais... os professores estão esgotados com todo o tipo de trabalho, e por isso há quase uma reivindicação sobre a avaliação e os motivos são exteriores à própria avaliação. E muitas vezes nós não percebemos isso...E por isso as pessoas não vêm como um processo formativo mas como uma imposição legal. E por exemplo eu também fui avaliado, e quando fui avaliado o colega disse-me a nota e eu disse que gostaria de falar com ele depois e ele perguntou porquê? Vai reclamar da nota? E eu disse não, eu gostava de falar contigo...para saber o teu parecer sobre o meu trabalho... o que é que te levou ... e até hoje nunca falei... As pessoas vêm [isto] numa situação meramente formal e porque são obrigadas e depois de fazerem aquilo a que são obrigadas despacham e acabou, é um despacho legal apenas... não há espaço...

E – Então não há uma dimensão formativa?

S3 – Não há espaço... também não vou dizer isso porque se calhar outras pessoas poderão dizer o contrário... aquilo que eu observo e a experiência que tenho é que a forma como a avaliação foi

implementada no nosso sistema não dá espaço para se defender a avaliação formativa ... há um espaço para o “porreirismo” ... Ahh... está tudo bem, está tudo porreiro... e por isso, como está tudo bem está tudo porreiro isto é uma maravilha... mas penso que não é isso

E - Depois, inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia, achas que houve alguma consequência? Eu aqui perguntava para a disciplina de Filosofia, mas como não avaliaste Filosofia, falemos da inovação em geral...

S3 – Não...penso que não... quer dizer... mais uma vez eu digo... a própria pessoa que está a ser avaliada, para si, só o exercício que ela faz de uma preparação de aula diferente... só o facto de estar numa tensão diferente...porque é diferente, é uma aula observada minha ou de outra pessoa qualquer é diferente, é uma aula construída com outro objetivo, e por isso, nem os alunos estão à vontade, nem a pessoa avaliada está à vontade, nem o próprio avaliador está à vontade, porque está ali como uma pessoa estranha. Por isso, não se construiu nada em que todas as pessoas pudessem estar à vontade e que aquilo fosse efectivamente a avaliação de um trabalho, e porquê? Por todos estes constrangimentos que nós sabemos... Pessoas que vêm de fora, quando é colega é porque é par e porque é par não tem competências para avaliar... eu penso que este modelo de formação ou outro qualquer enquanto não houver alteração destes constrangimentos não vai ter grandes resultados em termos processuais...

E – Em termos de desenvolvimento?

S3 – Sim, sim... A única coisa que eu penso é isto: a pessoa ao fazer está-se a esforçar para melhorar os seus processos e a consequência é essa, mas é a consequência mínima... pois a pessoa também faria isto de outra forma... e depois se não tem ninguém e se depois não há um grande *feedback* disto, não há espaço para esse feedback e esse feedback é pouco, porque quando nós depois queremos orientar alguns aspectos as pessoas depois também não ficam muito contentes... ou passas para um situação em que tudo está bem... ou quando se faz de uma forma mais formal...não sei se isto tem a ver com o meu carácter... por exemplo, na avaliação anterior em nós fazíamos a aula e depois eu preocupava-me em dizer o que pensava às pessoas e fazia-o antecipadamente de uma forma pensada e por escrito e depois lia aquilo que pensava às pessoas e as pessoas não gostavam... o que é que queriam...tudo correu bem... e penso que neste processo... é lógico que há coisas positivas...mas a importância deste processo é que uma pessoa com as mesmas falhas ou até mais falhas do que a outra...eu posso ter as mesmas falhas ou até mais...mas penso que posso dar alguns indicadores para melhorar. Penso que, das pessoas que avaliei... à exceção dos estagiários...nunca vi disponibilidade das pessoas para ver o processo dessa forma...

E – A última pergunta era sobre desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado. Já está um pouco implícito em tudo o que disseste...

S3 – Eu penso que as pessoas estão motivadas... não digo que não estejam

E – Mas o processo em si traz essa consequência...

S3 – Não traz essa consequência... se trazer é uma consequência mínima do próprio trabalho da pessoa... aquele momento... a pessoa está em tensão... isso pode ter alguns resultados, mas não são grandes resultados, nem resultados conversados... o que é que acontece ... uma outra coisa era se pudesse a partir dali haver uma consequência disso... até a própria pessoa... bem este aspeto... nunca tinha reparado nisto... o que é que acontece... quando uma pessoa dá estas indicações... vem uma justificação ou uma desculpa e não se integra aquilo como um processo formativo...

6 – Estilo de supervisão

E – Agora, quanto aos estilos de supervisão... Eu já percebi que tinhas inicialmente pensado agir com um determinado estilo e depois tiveste de o mudar mas podes mesmo falar sobre isso. Dos adjectivos seguintes qual escolherias para caracterizar o teu estilo como supervisor? Directivo, não directivo, colaborativo, ou outro atendendo à orientação que te deram? Ou seja, neste processo qual foi o teu estilo?

S3 – Se eu quisesse ser simpático dizia colaborativo, se eu quisesse ser simpático... mas eu acho que não é aquilo que o avaliador externo tem... o avaliador interno se calhar tem mais... eu acho que qualquer avaliador de qualquer área deve ser directivo e colaborativo. Ou seja, directivo não no sentido de direccionar mas de orientar, isto é, o que é nós podemos fazer em conjunto. Mas a colaboração nunca é feita. Mesmo na minha própria formação por exemplo, quando se fazia por exemplo uma grelha para planificar. Muitas das vezes aquilo surgia da minha própria. Eu, enquanto orientador de estágio, por exemplo, tentei dar aquilo que muitas das vezes não me davam, porque eu vi as falhas no processo anterior... não é faz!, Mas podes fazer desta forma, ou podes encontrar uma forma de fazer melhor... como é que se planifica? Eu planifico assim, mas também podes arranjar outra maneira

E – Portanto, quando tu dizes directivo, no fundo estás a dizer que também faz parte das funções do supervisor, pelo que eu entendo, quer seja no caso dos estagiários, quer seja no caso dos próprios colegas, a função de dar sugestões, de apresentar alternativas...

S3 – Alternativas sim...

E - Não quer dizer que as sigam...

S3 – Claro, nem têm que seguir, porque aqueles são pontos de vista, muitas das vezes até diferentes e seria nesta partilha que o avaliador poderia melhorar e que o avaliando poderia melhorar. Caso contrário o que é que acontece... É alguma coisa que é feito... e costuma-se dizer que quem faz um filho fá-lo por gosto... só se for por acaso... e quer dizer o quê... qualquer pessoa que faz uma coisa, dificilmente depois consegue separar-se e com os constrangimentos da avaliação actual, muito

menos, por isso depois parece que a pessoa fez tudo perfeito e depois para não dizer que foi tudo perfeito, aponta uma coisinha ou outra mas nunca é negativa... Há aqui algumas dificuldades que as pessoas têm que ser trabalhadas. Apenas quando nós percebermos... Se nós falarmos com as pessoas todas as pessoas querem ser avaliadas...

E – Achas?

S3 – Eu acho que sim, não há ninguém que tenha a coragem de dizer assim... «Eu não quero ser avaliado.» Porquê? Porque é moda, porque agora em todas as áreas a avaliação é inerente... Agora, ou por falta de algum tempo, por falta de algum espaço para as pessoas poderem fazer isso.. não há este interesse colaborativo neste trabalho que se faz... e eu vi enquanto avaliador...que quando eu tentava que apresentassem sugestões reais de uma grelha...se queremos uma coisa formal e universal é necessária uma grelha...

E – Isto agora neste processo?

S3 – Sim.

E – Então por um lado não podias ser muito colaborativo, mas por outro lado também não tinhas uma grelha tinhas que ser formal, mas não sabias qual o critério a seguir?

S3 – O critério era legislativo... os indicadores. Aliás eu apresentei ao formador uma grelha e o que eu estava à espera seria aquilo que eu esperava enquanto avaliador seria... epá se fosse eu faria isto desta forma ou aquilo daquela forma... mas não...só dizia... pois é possível, é possível fazer assim... porque o que eu é queria era que me dissessem isto não faz sentido, por isto assim e assim, ou isto faz todo o sentido, mas não, e nós ficámos ali sozinhos... nós sabemos que o ato de avaliação é sempre solitário, e não pretendo que seja de outra forma, pelo menos o momento classificativo... mas... nós como avaliadores... o que eu sinto é que cada pessoa foi deixada sozinha... depois dá-se essa formaçãozinha para dar a entender que as pessoas não estão sozinhas... e depois quando tentamos falar com alguém cada um sente-se sozinho à sua maneira... e tenta fazer o seu trabalho e aqui sim...da melhor forma... e de uma forma profissional...

E – Portanto, já respondeste um pouco ao que eu ía perguntar. Eu ía perguntar se consideras que foi o estilo mais adequado, mas atendendo a aos constrangimentos e circunstâncias é óbvio que consideras que foi o mais adequado, agora, se calhar poderia ter sido de outra forma...

S3 – Pode...podia ter sido... , porque é que não se tem a coragem de criar ...para quem quer uma bolsa de formadores... de pessoas que queiram ser avaliadores... que queiram ... que queiram investir na sua avaliação... criou-se uma bolsa de avaliadores... eu faço parte dessa bolsa agora... possivelmente este ano já não vou avaliar... mas por exemplo, o ridículo disto é que agora foram chamadas outras pessoas para outras disciplinas... não sei bem qual é o critério... é o critério da necessidade...quer dizer...vem qualquer um porque é necessário...e o ridículo é que segundo o

estatuto qualquer um pode avaliar...

E – Bem... há um conjunto de critérios... em primeiro vem quem tem formação, depois há a experiência... tu por exemplo tinhas experiência...

S3 – Pois... mas é...ou ...ou... e se não existir ninguém qualquer um serve...e é engraçado eu enquanto avaliador externo que fui no ano passado eu teria toda a disponibilidade não para avaliar ninguém mas para continuar a receber formação...faria todo o sentido... faço parte de uma bolsa de formação...e seria chamado...mesmo não tendo avaliados... tendo tempo disponível em tempos de horário seria chamado para aperfeiçoar todos os processos inerentes à avaliação... faria todo o sentido...mas isso não acontece... agora criaram os avaliadores que são necessários para este ano e devem estar a receber a mesma formação que nos tivemos... e repete-se tudo... a formação é informativa... é no fundo dizerem-me o que temos de fazer e os cuidados que temos que ter. É uma informação que se nós tivermos algum cuidado até a líamos... mandavam-nos essa informação e qualquer pessoa minimamente consciente sabe que tem que cumprir.

7 – Atitude do professor avaliado

E – Agora, quanto à atitude do professor avaliado. Já vimos que não tiveste muito contacto com ele, mas daquilo que tu contactaste, como descreveria a atitude do docente face à profissão?

S3 – Eu considero que todas as pessoas que avaliei até ao momento em qualquer processo pessoas muito empenhadas, pessoas muito profissionais, isso sim, pessoas que querem fazer o seu melhor e estão de corpo e alma na profissão. Não tive nenhum caso contrário a isso... Agora, aquilo quer-se dizer... as pessoas olham para o processo de uma forma desconfiada, não têm confiança no processo... e por isso eu já vou desconfortado para o trabalho... porque eu já me apercebo que a pessoa...

E – Tem expectativas negativas?

S3 – E a pessoa quase que percebe... epá estás aqui porque és obrigado, quase que nos dizem.

E – Este processo de avaliação de desempenho achas que contribui alguma coisa para uma mudança nessa atitude? Na atitude do professor face à profissão.

S3 – No primeiro encontro aquilo que eu sugeri não é.. e até era engraçado porque diziam que nós não devíamos fazer sugestões... era registos... e eu depois pedi o registo... mas o registo não aparece... quer-se dizer, querem que eu faça um registo, digam-me qual é o registo que querem que eu faça.. e depois toda aquela confidencialidade... mandar para o centro de formação o relatório, as aulas passarem pelo centro de formação e serem-nos entregues a nós... uma coisa de tal forma formal que faz com que as pessoas estejam completamente separadas.

E – E isso também não ajuda a qualquer mudança de atitude...

S3 – Não ajuda mas eu continuo a achar que eles também querem separar a função do avaliador

externo da do avaliador interno... penso que dá também a ideia de que o avaliador interno deveria de estar, no fundo a orientar o avaliando...

E – Mas isso suporia também uma colaboração entre o avaliador interno e o externo...

S3 – Mas há um encontro final...há um encontro final em que a nota vale 70%...

E – Mas como é que o avaliador interno orienta se antes ainda não te conheceu e não teve nada a ver contigo... isso só no final....

S3- Houve um encontro final de conversa sobre a nota, a classificação final, no fundo de tentarmos... mas mais uma vez acho que será assim um bocadinho de controle... parece que depois o avaliador externo via equilibrar a nota na área científica... o que penso que não será assim tão significativo, porque depois a nota é global...depois eu não sei se seriamente... as cotas... se traz alguma seriedade a todo este processo... eu não sei se a pessoa é boa.... Ou é muito boa... eu não sei porque é que não pode fazer o seu progresso na carreira independentemente de haver cotas ou não... ou seja, é mais um constrangimento...

8 – Aspetos valorizados positivamente

E - O que é que encontras de mais positivo em todo este o processo de avaliação de desempenho que realizaste? Se é que tem alguma coisa de positivo.

S3 – Eu tenho sérias dúvidas em todo este processo, quer da disponibilidade da parte dos professores, quer da implementação do processo, são comissões que são criadas, são pessoas que estão lá mas para executar um trabalho pouco colaborativo... e vemos isso nos próprios sindicatos até... quando reivindicam a avaliação não se sabe bem o que é que os sindicatos querem, por isso, neste contexto é muito difícil nós termos... eu acho que devíamos acabar com este tipo de avaliação e se calhar até... se quiséssemos ser um bocadinho sérios começar com as pessoas mais novas um processo novo de avaliação... com as pessoas que estão a entrar na carreira... não estou a dizer para descurarmos esta avaliação de pessoas como eu ou como outros como eu que estão há vários anos no ensino... termos uma avaliação mas uma avaliação diferente. E trabalhar um processo um pouco mais sério, um pouco mais equilibrado e que desse confiança às pessoas... isto é as pessoas estão a entrar na carreira... sabem precisamente que querem pessoas competentes... não sei se haverá área tão competente como a nossa, atualmente nós temos doutorados, professores com mestrado, com licenciaturas... por isso não é por aí, não é pela competência científica...

E – Aliás o ensino tem a classe se calhar mais qualificada do país.

S3 – Exato...não é por aí... agora como as pessoas são muito qualificadas não me parece que se sujeitem facilmente à avaliação e eu sempre disse... hã.. somos pares... no momento em que alguém me vai avaliar... nem que seja o meu melhor amigo... passa a ser o meu avaliador.. e não deixa de ser meu amigo... há uma certa dificuldade em equilibrar isto? Há. Nem todas as pessoas

conseguem equilibrar isto? Não.

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E – Agora, partindo do teu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia? O que é que é específico da Filosofia? O que é que em termos pedagógicos é fundamental para a Filosofia?

S3 – Eu penso que é aquilo que eu disse... Basearmo-nos numa pedagogia dialógica, isto é, há o interesse que o aluno participe na sua aprendizagem e participe de uma forma significativa. O aluno tem que saber que vai para uma aula e tem que estar em silêncio... não há aula sem silêncio.. e este silêncio não quer dizer silêncio de se ouvir as moscas... silêncio na forma de estar...

E – Atenção?

S3 - Atenção na forma de ouvir os outros, sem isto dificilmente faremos qualquer coisa em Filosofia porque os temas prestam-se a isto...num primeiro período eu tento trabalhar isto... o que nestes últimos anos é muito difícil...os miúdos não vêm com competências a nível do saber estar na sala de aula... no 10º ano... com tantos anos de escola...alunos que até podemos dizer que são alunos queridos... alunos razoáveis em termos de avaliação, em termos classificativos...mas não têm estas competências... e acham muitas vezes muito esquisito quando os professores tentam rigorosamente que isto vá para a frente. Eu agora por exemplo aos meus alunos estou a utilizar uma brincadeira com eles e tem funcionado... o por no início por exemplo “Gosto” ou “Estou gostando” relativamente à entrada deles na sala de aula. Porque eu às vezes assusto-me com o modo como eles entram na sala de aula, como é que eles preparam a aula para começarmos a trabalhar um bocadinho? Tudo aquilo vai levar metade da aula...E por isso eu acho que é uma pedagogia centrada no diálogo com os alunos, mas no diálogo de quê? Há um tema que temos a trabalhar... esta aula é este tema... sobre estas questões que estão aqui...questões que vamos tentar resolver durante estes cinquenta minutos... e sobre isto alguém quer levantar alguma questão? Não é qualquer questão que se integra, tem que ser uma questão pertinente, também para eles irem vendo a questão do rigor, e se houver alguém que lance uma questão pertinente em função do tema e também em função do conhecimento em temos em termos curriculares, nós integramos, senão dizemos «Neste momento não podemos integrar nenhuma das vossas questões porque não são adequadas em função do que vamos falar, depois damos espaço noutra altura». Neste sentido eu penso que este tipo de pedagogia é transversal a qualquer disciplina, porque em qualquer disciplina há necessidade de pensar, em qualquer disciplina há necessidade de colocar os problemas, temos conceitos rigorosos e o resto é especificidade da disciplina. Portanto, eu acho que a nossa disciplina, muita gente desvaloriza-a mas é pertinente em todo o processo de ensino aprendizagem porque pode criar mecanismos e processos mentais aos alunos e processos de aprendizagem para eles depois

estarem melhor noutras aulas.

E – O professor de filosofia, que competências é que ele deve desenvolver para promover esse tipo de aprendizagens?

S3 – (Pausa) Há uma competência que eu acho que é muito importante... a competência científica... isto é, nós estarmos... na linha de ponta de tudo aquilo que se vai fazendo a nível do pensamento... e que eu tenho alguma dificuldade em acompanhar...

E – Os tais constrangimentos...

S3 – Claro, a nossa disciplina exige que uma pessoa tenha qualidade a todos os níveis... muitas vezes centramo-nos mais na tradição filosófica e descuramos que o conhecimento evolui, hoje em dia há outras formas até de encarar o conhecimento, a imagem, a internet... que traz um conhecimento frívolo... um conhecimento que desaparece e os alunos acham que o conhecimento está ali, está correto e que não há esforço para obter conhecimento. Eu penso que muitos alunos acham que não há ...que não é preciso grande esforço, está ali para que é que eu vou....? . Eu acho que se o professor tiver uma competência científica actualizada, a nível do pensamento, depois atualizar-se em termos didácticos, em termos pedagógicos... eu penso que estas são as competências que nós temos que ir actualizando... isto é, as turmas que eu digo... tenho profissionais, tenho turmas da área de ciências, que não vou dizer que sejam os melhores alunos mas que normalmente seriam os alunos muito empenhados pela exigência que eles têm das notas que têm que ter, mas isso já foi. Eu lembro-me de ter turmas em que nunca dava uma negativa a filosofia. Porquê? Não é que eles pensassem bem em filosofia, mas toda a exigência que eles tinham de procurar o conhecimento, de procurar as coisas, de ter que estudar, levava a isso, nem que fosse na área de uma certa reprodução dos conhecimentos, mas havia uma procura. Hoje em dia mesmo nessas áreas eu não vejo isto. Vejo um ou outro aluno assim, mas muito poucos alunos com grandes expectativas a nível do conhecimento, mas a procura do conhecimento não se faz porque ele está ali, porque é que eu vou procurar se está ali. E depois não se percebe que aquilo que está lá é um conhecimento que é universal, mas não é o conhecimento de ponta porque esse paga-se. Ou o grande conhecimento.

E – Portanto, o que tu achas relativamente ao professor de Filosofia é que o que é fundamental é a competência científica?

S3 – Sim científica para depois poder dar resposta às necessidades dos alunos... Porque depois a Filosofia como qualquer tema vai puxar uma quantidade de temas que se nós não tivermos possibilidade de nos ancorarmos perdemo-nos e depois caímos naquilo que é o senso comum. A exigência da nossa disciplina é muito grande.

E – Portanto, quando fazes o exercício da supervisão, como é que essa especificidade pode ser tida

em conta? Tu achas que há essa especificidade que o professor de Filosofia deve ter. Quando fazes supervisão como é que tens isso em conta.

S3 – Eu disse há pouco que achava que uma aula tinha que ter três partes... aquela questão não é... introdução ... e eu acho que aí mostramos um bocadinho disso, quando nós apresentamos a aula aos alunos, que não seja aquelas aulas de seguimento, pelo menos aquelas aulas de abertura de tema, e por exemplo se eu fosse avaliado é aquilo que eu faço, isto é, apresentar o tema e ser capaz de brilhar um bocadinho no tema, a nível científico... e por exemplo se eu estou a ser até analisado por alguém eu vou tentar brilhar um bocadinho aí, não quer dizer que brilhe, vou tentar ser rigoroso, e vou tentar construir depois materiais que me levem a esse rigor, que sejam adequados aos alunos, que sejam do interesse dos alunos e que levem o aluno a não ficar naquilo que é o comum. Porque, hoje em dia os meios de comunicação que nós temos, tornam as coisas muito comuns, muito fáceis, muito simplificadas e a aula de filosofia deveria de desmanchar um bocadinho isto, o conhecimento não é simples, o conhecimento apenas e só o que anda por aí. O conhecimento por vezes é até uma outra coisa a que até não temos acesso. Os *sites* científicos muitas vezes são pagos... por todos os motivos.. direitos de autor e isso tudo. Agora é lógico que nós também temos que ver o tipo de alunos que temos, as turmas, e muitas das vezes isto não se consegue.

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E – Tentando projectar um modelo de supervisão para o professor de Filosofia. Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberias a supervisão destes profissionais? Agora as três perguntas que te vou fazer têm a ver com o seguinte: imagina um modelo de supervisão pedagógica orientado para o desenvolvimento profissional , em que o desenvolvimento profissional seja a finalidade máxima. Então que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva? Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas? Que características deveria ter o supervisor? Podes começar por qualquer uma delas: os princípios, práticas ou atividades e características do supervisor.

S3 – Princípio : Rigor. Podemos fazer pouco mas temos que ser rigorosos naquilo que fazemos e depois este rigor é o rigor científico, é o rigor didático e o rigor pedagógico. Se partirmos deste princípio em termos de rigor, vamos depois às nossas práticas pedagógicas. E o rigor leva a que eu seja rigoroso comigo, vou-me formar o máximo possível, dentro dos constrangimentos que nós temos, porque a formação é paga... e tudo isso. Depois disso tentar perceber que tipo de alunos eu tenho, porque eu não vou fazer um modelo de avaliação fora... quer dizer, eu acho que, alguém que vai avaliar percebesse primeiro o contexto da escola... isto é, o Centro de Professores do Barreiro que agora está responsável pela avaliação, deveria ter um conhecimento efectivo das escolas e perante esse conhecimento, perante essa caracterização das escolas, dar formação aos próprios

avaliadores. Isto é, na área da Filosofia... eu sei que vou ficar durante um ou dois anos ou outra pessoa qualquer, criasse ali dois ou três formadores que irão passar esta área toda, Barreiro, Moita... há um conhecimento efectivo das escolas, há um conhecimento efectivo das turmas e cria-se então o modelo de avaliação ...

E – Um modelo de supervisão com avaliação ...

S – Com a avaliação...

E - Estás a partir então do princípio que esta separação entre avaliador externo/avaliador interno pode ter pertinência?

S – Pode, pode...pode se nós quisermos depois construir alguma coisa em comum. E como é que poderíamos construir alguma coisa em comum? No momento em que a avaliação parte de alguma forma para a alçada dos Centros de Formação, esses centros de formação criarem competências, criarem condições para que haja avaliadores ...e até pessoas que queiram... e se há pessoas aí formadas nesta área serão se calhar as primeiras a poderem ir para ele. E depois a partir daí essas pessoas em conjunto dentro da sua área, poderiam criar um modelo de avaliação, dar-lhes autonomia para isso...dizer assim, em Filosofia todas as pessoas neste Centro de Formação vão ser avaliadas desta forma. E então aí talvez houvesse uma maior seriedade na avaliação. Numa primeira fase... isto é lógico que não era para implementar imediatamente...

E – Portanto, vamos ver se eu percebi: todos os supervisores de Filosofia se juntavam

S3 – Se juntavam e criavam e propunham ao Centro de Formação um modelo de avaliação de Filosofia... área a área, ... eram estes que os motivadores da avaliação e eram eles que engendravam o modelo de avaliação... para isso podiam fazer reuniões preparatórias com todos os colegas que quisessem...abertas... tipo até uma formação... ouvirem dos colegas o que é que eles achavam da avaliação e... pelo menos durante dois três anos esse modelo era implementado e avaliado, o que funcionou, o que não funcionou, da parte de quem avaliou e de quem foi avaliado. E que esta avaliação não tivesse muitos dos constrangimentos que tem. Um deles é as cotas, as cotas não fazem sentido para nada. Se é uma parte economicista que se arranje outro modelo para controlar a questão económica, mas não se pegue na avaliação para isso... Eu acho que se se fizesse isso para uma nova geração de professores, com algum tempo, não é... um ou dois anos para preparar e depois implementar... até se podia fazer isso como experiência um ou dois anos com estes professores e depois então aplicar a uma nova geração de professores. Penso que se ganhava em confiança, ganhava-se em rigor, e ganhava-se depois nas consequências disso que penso que seriam as consequências formativas. Caso contrário penso que será difícil.

E – Portanto, quando falas aqui das práticas que poderiam ser promovidas uma das práticas seriam então esses encontros no sentido de afinarem um modelo comum.

S3 – Um modelo comum, criação de grelhas comuns...

E – Para o avaliador externo e que também seria do conhecimento do avaliador interno?

S3 – Sim. E porque não fazer depois isto com os avaliadores internos, isto é, eles internamente, na escola, criarem um modelo de supervisão. Hoje em dia não sei se os avaliadores internos conseguem acompanhar seja quem for... se têm 10 ou 12 pessoas num grupo... para além das suas aulas...por isso ou queremos ser sérios e damos alguma seriedade isto, senão há um grande desgaste, há perda de dinheiro, há perda de qualidade e há perda de confiança das pessoas.

E – Portanto, dentro deste modelo, o supervisor que características é que achas que deveria ter, dentro deste novo modelo?

S3 – Eu acho que qualquer característica para uma atividade tem a ver também com a personalidade das pessoas, por isso essas características, têm a ver com a pessoa, se a pessoa é mais diretiva ou não... de qualquer das formas depois do rigor há a partilha... eu acho, que qualquer pessoa que supervisione uma coisa tem que partilhar, partilhar o quê... coisas que tem, a sua perspetiva sobre... se eu tenho planos de aula por exemplo, porque é que eu não posso partilhar planos de aula, de que forma é que se constrói uma aula... o que é que é inerente ... o que é que é importante... para quê?... para que também a pessoa que é avaliada poder balizar-se e poder conhecer quem é que o está a avaliar...isto é que seria sério... se se caminhasse para um outro tipo... com um avaliador único que seria, não sei,... interno ou externo à escola... questionou-se muito se seria bom as pessoas se conhecerem, se não...eu acho que esta figura de avaliador externo... neste modelo parece que funcionaria... mas assim não funciona...das duas uma ou partíamos para este modelo tendo o externo e tomando como princípio tudo aquilo que eu disse anteriormente ...ou acabava-se e ficava-se apenas com um avaliador e seria outra possibilidade de trabalho... mas tendo em conta sempre isto... há um modelo que tem que ser criado localmente...dentro das áreas que nós conhecemos...das escolas ...

E – No fundo as próprias comunidades profissionais é que poderiam que criar o seu modelo...portanto, não sei se estou a traduzir bem o que estás a dizer, mas seriam os próprios professores de Filosofia, em conjunto, que encontrariam o modelo a partir do qual a avaliação poderia acontecer...

S3 – Sim... mas por área... por área...

E – Portanto, seria um modelo de supervisão e de avaliação atendendo às zonas e à especificidade da sua escola...

S3 – Não dizemos que cada área é específica...e quando nós vamos avaliar não dizemos que cada área é específica e não podemos avaliar outra disciplina... se é da própria disciplina, então porque é que quem avalia... e quem é chamado a avaliar não cria o modelo... tendo em conta tudo o que está

estabelecido em termos legais...

E – Portanto, tu disseste há pouco que no início te pediram e que chamaram a atenção que a avaliação que estavas a fazer teria de ser o mais universal possível. Achas que é possível essa universalidade?

S3 – Não... será difícil... mas eles pedem... porque lá cada um estava a fazer da sua maneira... mas depois...cada um continua a fazer da sua maneira...que não haja ilusões... porque quase nos diziam... “desenrasca-te... se houver reclamações o problema é teu”...

E – Portanto, isto é universal mas faz como quiseres...

S3 – No fundo é assim... daí que , se houver um compromisso de um conjunto de pessoas que gostassem de fazer este tipo de trabalho...gostassem porque têm formação ou têm experiência... então aí sim... vamos criar uma bolsa de formadores/supervisores e as pessoas sabem que... e teriam que ver se haveria um só avaliador ou mais...

E – Se existisse só um parece-te pertinente que seja um avaliador interno ou um avaliador externo?

S3 – Eu penso que nessas condições deveria ser interno, para conhecer a pessoa e para conhecer o seu trabalho... agora há quem diga que há constrangimentos nisso... não sei se há... mas isso vai haver sempre... se nós quiséssemos tirar as pessoas da escola e serem outras pessoas...mas depois temos que dar espaço para essas pessoas fazerem o acompanhamento... senão não há acompanhamento... as duas figuras se calhar simplificava o sistema porquê? Porque o avaliador interno teria como competência e função orientar e supervisionar e o outro teria a competência de classificar e porque não orientar e o outro classificar...

E – Mas para haver essa orientação era necessário o conhecimento prévio do modelo... ora tu dizes que não houve... como é que o avaliador interno vai orientar se não tem conhecimento do modelo...

S3 – Claro...claro...não sabe... e eu penso que mesmo actualmente muita gente continua a pensar que a avaliação está a ser feita noutros moldes e só se apercebem quando vão ter que ser avaliadas externamente... e eu nem sei... mas eu acho que muitas pessoas não têm sequer a consciência de que o modelo mudou... quando é que vão ter... quando forem sujeitas a avaliação...ainda ontem estava a conversar com um colega que no ano passado foi avaliador externo e este ano foi outra vez chamado e ele estava a dizer-me... “epá ainda bem que o colega que eu ía avaliar desistiu”. .. e estava outro colega que já tem muitos anos de serviço e disse... “mas agora vocês vão avaliar noutras escolas”... e é um representante de grupo.

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E – Ora, o actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na sua opinião essa compatibilidade é possível?

Porquê?

S3 – Neste modelo não... em outro modelo a criar seja ele qual for talvez, mas neste não... eu acho que só é possível quando houver confiança no modelo... e não há... quer dizer não há pela minha experiência... não sei se alguém terá experiência contrária...

12 – Contributo da formação filosófica

E – Agora, última pergunta sobre o contributo da formação filosófica: consideras que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê? Se achas que temos, na nossa formação científica, alguns instrumentos que nos auxiliem nestas tarefas.

S3 – No primeiro dia de aulas eu digo aos alunos: eu sou professor, gosto de ser professor e por isso estou aqui porque quero, mas não sou um professor qualquer, sou um professor de filosofia e porque é que eu digo isto... digo isto até às vezes a brincar... mas porque eu tenho alguma convicção de que nós deveríamos de ser professores diferentes... porque somos de filosofia... e tudo aquilo que é inerente a isso, quer em termos éticos, quer em termos de rigor e por consequência disso... quer em termos pedagógicos... por isso, eu acho que sim... não sei se é puxar a brasa à nossa sardinha mas eu acho que a supervisão poderia ganhar chamando alguns professores de Filosofia que quisessem fazer algum investimento e se disponibilizassem a isso, porque nós, por natureza tentamos de alguma forma de levantar os problemas: o que é que está mal? O que é que temos que fazer? O que é que vamos fazer? E quando falávamos em criar um modelo de avaliação é isto: quem é que pode? Se eu sou avaliador externo, se não concordo com nada do que está a ser feito, se sou obrigado a fazer... agora, se eu me comprometo com um modelo, bom ou mau, mas comprometo-me, se crio condições para ele ser efetivamente realizado, se estou convicto de que no final de dois anos podemos alterar tudo ou parte, ou o que acharmos necessário ou criarmos outro modelo, porque é que não se pode fazer isso... agora é lógico que isto implica dinheiro que não há, implica disponibilidade de tempo e de pessoas que parece-me que não há... agora, eu também não sei se não é da competência quer dos diretores das escolas, quer dos diretores dos centros de formação começarem a pensar um bocadinho nisto... isto é, começarem a pensar que tem que criar condições para poder haver professores e professores saudáveis... professores que gostem do que estão a fazer que queiram avaliar e ser avaliados...

E – Na filosofia o que é que tu achas que ela nos dá para isto, portanto, mais concretamente, que instrumentos é que nós temos? Já disseste que nós levantamos problemas...

S3 – A capacidade crítica, a capacidade de reflexão, o rigor... e eu penso que o conceito é aquilo que unifica, se nós queremos esclarecer os conceitos, queremos unificar a realidade e percebê-la e é um pouco ir por aí... eu penso que, não desprezando e não quer dizer que não existam outras

peças com tantas ou mais competências que nós, mas nós temos condições ao nível da Filosofia, pela especificidade da disciplina, de poder dar um contributo nesta área.

E – Obrigada, muito obrigada... Foi muito interessante!

ANEXO 4 – ENTREVISTAS A PROFESSORES AVALIADOS

ANEXO 4.1. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº1

ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº1

Abreviaturas utilizadas na transcrição:

Entrevistador – E

Professor Avaliado 1 – P1

Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino Masculino

1.2. Idade

Menos de 35 anos Entre os 35 e os 45 anos Entre os 45 e os 55 anos Mais de 55 anos

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos Entre 5 e 10 anos Entre 11 e 20 anos Entre 21 e 30 anos

Mais de 30 anos

2.2. Experiência de aulas observadas antes deste processo de avaliação de desempenho:

Sim Qual? Durante o estágio do ramo educacional.

Não

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato Licenciatura Mestrado Doutoramento Outro

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato Licenciatura Pós graduação Mestrado Doutoramento Outro
Especificação: _____

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 2012-2013

4.2. Menção qualitativa /avaliação obtida Muito Bom (8,9)

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do professor**

E - Como encaraste este processo de avaliação de desempenho? Viste-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento ou de outra forma?

P1 – Bem... acho que o vi essencialmente como uma obrigação administrativa... uma obrigação que tive que cumprir com vista à mudança de escalão.

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E – Lembras-te que aulas foram observadas (disciplina e ano)?

P1 – Foram aulas de Filosofia de 10ºano.

E - Que tipo de observação foi realizada pelo supervisor – naturalista ou focalizada? Sabes porque foi feita essa opção?

P 1 - Acho que foi mais naturalista... e penso que foi feita essa opção pois só dessa forma se pode avaliar a aula como um todo... Mas existia uma grelha para a avaliação das aulas e, por isso, é natural que esses aspetos tenham merecido, por parte da avaliadora, especial atenção. Mas julgo que houve uma preocupação em ver a aula como um todo...

E - Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação? Como descreverias os encontros pré observação e qual a sua pertinência?

P1 - Sim. Existiram ambos... houve encontros antes e depois. Primeiro foi realizado um encontro em que conversámos sobre as características da turma cujas aulas seriam observadas e sobre o tema das aulas e sua integração no percurso até aí realizado... Acho que foi pertinente, na medida em que permitiu à avaliadora obter conhecimentos sobre a dinâmica da turma... assim houve uma melhor integração e compreensão da aula a observar. Ela procurou compreender o contexto, acho eu...

E – E quanto aos encontros pós observação? Como é que os descreverias e qual a sua pertinência?

P1 – Bem... acho que foram essenciais em todo o processo. Nestes encontros foi discutida a aplicação dos parâmetros que constavam na grelha e traduzidos numa avaliação numérica... Fiz a minha autoavaliação, comparámos e chegamos a um acordo sobre o preenchimento definitivo da grelha... acho que foi correto este procedimento...

3– Instrumentos de avaliação

E – Quanto aos instrumentos que foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Consideras que foram adequados à especificidade da disciplina?

P1 – Os instrumentos... houve os planos de aula. Eu entreguei previamente a caracterização da

turma e os planos de aula. E havia uma grelha... a avaliadora utilizou uma grelha para a observação de aulas que foi do meu prévio conhecimento e cujos parâmetros foram comuns para a generalidade das disciplinas. Apesar disso... apesar de serem para todas as disciplinas quero eu dizer... acho que... considere os parâmetros adequados, dado que continham o essencial, quer no que diz respeito à realização das atividades letivas, quer no que diz respeito à relação pedagógica com os alunos. Além disso, o facto de ser avaliada por uma colega de Filosofia garantiu que o seu “olhar” estivesse já enquadrado no que é específico de uma aula de filosofia... isso é importante... julgo que não faz sentido ser avaliada por um docente de outra área...

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – No que respeita às opções pedagógicas qual o tipo de pedagogia que, na tua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

P1 – Acho que qualquer pedagogia que suscite a participação dos alunos e que lhes ofereça uma matéria de reflexão. Uma dimensão mais ativa da aula... ou seja, mais orientada para a atividade do próprio aluno é fundamental... sobretudo nas aulas de 90 minutos, dada a sua extensão, é essencial um momento mais “prático”, em que o aluno possa resolver uma tarefa, individualmente ou em grupo.

E - Como se posicionou o professor relator face às tuas opções pedagógicas?

P1 - Acho que bem. Julgo que tem uma posição próxima da minha...

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E – Falando agora um pouco sobre as consequências deste processo de avaliação. Na tua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos: primeiro relativamente ao aprofundamento da reflexão sobre as práticas?

P1 – Bem... todo o processo de avaliação, quando resulta também de uma autoavaliação, conduz a uma reflexão sobre as práticas e isso conduz a um processo de aperfeiçoamento ...e... embora não seja linear, acho que vai dando os seus frutos.

E – E quanto ao aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola.

P1 – Quanto a isso penso que nos lembrou... a ambas, avaliadora e avaliada, da importância de trocar experiências, matérias e metodologias... modos de fazer ...para enriquecer a nossa prática. Atualmente temos muito pouco tempo e no dia-a-dia nas escolas há pouco tempo e espaço para debater assuntos pedagógicos próprios dos grupos disciplinares.

E – Mas isso não era prática do grupo...

P1 – Sim... nós tentamos sempre... mas este momento formal obrigou mesmo a isso ... tivemos mesmo que fazer ...porque às vezes a azáfama é muito...muito trabalho

burocrático...muitas turmas...muitos níveis... e mesmo que o grupo trabalhe bem em conjunto...com tanto que cada um tem para fazer acaba por haver um certo isolamento... porque as tarefas acumulam-se...

E – E quanto à inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia.

P1 – Bem... havendo uma aula assistida que é para avaliação há sempre uma tendência para fazer coisas mais inovadoras e criar novos materiais, o que é sempre positivo, quer na altura, quer para utilizações posteriores. Nesse sentido poderá ter propiciado alguma inovação... relativa aos materiais produzidos para aula...

E - Desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado

P1 – Ora... como eu disse... na medida em que somos levados a produzir algo mais inovador para a aula assistida... acho que todos procuramos mostrar o nosso melhor ... haverá um certo impulso para o desenvolvimento... no entanto, o impulso enfraquece e a motivação esgota-se quando começamos a perceber que todo o processo acaba por não ter quaisquer consequências na progressão... é falacioso... enganador... acaba por ser uma imposição que é feita com um pretexto... mas que não dá em nada... as pessoas sentem-se defraudadas.. enganadas... acabamos por entender tudo isto como mais uma obrigatoriedade administrativa... uma obrigação que... desculpa a expressão... acaba por ser só para “chatear” e dar mais trabalho, pois sempre há mais alguns papeis que temos que produzir... temos que dar à preparação das aulas uma dimensão mais formal do que o que é habitual e isso demora tempo...

6 – Estilo de supervisão

E - Dos adjetivos seguintes qual escolherias para caracterizar o estilo da tua supervisora?
Diretivo, não diretivo, colaborativo?

P1 – Colaborativo... sem dúvida colaborativo... foi tudo muito dialogado.

E - Consideras que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê?

P1 - Sim... sem dúvida, acho que não teria sentido de outro modo, dado que a avaliadora é antes de mais uma colega de grupo com a qual trabalho há 20 anos. Conhecemos o trabalho uma da outra... já colaborámos em muitas atividades... não faria sentido, julgo eu, outro tipo de atitude...

7 – Atitude do professor avaliado

E – Mudando ligeiramente de assunto, como descreverias a tua atitude face à profissão?

P1 – (Risos)...Bem, se calhar a maneira mais sincera de responder é dizer-te que tem dias, há dias mais difíceis, mas sobretudo tento fazer o melhor que posso e... penso... como direir... penso sempre que ensinar é ensinar alunos reais, ou seja, não vale a pena preparar a aula

“perfeita” para mim, com o discurso mais rigoroso e hermético... se depois a aula não chega ao aluno... é importante ser rigoroso, mas também é importante comunicar efectivamente... chegar ao aluno... e os alunos não são abstrações... temos que entender até que ponto eles estão em condições para entender o que dizemos e para realizar as atividades que propomos... e isso é um trabalho complexo...

E – E este processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? De que forma?

P1 – Não... não penso que tenha contribuído... acho que esta atitude... esta preocupação em chegar ao “aluno real” já integra por si, com facilidade, processos de autoavaliação e avaliação... muitas vezes tenho que reformular as aulas ou as primeiras planificações... escolher outros materiais que inicialmente não tinha ponderado usar... porque entendo que tenho que me ajustar às necessidades e condições presentes nas turmas. Acho que a nossa profissão é muito exigente nisso...temos que estar sempre a reformular e a ajustar... não é possível usar sempre os mesmos materiais e da mesma forma... as características das turmas vão mudando... e nós próprios também vamos mudando... isso é inerente à própria profissão... o próprio trabalho nos obriga a mudar... não é a avaliação que nos muda... pelo menos no meu caso não mudou....

8 – Aspetos valorizados positivamente

E - O que é que encontras de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho a que foste sujeita?

P1 – Acho que o que resultou de mais positivo foi a criação de novos materiais e a discussão sobre a eficácia das opções pedagógicas. Sempre fiquei com mais materiais para usar ou reformular depois...

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E – Já falaste um pouco disto mas gostaria que aprofundasses, partindo do teu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?

P1 - Qualquer prática pedagógica na aula de filosofia deve ter por fim promover a reflexão e o debate de ideias. O professor não pode fazer um monólogo e limitar-se a falar sozinho... tem que se incentivar o diálogo sobre os problemas da filosofia e a análise das várias propostas de resolução dos problemas... tem que haver discussão, reflexão... enfim debate de ideias... como já disse.

E - E que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos, na tua perspetiva?

P1 – Bem ... penso que o essencialmente deve procurar atualizar a sua formação científica, manter-se informado sobre temas/problemas atuais e produzir novos materiais... agora às vezes isto é muito difícil... os nossos horários estão agora muito limitados e é difícil produzirmos materiais didáticos quando temos vários níveis e várias turmas... mas não podemos descurar estes dois aspetos: a formação científica e produção dos nossos materiais de ensino, ajustados às nossas turmas... por muita coisa que seja feita... pelas editoras... até coisas que existem disponíveis na net... mas temos que ter tempo para poder filtrar isto... ler ... analisar... pesquisar... e o tempo é um problema

E - Como é que achas que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia?

P1 – Acho que a supervisão deve ser sempre assegurada por um colega do mesmo grupo disciplinar... devem existir momentos de trabalho conjunto... Isto é... acho que momentos de partilha de experiências, informações... troca de materiais devem acontecer com regularidade entre elementos do mesmo grupo disciplinar e isso deve servir de base ao exercício de supervisão.

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E – Considerando agora como objetivo exclusivo da supervisão o desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma conceberias a supervisão destes profissionais, no que respeita aos seguintes aspetos: Que princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva? Que práticas ou atividades deveriam ser promovidas e que características deveria ter o supervisor? Podes começar por onde quiseres:

P1 – A primeira coisa qual era? Os princípios...

E – Sim.. que princípios...

P1 – Bem... uma coisa que eu acho é que a avaliação deve ser sempre discutida... não pode ser uma classificação imposta que cai sem sabermos porquê... tem que ser o resultado de um diálogo... e isso depois ...no fundo... implica certas práticas. Acho que as escolas deviam ter uma maior tradição de trabalho colaborativo, sobretudo no que diz respeito ao trabalho específico dos grupos disciplinares. Os assuntos deviam ser mais discutidos... o modo como trabalhamos...

E – E quanto às características do supervisor?

P1 – Acho que há três traços essenciais: abertura, flexibilidade e frontalidade. Estamos entre adultos, entre profissionais com formação e com experiência... por isso é importante tudo isto... abertura aos pontos de vista do outro... não temos todos que pensar exatamente da mesma maneira, nem trabalhar todos exatamente da mesma maneira e por isso deve haver

abertura e flexibilidade... para entender isso... e frontalidade... no fundo.. . uma certa objectividade a apontar os aspetos positivos e negativos...

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E - O actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na tua opinião essa compatibilidade é possível? Porquê?

P1 - Acho que sim, mas o professor tem de sentir que esse aperfeiçoamento se repercute na sua carreira. Neste meu processo de avaliação ... e até no outro que se seguiu... no ano seguinte... as pessoas sentem-se enganadas... a carreira está congelada... os ordenados descem... portanto, tanto faz ter Bom como Muito Bom ou excelente... a repercussão nos nossos ordenados é sempre a mesma.. . e é sempre a descer... isso desmoraliza...desmotiva...

12 – Contributo da formação filosófica

E - Consideras que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores? Porquê?

P1 – Acho que sim...Em princípio, sim. Pela sua formação, o professor de filosofia está preparado para a análise de perspetivas em confronto e para entender isso como uma mais-valia, como fazendo parte de um processo de crescimento ou enriquecimento dos indivíduos... acho que o professor de filosofia tem condições para a tal abertura de que falei há pouco... está disponível para o diálogo... para o confronto de pontos de vista... julgo que sim...

E – Muito obrigada.

ANEXO 4.2. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº2

ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº2

Abreviaturas utilizadas na transcrição:

Entrevistador – E

Professor Avaliado 2 – P2

Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino ___ Masculino X

1.2. Idade

Menos de 35 anos ___ Entre os 35 e os 45 anos ___ Entre os 45 e os 55 anos X Mais de 55 anos ___

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos ___ Entre 5 e 10 anos ___ Entre 11 e 20 anos ___ Entre 21 e 30 anos X

Mais de 30 anos ___

2.2. Experiência de aulas observadas antes deste processo de avaliação de desempenho:

Sim X Qual? Estágio do ramo educacional

Não ___

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato ___ Licenciatura X Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato ___ Licenciatura X Pós graduação ___ Mestrado ___ Doutoramento ___ Outro ___
Especificação: _____

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 X 2012-2013 _____

4.2. Menção qualitativa /avaliação obtida Muito Bom

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do professor**

E – A primeira pergunta é sobre a tua representação de todo este processo: como é que encaraste este processo de avaliação de desempenho? Viste-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controlo ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento ou de outra forma?

P2 – Sim para os dois primeiros e não para o terceiro.

E – Portanto, uma obrigação administrativa e um procedimento de controlo...

P2 – Sim, isso mesmo.

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E – Quanto às práticas de supervisão e avaliação propriamente ditas: que aulas foram observadas (disciplina e ano)?

P2 – Foi só de Filosofia, foi só de 10º ano e foi só na mesma turma... porque as outras eram de AI [Área de Integração – disciplina do currículo dos cursos profissionais] e... até pela própria facilidade de planificação e organização era mais complicado...

E - Que tipo de observação foi realizada – naturalista ou focalizada? Tens ideia?

P2 – O que tu queres dizer com “focalizada” é segundo parâmetros...

E – Sim...

P2 – Não... aquilo tinha parâmetros... ele seguia uma grelha que não era aquela que lá estava...que era...não era oficial... ele seguia uma grelha anterior que foi feita... sabes quem é B....

E – Não

P2 – É um colega de Biologia que percebe razoavelmente daquilo... uma coisa com pés e cabeça... e depois arranjaram lá uma grelha ... no pedagógico... com muitos parâmetros que em muitos casos nem eram observáveis... assim coisas genéricas que não tinham nada a ver com a observação...era impraticável... então o que o [nome do avaliador] foi avaliar com a outra e depois adaptar para aquela que era oficial...

E – Mas tu conhecias a grelha que ele estava a utilizar?

P2 – Sim...sim... conhecia ambas as que ele estava a utilizar.

E - Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação?

P2 – Sim...sim... Aliás eu hoje por acaso até perguntei isso ao [nome do avaliador] e ao que parece lá nem se exigia isso ... mas ele fez sempre.

E - Como descreveria os encontros pré observação e que pertinência é que achas que têm?

P2 – A minha memória já não é assim grande coisa...mas tenho a impressão que da parte dele o que se procurou foi dar conhecimento dos parâmetros ... e depois eu penso que houve... porque eu próprio já trazia plano de aula e tudo mais... e o que houve foi uma troca de impressões acerca do que ia acontecer... e ele também não tinha grandes objecções àquilo que eu ia fazer... ainda hoje estivemos a falar e houve casos em que ele teve...não se levantaram grandes problemas

E – E os encontros pós observação? Como é que os descreverias e qual a sua pertinência?

P2 – Normalmente esses eram já avaliativos...procurando dar conta das razões destas e daquelas notas... por exemplo, lembro-me que... eu achei que a segunda aula foi melhor do que a primeira e ele achou exatamente o inverso... porque a segunda foi uma aula, talvez mais expositiva... por isso..

E . Tu gostaste mais da segunda ou da primeira?

P2 – Eu achei melhor a segunda... eu estava mais descontraído... estava mais fluída a aula... era uma aula estritamente positiva para preparar um trabalho que se seguiria... que ocorreria mais tarde... mas ali não houve trabalho nenhum...

E – A aula então foi mais centrada em ti...

P2 – Sim...os alunos fizeram perguntas... mas nada de especial... e salvo erro solicitei a participação dos alunos mas foi a ler textos projectados... não foi uma participação lá muito ativa...foi uma participação mais mecânica penso eu... foi mais por isso, penso eu, que ele considerou melhor a primeira aula...

3– Instrumentos de avaliação

E – Já falaste um bocadinho disto há pouco ... mas a vantagem da entrevista semiestruturada é isto ser um bocado fluído: que instrumentos é que foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? E consideras que foram adequados à especificidade da disciplina?

P2 – À especificidade da disciplina não sei se seriam assim muito... mas aquilo também seguia... havia a grelha do ministério... e a grelha do ministério tinha lá parâmetros... assim que... francamente... havia lá coisas que eram absurdas e que tinham que ser cumpridas... por exemplo... tinham que se utilizar instrumentos informáticos... porquê? Qual era a necessidade disso para uma aula de filosofia... uma aula de filosofia não seria necessariamente boa... ou não é excelente... porque aquele parâmetro valeria zero...se não utilizar instrumentos informáticos... isto é um bocado absurdo... e isto naquela escola que tem de facto instrumentos informáticos disponíveis... agora noutras escolas em que nem eles existem... de forma que existem assim sempre alguns fatores que ou são avaliados de forma

menos rigorosa... ou

E – Ou são ajustados...

P2 – Ajustados não podem ser porque eles têm que lá estar... por isso têm que ser avaliados de forma menos rigorosa...

E – Pois...

P2 – No meu caso não porque eu até utilizei instrumentos informáticos... mas não vejo que fossem necessários... nem vejo que uma aula de filosofia necessite deles para ser uma boa aula de filosofia... uma excelente aula de filosofia... pode não ter qualquer recurso a estes instrumentos informáticos... isto em termos globais... agora, aquela ficha que foi feita lá... com o nosso colega o B... era uma boa ficha de avaliação...

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – Voltando agora para o ensino da Filosofia propriamente dito. Na tua opinião qual é o tipo de pedagogia que é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

P2 – Pausa

E – Achas que há um modelo pedagógico que seja mais adequada, algum tipo de prática que seja mais adequada?

P2 – Qualquer prática que seja mais próxima da maiêutica socrática pode ser considerada como mais adequada às aulas de Filosofia... neste momento... tendo em conta que é uma disciplina de exame... tendo em conta as exigências... na minha escola os testes passaram a contar noventa por cento da avaliação... em filosofia.. imposto de cima para baixo... em todas as disciplinas com exame os testes passaram a contar noventa por cento... existe uma obsessão inacreditável com os resultados...

E – Portanto, o trabalho prático em aula, não é contabilizado para a avaliação?

P2 – Praticamente não... eu já não era favorável aos critérios de avaliação do meu grupo que eram oitenta, quinze e cinco... então agora muito menos... não sei que raio eles pretendem... a ideia deles é terem resultados nos exames entre as melhores escolas do país... já estão nas cem melhores... devido aos resultados dos exames... está tudo focalizado para aí... ora com um ensino modelo deste tipo... é evidente que as aulas têm que ser directivas... têm que ser adestradores... os trabalhos são antes de mais nada trabalhos feitos para preparar para testes e é a preparação para testes é que conta... porque os testes é que decidem tudo...

E – Um bocado contra o espírito da filosofia...

P2 – Completamente... completamente, portanto, neste momento a pedagogia adequada que exigem de nós nas escolas secundárias é o contrário mais absoluto do que deveria ser uma aula de Filosofia...

E – Por exemplo, poderia ser uma pedagogia centrada numa resolução de problemas, aplicada de uma forma séria...ou mesmo o ensino centrado nos conceitos acaba por ser posto de lado...

P2 – Sim...

E – É o adestramento como tu estás a dizer...

P2 – Esse adestramento... cada vez mais também era difícil praticar outro tipo de pedagogias que só nos traziam era problemas...porque quanto menos diretiva, orientada para a memorização fosse a lecionação mais havia possibilidades de existirem protestos por parte dos alunos habituados a simplesmente decorarem e despejarem nos testes... o que tem ocorrido nos últimos anos é que também os próprios alunos estão cada vez mais formatados, cada vez mais condicionados a esse tipo de práticas... cada vez pior... só que agora para além da barreira que existia mas que ainda permitia algumas liberdades com os alunos... agora é uma barreira absoluta imposta pela própria escola a ponto de imporem noventa por cento para os testes... e não é só noventa por cento para os testes... impuseram que só se podia fazer aquele número de testes e mais nenhum... eu não posso fazer testes de recuperação... e isso tudo... inflexível...(pausa)

E - Como se posicionou o professor relator face às suas opções pedagógicas? Nas aulas que deste... disseste que uma foi mais expositiva e outra mais dialogada...

P2 – Não a outra foi parte expositiva e parte de trabalho com os alunos... e qual era a pergunta?

E – Como é que o professor relator se posicionou face às tuas opções pedagógicas?

P2 – Não... ele concordou com a orientação que dei às aulas... ele criticou um bocado o excesso de exposição na segunda aula, mas não é propriamente porque fosse contra as aulas expositivas em geral... mas apenas porque achou que eu exagerei... e eu optei por uma aula mais expositiva por duas razões: primeiro porque isso oferecia ao avaliador mais que avaliar em termos científicos e em segundo lugar porque também era uma proteção maior...naquela turma também não havia esse problemas... mas numa aula mais aberta nunca se sabe para onde é que a coisa pode ir e descambar... preferi jogar pelo seguro...nessa altura ... agora cada vez menos... mas ainda faço aulas relativamente abertas à participação dos alunos...

E – Vocês têm 50 minutos de aula ou 90?

P2 – Temos 90.... mas se fosse hoje eu optaria exatamente pelo mesmo... é mais seguro ter aulas observadas expositivas... uma aula observada significa sempre um corpo estranho... eu nunca sei qual é o efeito que vai ter na turma o corpo estranho que aí está... se eu abro as possibilidades eu nunca sei o que é que poderá acontecer por causa desta interação e é muito

mais difícil controlar o que pode acontecer... não sei se estás a perceber...

E – Estou... estou...

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E - Na tua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos: em primeiro lugar quanto ao aprofundamento da reflexão sobre as práticas, achas que ajudou?

P2 – Houve algum... mas se queres que eu te diga... as aulas observadas, de qualquer modo, são produções artificiais...de forma que, o que se diz... imagina aquela crítica de que a aula foi muito expositiva...

E – E esse teu cuidado em fazeres aula expositiva para teres maior controlo sobre a aula...

P2 – Sim... podem-me criticar isso, mas isso também não é o que eu faço no dia a dia... ou faço às vezes...mas ali de qualquer forma foi pensado... aquela foi pensada daquela forma... para aquela situação.

E - Aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola – a avaliação de desempenho achas que contribuiu para isso ou não?

P2 – Não...

E – Não reuniram mais, não discutiram mais...

P2 - O trabalho colaborativo existe de facto, mas não foi por causa disto, existe muito mais no dia a dia do que num processo destes.

E – E inovação nas práticas pedagógicas na disciplina de Filosofia, este processo contribuiu para isso ou não?

P2 – Não... não...até me fechei...(risos)

E – E quanto ao desenvolvimento profissional e motivação do docente avaliado? Sentiste-te mais motivado? Sentiste que houve um apoio ao desenvolvimento?

P2 – Um apoio ao desenvolvimento?

E – Ao teu desenvolvimento como profissional... como docente?

P2 – Para quê...(Pausa) Nem estou a ver como é que pode ser...

E – Não te trouxe nada?

P2 – Não.

6 – Estilo de supervisão

E – Agora quanto ao estilo do supervisor: dos adjectivos seguintes qual escolheria para caracterizar o estilo do seu supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo?

P2 – Colaborativo

E – E achas que foi o estilo adotado foi o mais adequado?

P2 – Ah sim...

E - Porquê? Numa situação destas?

P2 – O que é que ele poderia fazer? Poderia ir ali exigir uma receita para a aula que era a adequada? Não fazia muito sentido. No sentido contrário, devia ser o deixar andar... também não faz muito sentido. Eu acho que o que ele fez foi o adequado...inteirar-se do que se pretendia, do que não se pretendia... até porque ele já há muito tempo que não dá aulas de dia, de forma que tinha que se inteirar exatamente dos objetivos do programa, do que estava planificado, a Filosofia não tinha um programa muito diferente no recorrente... mas são adultos... ele procurava-se inteirar e no final não se coibiu de fazer várias objecções ... aliás acho que comigo é que não fez grandes objecções ... sei que com outros fez várias apreciações negativas... portanto, não era apenas um *laissez-faire*...

E – Mas achas que se colocou na posição de um par...

P2 – Sim... mas par não é bem assim... ele toma claramente a posição de avaliador... Colaborador mas avaliador..

7 – Atitude do professor avaliado

E – Quanto à tua atitude, como é que descreverias a tua atitude perante à profissão? Nesta época, agora penso não terá mudado muito de 2009 até agora?

P2 – [Silêncio] Eu faço aquilo que acho que devo. Dever é a primeira... Digamos que eu penso... Eu aí se calhar começava pela negativa...

E – Por aquilo que não fazes?

P2 – Não, não é por aquilo que não faço... é mesmo em termos de atitude... Eu já vi muitos colegas que fazem depender o seu desempenho do gosto... e isso sempre foi algo que logo desde o início me pôs um bocado de pé atrás...é um bocado aquela ideia que existia de que a profissão deveria ser uma profissão de fé... até porque o que eu vejo depois que os colegas que têm esse tipo de atitude... invariavelmente se tenho tempo suficiente para observar isso... quando deixam de gostar, ou porque deixam de gostar da própria lecionação, ou porque deixam de gostar deste ou daquele aspeto ou porque não gostam de uma determinada turma... ou porque não gostam de um determinado curso ou de uma determinada disciplina...imediatamente, “ajavardam” completamente o que estão a fazer, como só se esmeram quando gostam... consequentemente não sentem nada em si que os obrigue a fazer aquilo que devem quando não gostam...eu acho que independentemente de se gostar ou não gostar, em primeiro lugar cumprir o dever... e o dever numa disciplina como a Filosofia é antes de mais nada cumprir-se aquilo que são os objetivos fundamentais da filosofia... é tentar que os alunos tenham alguma perspetiva do que possa ser pensar para lá de andarem

simplesmente a repetir mecanicamente o que os outros dizem... isto é a primeira coisa... depois é claro, podem existir os conteúdos como instrumentos para isso, mas o que é fundamental em primeiro lugar é tentar, não é conseguir, conseguir, francamente... é escasso o que se consegue... mas é tentar ao menos que eles se questionem um pouco .. e que tentem compreender alguma coisa para lá dos simples lugares comuns que estão habituados a debitar e para lá da simples aprendizagem mecânica... isto é o primeiro objetivo central... tudo o resto é negociável...tudo o resto depende das circunstâncias ...sei lá... quando eu dou Área de Integração é claro que eu não posso ter muitas exigências... por várias razões... para já o programa de Área de Integração é uma manta de retalhos... e depois Área de Integração não é vista como uma disciplina séria... e não é de facto uma disciplina séria...é discutível até o sentido que faz nos cursos profissionais... e os cursos profissionais quando saírem ali da escola vão ser avaliados nas empresas em outras coisas que não o que aprendem em Área de Integração...portanto, a sua importância é muito relativa para um curso profissional ... mas, mesmo a um nível muito simplesinho, muito elementar, quase esboçado...posso fazer o mesmo que faço em Filosofia.

E - O processo de avaliação de desempenho contribui em alguma coisa para mudar essa atitude ou não?

P2 – Eu acho que não a mudava... nem que me obrigassem...

8 – Aspetos valorizados positivamente

E - O que encontra de mais positivo em todo o processo de avaliação de desempenho a que foi sujeito?

P2 – Epa ... essa é muito difícil... o que é que houve de positivo... [silêncio]... se queres que eu te diga, eu não vejo nada de positivo... quer dizer ... a relação com o [nome do avaliador] é impecável... mas essa já era impecável antes... não teve nada a ver com este processo... acho que ele foi honesto naquilo que fez... acho que .. por exemplo no processo de avaliação defendeu-nos... a mim e a [nome de outra colega]... comigo não havia problema.. mas com [nome da colega já referida] tentaram ... mas naquilo que se pode considerar uma negociata, que tem a ver com o equilíbrio de forças que existe na escola... praticamente é indiferente, o que se faça ou o que se deixe de fazer...portanto, não vejo o que possa haver de positivo aí... as aulas que eu dei... talvez tivessem tido alguma relevância... afinal tive muito bom... mas não sei o que é que a [nome da colega já referido] fez mas se não fosse apesar de tudo o peso que o [nome do avaliador] tem na escola...ela não tinha levado muito bom...seria melhor ou seria pior do que outros que lá andam... não percebo... tudo aquilo parece um regateio... e depois talvez possa ter alguma importância o trabalho que se faz... mas não é por aí... há

quem eu tivesse visto a trabalhar muito mais do que eu trabalhei...e a ter responsabilidades naquela escola... e a ter um atitude até de empreendedor e tudo o mais... e isso não se tivesse refletido na avaliação... apenas porque não tinha o peso suficiente na escola...tenho muitas dúvidas ... aquilo cheirou a regateio...a um jogo de influências... a por aqui a tirar aqui...conforme de tinha mais ou menos poder na escola...bem eu não me posso queixar muito...mas não sei se não fosse o [nome do avaliador] como é que seria...

E – Pois, porque há as cotas...

P2 – Sim é disso que eu estou a falar...independentemente da avaliação que se faça, depois é o regateio que decide tudo...por causa das cotas...

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E – Voltemos agora à Filosofia, falando de algo de que já falámos antes, partindo do teu conhecimento e experiência quais são as especificidades inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia?

P2 – Aquelas que deveriam existir ou as que existem?

E – Se calhar um pouco de ambas.

P2 – Aquelas que deveriam existir eu já disse. Eu pessoalmente acho que a estrutura das aulas de Filosofia, aquela que me parecia mais adequada era uma estrutura problemática... ou seja...e foi aquilo que eu fiz no início da minha carreira as próprias aulas deveriam ser estruturadas a partir de problemas provocatórios... não quer dizer que não tivessem parte expositiva, porque era necessário expor os problemas e as vias... mas sobretudo devia ser algo... as aulas deviam ser algo interpelante e sobretudo aguilhoarem os alunos...

E – Explorarem o sentido do problema...

P2 – Exatamente ... e isso é claro que não é o que fazem as outras disciplinas... também não teriam de ser dogmáticas como são na maior parte dos casos, mas mesmo quando têm algum sentido de problema, quando estimulam alguma coisa o espírito crítico a interpretação e tudo o mais... nunca têm esta estruturação problemática que deveriam ter as aulas de filosofia... mas que não têm...neste momento eu tenho dúvidas que até pudessem ter.. com esta obsessão do cumprimento de programas...matrizes conjuntas... qualquer dia são testes conjuntas... preparação para exames... preparação para testes intermédios... claro que pode haver uma ou outra... até eu continuo a fazer...pode haver uma ou outra aula que corresponde a isso... mas actualmente as aulas de filosofia são iguais às outras... é matéria para eles despejarem nos exames...

E – Mas achas que é incompatível? Como professor de Filosofia achas que é incompatível? Prepará-los para exame e fazer esse tipo de aulas? Porque o exame também é muito centrado

nos problemas? Porque os miúdos que compreendem os problemas fazem bem os exames?

P2 – Sim... mas quais são os que compreendem os problemas... eram uns dez por cento dos alunos... e os outros viam-se arrasca para compreender os problemas.. . e em termos de preparação para exame era muito pior para esses oitenta ou noventa por cento. Porque esses oitenta por cento querem é a papinha feita para se poderem desenrascar...

E – Uma vez que temos estado a funcionar em dois registos –o que é e o como devia ser , gostaria que pensasses também nesta questão atendendo a esses dois registos: que competências específicas deve o professor de Filosofia desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?

P2 – Ele próprio?

E – Sim, como é que ele deve proceder para promover as aprendizagens dos seus alunos... comecemos pelo que tu achas que devia ser. Para fazer uma aula centrada nos problemas que competências é que o professor de Filosofia precisa de desenvolver?

P2 – Ah...sim... capacidade de problematização, capacidade de argumentação... não sou nada pela aquela versão problematizadora em que o professor depois faz ali de boneco... ou seja, está ali depois a receber opiniões à toa, sem nexos, dos alunos...

E – Sim...sim...

P2 – Quando pretendo o debate é mesmo o debate e isso significa argumentação e confronto de argumentos e tudo o mais... e eu não estou ali a como verbo de encher... eu apresento várias das alternativas... também não sou ali um par... nem estou ali a doutrinar... mas não estou ali a receber e a aceitar opiniões...desde que o aluno participe... mesmo que o aluno diga uma baboseira qualquer há quem valorize... por acaso estou um bocado agora com essa atitude no Clube de Filosofia... (risos)...

E – Também tem outra finalidade não é... é diferente...

P2 – Sim... é diferente...é diferente... e, portanto, a argumentação é absolutamente fundamental... desenvolver a capacidade argumentativa... minha e dos alunos... ser capaz de me confrontar com as mais díspares situações que possam ocorrer no debate...

E – Esta nova perspetiva sobre aquilo que é necessário fazer agora, mesmo de acordo com as orientações da tua escola é menos exigente a esse nível?

P2 – Da escola e do país...

E – Mas achas que é menos exigente nesse aspeto...vai mais numa via de uma certa doutrinação?

P2 – Não... eu tenho que continuar a desenvolver a problematização e a argumentação...só que numa forma mais diretiva e, portanto, muito menos exigente em termos de confronto com

os outros...

E – Ua via de comunicação menos desenvolvida, mais unidirecional?

P2 – Eu não impeço ninguém de participar, mas é evidente que eu sei bem fazer as aulas que convidam a uma maior participação e a uma menor participação.. maior debate e menor debate.. abri-las mais para todos ou abri-las menos... eu acho que a aula de Filosofia deveria ser completamente aberta e é exatamente o contrário do que é...

E - Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia? Aquela que tu achas que é desejável... achas que o supervisor de Filosofia deve ter isso em conta?

P2 – Deve ter totalmente em conta...de uma forma ou de outra...mesmo sendo directivo se o professor de Filosofia não tiver capacidade de problematização, se não tiver capacidade argumentativa, se não tiver capacidade de fazer compreender também os próprios problemas, argumentos, teses, etc...não sei o que é que está ali a fazer... por isso o supervisor tem tudo ... a única coisa praticamente que devia avaliar era isso...isso e essa capacidade de desenvolver e de estar com os próprios alunos... isso deveria ser avaliado...

E – E no teu caso até foi... não foi...

P2 – Não foi muito, não foi muito porque eu fiz aulas muito directivas...

E – Mas a primeira estavas a dizer que houve mais participação...

P2 – Sim... houve mais mas também não foi de debate... não me arrisquei a isso... mas devia ser... mas devia ser...isso antes de mais nada... até porque existem professores de Filosofia que são avessos ao debate... que odeiam debater...que não querem sequer ouvir os alunos... existem mesmo.. não tenhas a menor dúvida...

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E – Então centremo-nos agora na questão do modelo de supervisão em Filosofia. Imaginemos que temos como objetivo apenas o desenvolvimento profissional e tendo esse objetivo em vista de que forma é que conceberias a supervisão destes profissionais, dos professor de Filosofia? E vou-te pedir que te foques em três áreas:princípios fundamentais deveriam orientar a ação supervisiva, práticas ou atividades que deveriam ser promovidas e características do supervisor?

P2 – Os princípios fundamentais que deveriam orientar a ação do supervisor: primeiro ... a primeira coisa... princípio fundamental... era a avaliação do conhecimento em termos científicos...apesar de já estar a haver uma viragem nesse sentido... houve demasiada despreocupação no ensino secundário... eu penso que não existe nenhuma importância dada ao conhecimento praticamente no meio docente... no ensino secundário... tanto faz que

saibam como que não saibam... e acho isto absolutamente aberrante... eu acho que acho escola só serve antes de mais como veículo do saber, depois o resto pode haver diferentes finalidades..., depois em seguida sim a capacidade que exista de interação com os alunos, sobretudo em termos de problematização e de debate e aí devia haver antes de mais nada essa interação ... isso seria o segundo...mas em primeiro lugar, por uma questão empírica neste caso, por eu ver que de facto não se dá importância rigorosamente nenhuma ao saber no ensino secundário... eu até tenho uma diretora que dizia que qualquer professor podia dar qualquer matéria... eu devia estar preparado para isso... preparado para isso porque não é necessário saber nada... pode-se ir buscar umas coisas à *wikipédia* e dizer seja o que for... não é preciso saber coisa nenhuma

E – Portanto, antes de mais, achas que a ação supervisiva devia ser orientada para uma valorização do saber?

P2 – Uma valorização do saber e até mesmo... o supervisor não tem que ser o avaliador ou tem?

E – A supervisão engloba a avaliação e a orientação... a avaliação não faz sentido a não ser inserida num processo mais vasto de supervisão, pelo menos eu assumo aqui esse pressuposto.

P2 – No caso da avaliação eu pessoalmente acho que devia ser punitiva para quem não se preocupa em saber ao menos o que tem que saber para leccionar um determinado assunto... porque a verdade é que muitas vezes se vê que não sabem... não estou a falar de grande saber académico... estou a falar de saberem sobre o que estão a leccionar.

E – Que práticas ou atividades é que deveriam ser promovidas no âmbito da supervisão do professor de Filosofia?

P2 – Isso aí, vamos lá a ver, na primeira... vá ler.. vá estudar... agora na segunda aí poder-se-iam desenvolver atividades que permitissem desenvolver determinadas técnicas de dinamização de aulas..

E – Portanto, no âmbito do conhecimento de modelos de ensino?

P2 – Sim... existem muitas coisinhas que podíamos fazer...que nós sabemos teoricamente... que vimos já nos livros...eu lembro-me daquele livro do Huizinga ou ...Izuzquiza... acho eu...que tinha lá carradas de possibilidades ...sobre a prática letiva de Filosofia... desde as mais tradicionais... a *brainstormings*... a coisas mais elaboradas...

E – E que características é que deveria ter o supervisor?

P2 – Aquele adjectivo de há bocado...o colaborativo... acho que era isso que deveria ser... quando muito para lá do colaborativo... deveria era propor atividades... isto é no âmbito da

supervisão, mais vasto... não é só avaliação ... aí acho que o supervisor poderia desenvolver atividades para que se desenvolvessem práticas mais adequadas a objetivos... bem... objetivos que eu não sei se seriam muito praticáveis nos dias de hoje...essa é que é a questão... mas por exemplo o [nome do avaliador] chegou a fazer ações mas num estilo mais académico... parece que não mas ele é assim um bocado académico...ele chegou a fazer ações.. não sei se foi nesse ano... ele chegou a fazer ações sobre avaliação.. mas que dava conselhos... mas conselhos muito concretos... sobre como deveríamos fazer os testes... mas aí não era lá muito colaborativo... era muito ...*magister dixit*...

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E – Agora o actual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Pelo menos de acordo com a legislação. Na sua opinião essa compatibilidade é possível?

P2 – [Riso] É... completamente... é possível... no atual modelo é que não...

E – E porque não no atual modelo...

P2 – Como é que eles dizem...a dimensão da responsabilização com a do aperfeiçoamento...o atual modelo continua a ser um modelo muito burocrático...não leva a nada... tenho que cumprir a tarefa... depois cumpre a tarefa... foi relevante depois para a classificação final.. pouco...

E – E dessa avaliação houve consequências?

P2 – Não houve consequências... porque entretanto eu tive que fazer a avaliação porque era para subir do quarto para o quinto escalão...e dependia de uma portaria onde se fixavam cotas e essa portaria não foi publicada... e fomos “congelados” logo eu não subi...

E – Mas poderia ter havido outras consequências mesmo a nível de formação, podia ser que tivessem sido auscultadas necessidades que levassem à frequência de alguma formação à dinamização de grupos de estudo ou de... grupos para discutir alguns problemas...

P2 – Não... isso tudo ocorreu... houve estudos de avaliação da própria escola... mas não teve nada a ver com esta avaliação dos docentes...

E – Portanto, esta avaliação não teve qualquer reflexo nas práticas da escola e dos docentes?

P2 – Não... isso acontece mas é independentemente da avaliação... a avaliação basicamente uma exigência burocrática que tem que ser cumprida e que ainda por cima, depois, cumpra-se bem ou cumpra-se mal o que decide a avaliação não é o cumprimento e depois também mesmo que se consigam atingir determinados patamares, depois também isso é irrelevante porque está congelado... e em relação às necessidades de formação deve haver aí qualquer

coisa na ficha... sei lá...lembro-me que na altura andava a tentar descobrir como é que funcionavam...não sei se foi dessa vez mas lembro-me de ter posto isso... mas isso era algo que eu já sabia independentemente da avaliação...que precisava... que precisava de saber... não foi a avaliação que deu origem a essa identificação da necessidade de formação. Agora a compatibilização entre responsabilização e aperfeiçoamento... eu nem percebo é como é que pode ser de outra forma... não vejo como é que pode haver responsabilização sem aperfeiçoamento...

E – Mas pelo que dizes, neste momento, estas duas coisas estão separadas...no atual modelo... ou naquele em que foste avaliado...

P2 – O atual modelo é um modelo burocrático não tem nada a ver com isso.. não responsabiliza, nem aperfeiçoa...tudo é decidido nesse tal regateio... a pessoa não é estimulada a responsabilizar-se pela sua avaliação... já começou um novo ciclo...já acabou... eu não pedi outra vez aulas observadas... pedi a transferência... transferência aliás que eu não pude deixar de reparar que não foi feita...aquilo era uma chapa quatro que era para toda a gente igual e em que as avaliações que eram das avaliações de aula deviam passar para a outra e não passou...

12 – Contributo da formação filosófica

E – Agora, consideras que a formação científica do professor de filosofia lhe fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores?

P2 – Isso auto supervisão nós somos sempre os melhores para nós próprios... agora a supervisão de outros professores... a única coisa que a formação de Filosofia pode ajudar significativamente é a ter alguma flexibilidade mental para se adaptar às mais diferentes posições e ópticas que possam ter os diferentes professores... porque por vezes há uma visão demasiado estreita... pelo que eu vejo... que existe muita gente que tem uma visão muito afunilada... por falta de... não é de formação filosófica...é por falta de cultura crítica... de qualquer tipo de pluralidade de pensamento...não tem que ser filosófica... aquela coisa das receitas... não me é simpática... porque existem mil e uma formas de dar bem as aulas...e de desenvolver o seu trabalho curricular ao longo do ano bem... assim como existem mil e uma formas de o fazer mal... e a aplicação de uma receita qualquer é sempre redutora...e eu vejo ... eu vejo colegas que...

E – Achas que a formação filosófica alerta para isso, dá consciência de que não existem regras...

P2 – Acho que sim... de facto às vezes mesmo em pessoas que têm uma capacidade crítica

acima da média e no entanto, às vezes, lá vêm as receitas...é mais fácil aplicar uma receita qualquer... mas francamente acho isso muito redutor quando se trata da avaliação de professores...

E – E pronto, terminámos... não sei se tens alguma coisa a dizer mais sobre a avaliação ...

P2 – Eu não... [risos] eu até dei respostas que não sabia muito bem o que dizer...o processo de avaliação como te digo foi algo que tinha que ser feito...burocraticamente... podem ter existido aspetos positivos na relação com o supervisor... mas eles existiriam de qualquer forma... não foi a avaliação que deu origem a eles... pelo contrário... o facto de existir uma situação formal até prejudica eventualmente contributos que pudessem ser dados... fica assim mais rígido... e nem sei se isto se pode chamar bem supervisão... há alguma... mas é irrelevante...

E – Muito obrigada...

ANEXO 4.3. – ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº3

ENTREVISTA AO PROFESSOR AVALIADO Nº3

Abreviaturas utilizadas na transcrição:

Entrevistador – E

Professor Avaliado 3 – P3

Este inquérito por entrevista realiza-se no âmbito do projeto de Mestrado em Supervisão Pedagógica da Universidade Aberta de Lisboa. Com os dados recolhidos pretendemos esboçar um modelo de supervisão pedagógica adequado ao desenvolvimento profissional do professor de Filosofia (Grupo de Recrutamento 410). Está garantido o anonimato e confidencialidade de todas as respostas dadas pelos participantes neste estudo.

PARTE 1:

1. Dados pessoais

1.1. Género do inquirido – Feminino Masculino

1.2. Idade

Menos de 35 anos Entre os 35 e os 45 anos Entre os 45 e os 55 anos Mais de 55 anos

2. Dados profissionais

2.1. Tempo de serviço na docência:

Menos de 5 anos Entre 5 e 10 anos Entre 11 e 20 anos Entre 21 e 30 anos

Mais de 30 anos

2.2. Experiência de aulas observadas antes deste processo de avaliação de desempenho:

Sim Qual? Estágio Pedagógico do ramo educacional

Não

3. Formação académica

3.1. Habilitações académicas de habilitação para a docência no grupo 410- Filosofia

Bacharelato Licenciatura Mestrado Doutoramento Outro

3.2. Outras habilitações académicas

Bacharelato Licenciatura Pós graduação Mestrado Doutoramento Outro
Especificação: _____

4. Processo de avaliação de desempenho em análise

4.1. Ciclo avaliativo a que se reporta a entrevista:

2009-2011 2012-2013

4.2. Menção qualitativa /avaliação obtida Muito bom (8,1)

PARTE 2:**1 - Representação do processo de avaliação por parte do professor**

E – Ora então, em primeiro lugar eu vou perguntar acerca da representação que tens deste processo de avaliação. Como encaraste este processo de avaliação de desempenho? Viste-o como uma obrigação administrativa, um procedimento de controle ou um procedimento de apoio ao desenvolvimento ou de outra forma?

P3 – Portanto, vi-o primeiro como uma obrigação... eu fiz as aulas observadas porque estou num escalão em que não tinha alternativa nenhuma... portanto, foi-me dito que poderia ter tido as aulas observadas noutra ciclo, podia ter passado para este ano... mas como aquelas coisas que são menos simpáticas eu prefiro fazê-las logo... então eu avancei... considero também que é um procedimento de controle no sentido...eu não penso que seja controle de qualidade... porque eu penso que esta avaliação avançou... primeiro porque vem dentro daquele contexto de que os professores... e era uma bocado assim... os professores tinham progressões automáticas... tu mudavas escalão , independentemente do trabalho que realizasses.. atingias um determinado tempo de serviço e era impossível que não mudasses de escalão a não ser que não tivesses feito as ações de formação para obter os créditos... e depois esta avaliação avançou mas penso que avançou aos tropeções eu já apanhei esta avaliação que era feita por um avaliador externo... mas antes desta ainda houve aquela que era feita pelos pares... se a questão é se eu concordo com isto... não... nos moldes em que está feito não...

2 – Práticas de supervisão/avaliação

E - Que aulas foram observadas - disciplina e ano?

P3 – Foram aulas do 11º ano da disciplina de Psicologia de um Curso Profissional, creio que do Módulo 4...

E –As duas?

P3 – Sim, porque isto é assim... quando nós fomos chamados à direção... para sermos informados que íam começar as avaliações externas... com um observador externo... isto foi em outubro/novembro... mais ou menos e nós apontamos para o segundo período... mas o segundo período passou e nada... no final já é que se começou a apontar que as aulas deviam ser observadas... já no terceiro período...isto andámos o não todo à espera e depois acabou por ser no terceiro período e já não havia tempo para estarmos a pensar vou fazer assim...não... tínhamos já um tempo muito limitado... porque aquilo abriu em maio só...

E - Que tipo de observação foi realizada – naturalista ou focalizada? E porque achas que foi feita essa opção?

P3 – Não te sei responder muito bem a isso...

E – Achas que foi focalizada em alguns aspetos ou o observador esteve lá e tentou ver a aula como um todo?

P3 – Eu posso é dizer-te como é que o observador estava... o observador estava essencialmente a escrever...acho que escreveu praticamente tudo aquilo que ouviu... é naturalista, é focalizada... não sei... os miúdos... no final da primeira aula, depois quando estivemos juntos perguntaram «mas o que é que ele esteve para ali a escrever, este o tempo todo a escrever, era só folhas, folhas, folhas...?» ele escreveu...pronto acho que escreveu tudo aquilo que ouviu

E- Para além da observação de aulas realizaram-se encontros pré observação e pós observação? Como é descreverias esses encontros, os pré observação, e qual a sua pertinência?

P3 – Realizaram-se... epá não sei se duas pequenas reuniões antes... ele entrou em contacto comigo e perguntou-me se nos podíamos encontrar e eu disse que sim... depois estivemos a ver onde é que nos podíamos encontrar... eu disse quais eram os tempos que tinha livres e fui ter com ele à escola dele...eu fui lá duas vezes... na primeira vez tivemos uma conversa... sinceramente pareceu-me mais uma conversa de orientador para estagiário... não me caiu muito bem... mas pensei assim... sou eu que estou de pé atrás... e eu não queria estar de pé atrás... da segunda vez... foi já para lhe mostrar ... porque ele queria... pronto gostava de ver... a minha planificação de aula... e aí é que eu não gostei mesmo...eu fui lá... fiz a planificação... vi as aulas e vi o que é que ía calhar naquela aula...e levei a planificação e ele fez-me duas ou três observações à planificação e eu não gostei mesmo... porque por acaso até tinha estado com [nome da colega que veio a ser avaliadora interna], que nem sabia na altura que ela ia ser minha avaliadora interna e disse assim ... olha lá dá aqui uma vista de olhas e vê o que é que tu achas... e ela disse eu acho bem... mas para ele... havia um ponto... ele queria que eu discriminasse muito bem todos os momentos de aula...que achava que deviam estar todos muito discriminados e eu sai de lá e pensei... olha agora tenho aqui um gajo a dizer-me o que devo fazer... é que eu às vezes até costumo fazer isso... mas tu já sabes à partida que as coisas não vão correr exatamente assim... tu queres que aquilo vá assim... mas não vai... mas ele queria tudo discriminado e deu exemplos do género... se a aula tem um texto quem é que lê o texto.. se o texto é primeiro lido em silêncio... se é lido em voz alta... e eu descriminei lá tudo e assim aconteceu... aquilo fez com que eu estivesse muito nervosa na primeira aula observada...a aula correu bem, quanto a mim correu muito bem e os miúdos também acharam que a aula correu muito bem... disseram que só houve uma coisa diferente... porque a professora estava muito nervosa... mas eu senti-me mal com isso...eu

pensei então agora depois destes anos todos fico neste estado...foi um bocado mau... no final da aula ele disse-me que tinha gostado da aula... na aula seguinte... na aula seguinte... já foi como se ele não estivesse lá... fiquei a remoer naquilo e pensei... isto é absurdo... dou aulas há tanto tempo as aulas são mais ou menos da mesma forma... umas correm melhor outras correm pior.. não fiquei enervada e disse-me que gostou mais da segunda aula... mas depois no que escreveu não é isso que lá está...

E – De qualquer forma reconheces que há alguma pertinência nesses encontros?

P3 – Sim... eu desviei-me agora um bocado do assunto... sim ...embora não me fizesse grande diferença que me aparecesse lá uma pessoa que eu não conhecia de lado nenhum a assistir-me à aula... eu acho que ainda era melhor...estás a perceber... não haver nenhum contacto... para ele...lembro-me de ele dizer que aqueles encontros eram uma espécie de quebra-gelo... se queres que te diga eu não sei se é quebra-gelo... se queres que te diga ... eu para mim... acho que teria funcionado melhor um fulano que eu nunca tivesse visto que fosse lá à minha aula fazer o papel dele e acabou...porque aquilo mexeu comigo... a história de ele me estar a dizer que se fosse ele fazia assim ... aquilo mexeu comigo...

E – E quanto aos encontros pós-observação, como é que os descreverias e qual a sua pertinência?

P3 – Pós-observação... deixa ver...

E – Depois da aula houve algum encontro para discutirem a avaliação?

P3 – Não... isso não...tive um encontro com ele depois da primeira aula.... Depois da segunda não... nunca mais o vi... depois da primeira ele ... disse que a aula tinha corrido bem... eu também não fiquei com a impressão que ele não tivesse gostado... mas não me pareceu que as críticas fossem assim de forma a que depois no final a avaliação fosse só Bom...

3– Instrumentos de avaliação

E – Quanto aos instrumentos de avaliação: que instrumentos foram utilizados para a recolha de dados para a formulação do juízo de avaliação? Portanto, houve alguma grelha de observação de aula? Houve grelhas fora desse contexto de observação?

P3 – Estás a falar do avaliador em relação a mim... não... não sei de nada disso... sei que depois dessa primeira aula ele apareceu com um documento que me leu... que era um dos documentos que vinha do Centro...julgo eu... que eram preenchidos com sim e não...sim e não... e depois aquilo a soma há-de dar qualquer coisa...

E – Mas não ficaste com esse documento?

P3 – Não...

4 – Pressupostos pedagógicos (paradigmas/modelos de ensino)

E – Ora, eu sei que a tua avaliação não incidiu sobre a disciplina de Filosofia, mas queria também saber a tua opinião sobre isto: qual o tipo de pedagogia que, na sua opinião, é mais adequada à lecionação da disciplina de filosofia?

P3 – Queres tu dizer se existe uma estratégia que seja mais adequada à Filosofia?

E – Sim...podemos dizer assim...

P3 – Eu para mim a estratégia melhor para Filosofia ... eu parto sempre de um texto... não quer dizer que não possas abordar determinados conteúdos a partir de um filme .. mas para mim é sempre um texto que é a base...

E – E o tratamento do texto... como é que costumas fazer...

P3 – O tratamento do texto que costumo fazer é sempre... é a leitura do texto e depois a análise conjuntamente com os alunos...

E – Dialogada...

P3 – Sim... claro...de preferência...

E – Aqui como não foste avaliada em Filosofia, não sabemos como é que o relator se posicionaria... mas foste avaliada em Psicologia, que tipo de pedagogia consideras mais adequada a essa disciplina?

P3 – Pois, depende ...com a Psicologia é um bocadinho diferente... embora... depende das matérias que nós estamos a abordar... dos conteúdos... no caso desta primeira aula assistida... estávamos a falar das atitudes... e eu arranjei um pequeno texto onde se falava de comportamentos... de atitudes... para fazermos a distinção entre comportamento e atitude... porque é mais difícil para nós... porque em Filosofia é mais fácil... nós sabemos onde ir buscar as coisas... em Psicologia o que faço muitas vezes é procurar exemplos.... Coisas do quotidiano que até tenham a ver com os miúdos... naquele caso fui buscar exemplos como fumar... exemplos que eles conhecem...são coisas que são mais ... como os miúdos costuma dizer... palpáveis...

E – E sobre essas opções que tu fizeste para a aula como é que se posicionou o professor avaliador...

P3 – Ele gostou... por acaso falámos sobre isso... é que são coisas que não lhes são distantes...

5 – Consequências da avaliação de desempenho

E – Agora sobre as consequências desta avaliação de desempenho: na tua opinião quais as consequências deste processo de avaliação em particular relativamente aos seguintes aspetos: aprofundamento da reflexão sobre as práticas? Achas que ajudou a seres mais reflexiva em

relação ao teu trabalho?

P3 – Penso que sim, nesse aspeto sim... não posso dizer que não... porque ao fim e ao cabo pelo facto de estares a ser avaliada acabas por refletir nas coisas que estás a fazer... por muito que não gostemos da forma como o processo se deu... mas acabas por refletir... nós fazemos isso... ou seja não é preciso estarmos a ser avaliados para refletirmos... nessas alturas somos obrigados a fazer isso e a pensar como é que vou fazer, como é que faço melhor...

E – Quanto ao aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo na escola, este processo em particular, contribuiu alguma coisa para isso?

P3 – Para mim não.

E – Porque o avaliador foi externo...

P3 – Sim... sim... a única pessoa que depois acabou por estar mais próxima foi o avaliador interno... porque é uma pessoa do grupo e é uma pessoa com quem eu trabalho mais proximamente...

E - Inovação nas práticas pedagógicas no caso, não na disciplina de Filosofia, mas naquela em que foste avaliada?

P3 – Não... não.

E - Desenvolvimento profissional e motivação tua?

P3 – Não...

E – Não te sentiste mais motivada?

P3 – Não... [riso abafado] isso aí não mesmo.

6 – Estilo de supervisão

E - Dos adjectivos seguintes qual escolherias para caracterizar o estilo do teu supervisor? Diretivo, não diretivo, colaborativo? O que era mais próximo.

P3 – Não te sei dizer...

E – Como é que descreverias a atitude dele?

P3 – Pois estou a pensar situar-me aí...

E – Disseste há pouco que sentiste que ele te tratou como se fosses uma estagiária... não sentiste que houvesse tratamento de par...

P3 – Quer dizer é um bocado ambíguo... porque ele sente-se como um par... e quer se mostrar colaborativo... mas depois eu não tenho essa sensação em relação a ele... quando ele diz... ah pois eu não teria feito assim mas tu é que sabes... este tipo... uma no cravo outra na ferradura... eu não tenho nada a ver com isso eu só vou avaliar... mas eu faria assim... não te sei explicar... é difícil situá-lo...

E – Mas de qualquer forma achas que ele faz um esforço para ser colaborativo mas que esse

esforço não é completamente conseguido...

P3 – Não... não é

E - Considera que o estilo foi o mais adequado? Porquê?

P3 – Também não sei... não tenho termo de comparação...

E – Só tens como comparação o orientador de estágio... mas é diferente

P3 – Não te nada a ver ... a posição é outra... o que eu acho é que o meu avaliador é uma pessoa que eu sei... que é uma pessoa que já fez orientação de estágios durante muitos anos e ele sente-se bem nesse papel... ele gosta mesmo daquilo... e ele considera... agora estou-me a lembrar... ele considera que estas avaliações... são desafios... eu acho que ele se sente bem nesse papel..

E – E achas que ele transpõe a prática como orientador de estágio para esta atuação como avaliador de pares?

P3 – Sim... de alguma forma sim... não é sentir que ele sabe mais do que eu... não é isso... é mais a forma como ele se coloca.

7 – Atitude do professor avaliado

E - Como é que descreverias a tua atitude face à profissão?

P3 – A minha atitude face à profissão...eu gosto da minha profissão... gosto daquilo que faço... não gosto de tudo o que faço... nós já não fazemos só aquilo que gostamos... ou seja ... não somos só professores... temos demasiada papelada à volta... eu continuo a gostar de ser professora e de dar aulas

E - Este processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude?

P3 – Não... nada!

8 – Aspetos valorizados positivamente

E – Que aspetos é que valorizarias mais positivamente nesta avaliação e desempenho? O que é encontra de mais positivo em todo este processo?

P3 – [Silêncio]... aspetos positivos...

E – Falaste há pouco da reflexão...

P3 – Sim... mas isso é uma coisa... falei na reflexão porque necessariamente vamos ter que refletir... nós estamos a ser avaliados... há uma pessoa que nos vai avaliar e obviamente nós temos que pensar como é que fazemos as coisas... temos que ver qual é que é a melhor forma de fazermos as coisas... só que essa reflexão... independentemente de haver um avaliador nós fazemo-la...só não fazemos é sobre pressão... não somos é pressionados para a fazer.... Qualquer professor que acaba de dar uma aula e não está satisfeito com a aula ...vai a pensar o que é que correu mal com aquela aula... isso é uma forma de reflexão... e às vezes já me

aconteceu que vamos com aulas preparadinhas e aquilo não sai nada do que previste... e ficas “lixada”... mas porque é que isto não correu bem... isto são as formas que nós temos para dar a volta....

9 – Especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia

E – Depois, eu sei que a tua avaliação não incidiu sobre aulas de Filosofia, porque o professor de Filosofia também faz outras coisas, mas partindo do princípio que a nossa formação é Filosofia, quais são as especificidades que tu achas que são inerentes às práticas pedagógicas da disciplina de Filosofia? Falaste já em cima do texto... para além disso tu queres fazer sobressair mais algum aspeto que tu aches que é específico na aula de Filosofia?

P3 – Para além da análise de texto...

E – Sim... enfim podemos passar se calhar já para a próxima pergunta... no fundo que competências específicas é que achas que o professor de Filosofia deve desenvolver para promover as aprendizagens dos seus alunos?

P3 – É assim... nas aulas de Filosofia como eu já te disse... assentam no texto mas não só.. assentam no diálogo... na argumentação ... e basicamente é isso... que competências específicas deve o professor desenvolver... o sermos claros na apresentação dos conteúdos ... na apresentação dos arguementos...clareza... essencialmente clareza...

E – Então procurar um discurso que possa ser compreendido pelos alunos... que não seja muito hermético?

P3 – Sim... claro... eu acho que nas aulas de Filosofia nós não podemos ter um discurso muito elevado... no sentido de que os miúdos não tenham a noção daquilo que se está a dizer...nós lidamos com textos às vezes que são extremamente difíceis... e eu acho que uma das tarefas do professor de Filosofia começa por ser esclarecer os conceitos que são mais importantes... esclarecê-los...se eles não saberem o que é que eles significam depois também não vão perceber nada do texto... e eu não considero que uma aula de Filosofia tenha de ser uma aula só de textos muito difíceis...porque aquilo que se diz de uma forma difícil também se pode dizer de uma forma simples...

E - Como é que essa especificidade pode ser tida em conta no exercício da supervisão sobre o professor de Filosofia? Imaginando que professor de Filosofia está a ser avaliado numa aula de Filosofia... a pessoa que vai ver a aula o que é que ela deve ter em atenção?

P3 – Eu acho que aquilo que ela deve ter em atenção é isto que precisamente eu estive a dizer... dependendo do assunto que se está a tratar... por exemplo... se for um autor... há autores que apresentam uma linguagem um bocadinho mais distante da linguagem comum...

E – O Kant ... por exemplo...

P3 – Exatamente... pensando por exemplo no Kant...eu penso que o avaliador deve ter em conta o papel do professor no sentido em que esclarece... esclarece os conceitos... porque há ali conceitos que se não forem esclarecidos... ninguém percebe nada do que se está a falar... e penso que essencialmente é isso...

10 – Projeto de modelo de supervisão em Filosofia: princípios, pressupostos e práticas

E – Imaginando então que temos que criar um modelo de supervisão par ao professor de Filosofia. Se tivermos em conta exclusivamente o objetivo do desenvolvimento profissional do professor de Filosofia de que forma é que conceberias a supervisão destes profissionais? Em primeiro lugar Portanto... gostaria que visses esse modelo atendendo a três aspetos: quais princípios que tu achas que deveriam orientar a ação supervisiva, que princípios é que deveriam estar subjacentes ao processo de supervisão do professor de Filosofia, que práticas ou atividades deveriam ser promovidas e que características é que deveria de ter o supervisor? Portanto, podemos começar pelos princípios...

P3 – Princípios fundamentais... o que é que vai ser observado...

E – Sim... e no processo o que é que deve estar sempre presente... o que é que deve estar subjacente a todo o processo..

P3 – O que deve estar subjacente a todo o processo... e isto agora já englobando as três dimensões... deveria ser de facto a melhoria do ensino... embora não seja isso que está a acontecer... aquilo que deveria ser o objetivo da supervisão era de facto a melhoria do ensino... a qualidade das aulas... podemos falar assim... e penso que... práticas ou atividades... por exemplo... o grupo de Filosofia... estou-me a lembrar do grupo ali de [nome de escola] ... somos aí cinco ou seis... podiam assistir às aulas uns dos outros...mas assistir no sentido... não no sentido de encontrar falhas... mas no sentido de fazer críticas construtivas... não é a pessoa sentir que os colegas vão lá entrar na sala para ver se há falhas e é isso é que deixa as pessoas mais constrangidas... é óbvio que isto também pressupõe que os colegas se dão bem entre si... é óbvio que nós também sabemos que há colegas com quem temos mais dificuldade em ter relacionamento... então o que podia ser feito era as pessoas combinarem entre si... aliás como nós fazíamos... agora estou a lembrar-me ... quando éramos estagiários...nós assistíamos às aulas umas das outras e não tínhamos constrangimento nenhum... no final reuníamos e perguntávamos «então o que é que tu achas»... «aí devias ter feito assim»... «se calhar era melhor que tivesses feito desta maneira ou daquela» eu acho que era isto que devia haver nos grupos...

E- Uma maior colaboração...

P3 – Uma maior colaboração que de facto não há... mas não é no sentido de ...como acontece

com estas avaliações... eu entro na minha sala... estou com a minha turma... e está tudo constrangido... inclusive a turma... porque está um sujeito lá atrás com uma data de folhas que eles só ouvem passar... estás a perceber... foi isso que aconteceu... mas para que é que é aquelas folhas todas... e a turma é impecável... os miúdos foram impecáveis... colaboraram...foi óptimo... mas sinto que houve constrangimento... se isto fosse normal... olha hoje vou à tua aula e amanhã ou quando puderes vais à minha... os miúdos também não estranhavam muito... e era tudo muito mais natural...

E – No fundo também já respondeste... mas que características é que deveria ter o supervisor...

P3 – Acho que o supervisor devia ser uma pessoa... olha devia ser uma pessoa que devia passar despercebido na aula... não interferir na aula... porque o facto de entrar uma pessoa duas vezes numa aula... vai interferir necessariamente... vai interferir com o professor e vai interferir com os alunos... se fosse normal...

E – Poderia interferir até no sentido de participar?...

P3 – Sim... por exemplo... porque não...se fosse... não tinha pensado nisso... ías à minha aula... tu lembravas-te de qualquer coisa e tu até participavas naturalmente... desde que existisse o tal clima propício para isso...

11 – Compatibilidade ou contradição entre responsabilização e aperfeiçoamento/desenvolvimento.

E - O atual modelo de avaliação de desempenho pretende compatibilizar a dimensão da responsabilização com a de aperfeiçoamento. Na tua opinião essa compatibilidade é possível?

P3 – Bem eu com este modelo de avaliação não sei...

E – Este modelo com avaliador externo e avaliador interno...

P3 – Espera aí deixa-me só dizer-te uma coisa... é que eu ainda estou com dificuldade neste momento em perceber que modelo de avaliação é este... porque antes deste modelo com avaliador externo tivemos o outro modelo que era de avaliação de pares... e passámos assim bruscamente para este modelo com avaliadores externos que apareceram assim de repente... nem eles sabiam... e isto está tudo assim... eu dá-me a sensação que isto foi tudo feito em cima do joelho...e está tudo a funcionar em cima do joelho... e não penso que decorra daqui o aperfeiçoamento de ninguém com este tipo de avaliação... as pessoas fazem estas avaliações porque são obrigadas a fazer... eu tenho esta sensação em relação a toda a gente...

E - Achas que por exemplo o outro... da avaliação entre pares era melhor nisso?

P3 – Eu não gostava desse... não... não mas vou-te dizer porquê... porque aquilo surgiu tudo com uma grande confusão que era a história dos professores titulares...aquilo gerou ali

grandes complicações...

E – Que entretanto já desapareceram...

P3 – Sim... mas aquilo gerou ali grandes complicações... porque eram pares mas já não eram pares... eu acho que isto até assentar e sair daqui alguma coisa... entretanto a crise passa...[Risos]

12 – Contributo da formação filosófica

E – Agora, por fim, consideras que a tua formação científica enquanto professora de filosofia te fornece instrumentos que poderão auxiliar numa prática de auto supervisão ou de supervisão de outros professores? Estamos a falar da nossa formação científica como professores de Filosofia ... se há alguma coisa que essa formação pode dar que auxilie numa prática de supervisão de ti mesma ou, numa situação em que isso se possa colocar, à supervisão de outros?

P3 – Sim... eu penso que sim... especialmente na componente da crítica... eu sou crítica com o meu trabalho. Não estou sempre satisfeita com aquilo que faço... às vezes não fico nada satisfeita... e faço uma reflexão sobre aquilo que estou a fazer... penso que a nossa formação nos dá uma prática de auto supervisão no sentido da reflexão... agora se isso nos dá para os outros... dará também para os outros... sim dará...mas era uma coisa que eu não gostaria de ser era avaliadora ...

E – Por exemplo, nós podemos pensar que temos também uma formação em ética... pensas que por exemplo no caso de algum dia te veres na situação de vires a avaliar outro professor, portanto, essa formação em ética poderá auxiliar de alguma forma...

P3 – Penso que sim... toda a formação me pode auxiliar... embora era uma coisa que eu não gostava de ser... mesmo...

E – Pronto, terminámos... muito obrigada!

ANEXO V – QUADROS DE ANÁLISE DE DADOS

Quadro 1: Representação geral do processo de avaliação de desempenho

S	Representação geral do processo de avaliação de desempenho (Q1)	P	
S1	«na minha perspectiva, foi mais uma <u>imposição</u> . Não foi algo que eu considerasse haver necessidade de fazer, nem sequer algo que eu considerasse na altura de grande relevância. Foi uma imposição, alguém tinha que o fazer e dado que eu era a mais velha do grupo coube-me o papel de relatora.»	«acho que o vi essencialmente como uma <u>obrigação administrativa</u> ... uma obrigação que tive que cumprir com vista à mudança de escalão.»	P1
S2	No contexto em que apareceu, [...] vi como um pouco disso tudo...porque de facto ele surgiu, transcendendo um pouco aquela situação meramente administrativa do relatório para subir de escalão que era o que havia dantes, mas foi como um <u>mecanismo e controle</u> , ou pelo menos uma <u>tentativa de condicionar o acesso [a escalões mais elevados da carreira]</u> e [...], foi uma coisa bastante mal recebida pelos professores. Eu <u>fui compelido</u> ... não aceitei o cargo de mote próprio,[...] já agora tentei fazê-lo de uma forma profícua, de modo a que servisse para alguma coisa e que a coisa fosse feita com alguma honestidade,[...]. Eu tentei fazê-lo com ganhos profissionais para mim e sobretudo para os meus avaliados [...] na maior parte dos casos correu bem mas noutros caos houve alguma incompreensão por parte dos avaliados... que acharam que eu estava a ingerir... que era uma ingerência no seu trabalho... as pessoas também têm alguma resistência a estes processos que vêm <u>inquinados politicamente</u> ...[...] depois há uma espécie de barganha entre os avaliadores e isso é profundamente negativo e por causa também das cotas. E depois o resultado disto foi nulo, porque não serviu para nada»	«P2 – Sim para os dois primeiros e não para o terceiro. E – Portanto, uma <u>obrigação administrativa</u> e um <u>procedimento de controlo</u> ... P2 – Sim, isso mesmo.»	P2
S3	É assim, inicialmente todo <u>este processo está inquinado</u> . E está inquinado porquê? Por todos estes <u>constrangimentos</u> que nós estamos a ter, não é...E tendo todos estes constrangimentos eu acho que não havia muita gente disponível para fazer esta avaliação, por isso <u>eu fui obrigado a avaliar</u> . [...] No entanto, a partir do momento em que eu fui obrigado a aceitar eu vejo o processo como um <u>processo formativo</u> , vejo o processo no sentido em que as pessoas ao exporem o seu trabalho e alguém assistir ao seu trabalho e se alguém pudesse participar no seu trabalho, isto era uma forma de nos irmos formando uns aos outros.	«Portanto, vi-o primeiro como uma <u>obrigação</u> ... eu fiz as aulas observadas porque estou num escalão em que não tinha alternativa nenhuma... [...] considero também que <u>é um procedimento de controlo de qualidade</u> ... [...] primeiro porque vem dentro daquele contexto de que os professores... e era uma bocado assim... os professores tinham <u>progressões automáticas</u> ... [...] e depois esta avaliação avançou mas penso que avançou aos tropeções [...]... se a questão é se eu concordo com isto... não... nos moldes em que está feito não...»	P3

Quadro 1: Representação geral do processo de avaliação de desempenho

Quadro2: Representação sobre os encontros pré e pós observação

S	Representação sobre os encontros de pré e pós observação	P	
S1	<p>Eu expliquei sempre <u>qual era o meu papel</u> lá e tentei [...] transmitir que o facto de eu estar lá <u>nunca o entendessem numa perspectiva de alguém que está a querer controlar</u>, alguém que só porque casualmente teve aquele papel está lá para prejudicar. A minha <u>intenção</u> era mais no sentido de... até de <u>partilha</u>. [...]. Depois das observações de aulas nós tínhamos umas grelhas para preencher e posso dizer que essas <u>grelhas foram sempre preenchidas em conjunto</u>. [...] Eu nunca cheguei com a grelha preenchida, portanto, em conjunto, eu colocava a questão às minhas colegas: como é que pensam que vos correu em termos deste ponto, em termos de conseguirem, por exemplo cativar o aluno. Aham que correu bem, o que é que fizeram, o que é que não deveriam ter feito E aqui era a própria avaliada que dizia, bem, isto aqui se calhar falhou um bocadinho porque o miúdo, enfim, não estava muito vocacionado para esta temática. Portanto, <u>foram mais eles próprios que fizeram uma autocrítica</u> do seu trabalho e não tanto eu.</p> <p>E – Portanto, promoveste, por assim dizer, uma <u>autosupervisão</u>.</p> <p>S1 – <u>Exato</u>. [...] foi um pouco à <u>maneira socrática</u>, foi o outro a dizer de sua justiça. [Sobre a pertinência dos encontros]... isso é extremamente importante, <u>para a pessoa saber aquilo que a espera</u> e depois <u>para ter o feedback daquilo que aconteceu</u>.</p>	<p>«Primeiro foi realizado um encontro em que conversámos sobre as características da turma cujas aulas seriam observadas e sobre o tema das aulas e sua integração no percurso até aí realizado... Acho que foi pertinente, na medida em que <u>permitiu à avaliadora obter conhecimentos sobre a dinâmica da turma</u>... assim houve uma <u>melhor integração e compreensão da aula a observar</u>. Ela procurou compreender o contexto, acho eu... E – E quanto aos encontros pós-observação? Como é que os descreverias e qual a sua pertinência?</p> <p>P1 – Bem... acho que foram <u>essenciais em todo o processo</u>. Nestes encontros foi discutida a aplicação dos parâmetros que constavam na grelha e traduzidos numa avaliação numérica... Fiz a <u>minha auto avaliação</u>, comparámos e chegamos a um acordo sobre o preenchimento definitivo da grelha... acho que <u>foi correto</u> este procedimento...»</p>	P1
S2	<p>Eu como sou [...] um <u>democrata</u>... e acredito sinceramente na <u>participação</u> e nos métodos participativos [...] tínhamos sempre uma reunião antes em que o avaliado... nós até chamávamos formando... que não era... porque foi transposto um pouco o modelo do estágio[...]houve vários modelos de estágio mas a <u>posição</u> não era paritária ...esta era <u>paritária</u>... [...] então havia uma reunião antes em que <u>o avaliado dava conta do que ia fazer</u> e o avaliador <u>facultava os instrumentos, tudo transparente</u>, havia a aula e depois havia <u>uma reunião no fim para se discutir quer o que tinha acontecido quer sobre os critérios de classificação e avaliação que ainda é outra coisa</u>.. o que teve aí alguns engulhos, porque o Conselho Pedagógico discutiu se se devia dizer logo tudo ou não... mas <u>eu disse logo tudo a toda a gente</u>. Ou seja, eu disse logo quanto é que a aula tinha, usando a grelha que tinha sido adotada com aqueles intervalos.</p> <p>[Pertinência dos Encontros] Sim, sim... aliás, nem acho que possa ser de outra</p>	<p>«tenho a impressão que da parte dele o que <u>se procurou foi dar conhecimento dos parâmetros</u> ... e depois eu penso que houve... porque eu próprio já trazia plano de aula e tudo mais... e o que houve foi uma <u>troca de impressões acerca do que ia acontecer</u>... e ele também não tinha grandes objecções àquilo que eu ia fazer... ainda hoje estivemos a falar e houve casos em que ele teve... não se levantaram grandes problemas</p> <p>E – E os encontros pós observação? Como é que os descreverias e qual a sua pertinência?</p> <p>P2 – Normalmente esses eram já <u>avaliativos... procurando dar conta das razões destas e daquelas notas</u>... por exemplo, lembro-me que... eu achei que a segunda aula foi melhor do que a primeira e ele achou exatamente o inverso... porque a segunda foi uma aula, talvez mais expositiva...</p>	P2

	maneira... não é para combinar nada ... é só <u>as regras... os guiões...</u> o que é que vou fazer... para a pessoa saber com o que é que pode contar... e depois... no fim... para fazer <u>a crítica do que aconteceu... crítica no bom sentido.</u>		
S3	«, numa primeira fase, eu achei por bem, neste sentido fazer um encontro com a colega, <u>tentar ver os constrangimentos</u> que ela tinha quanto à avaliação e tentar <u>delinear um plano de ação para a avaliação.</u> E por isso fizemos esse pré-encontro porque efectivamente eu achei. As <u>orientações na formação que tivemos depois no centro de formação era que não deveria de haver,</u> porque <u>a avaliação era formal,</u> quanto menos contacto afectivo... isto segundo o orientador do centro de formação... quanto menos contactos tivéssemos para evitarmos problemas a nível de recursos...coisa que eu nunca entendi bem... <u>porque uma coisa é a parte formal e outra é a ligação que nos temos como profissionais e a orientação do trabalho.</u> O que nos foi dito é que nós não estávamos lá como orientadores.[...] Porque não tinha estas indicações, observei depois a aula e depois fiz um encontro também para analisar a aula. Depois numa segunda aula já não foi assim porque as orientações no fundo, não obrigavam que fosse feito de outra forma...até <u>desaconselhavam... referindo sempre a questão do recurso...</u> porque depois como é que nós poderíamos justificar todo este envolvimento com o avaliando... e por isso, nunca nos obrigaram a fazer de outra forma, mas <u>aconselharam sempre que não houvesse outros encontros, nem antes nem depois...</u> mas depois ficava um pouco ao nosso critério.	«na primeira vez tivemos uma conversa... sinceramente <u>pareceu-me mais uma conversa de orientador para estagiário...</u> não me caiu muito bem... mas pensei assim... sou eu que estou de pé atrás... e eu não queria estar de pé atrás... da segunda vez... foi já para lhe mostrar ... porque ele queria... pronto gostava de ver... <u>a minha planificação de aula...</u> e aí é que eu não gostei mesmo...eu fui lá[...] levei a planificação e ele fez-me duas ou três observações à planificação e eu não gostei mesmo... porque por acaso até tinha estado com [nome da colega que veio a ser avaliadora interna], que nem sabia na altura que ela ia ser minha avaliadora interna e disse assim ... olha lá dá aqui uma vista de olhas e vê o que é que tu achas... e ela disse eu acho bem... mas para ele... havia um ponto.. . ele <u>queria que eu discriminasse muito bem todos os momentos de aula</u> [...]é que eu às vezes até costumo fazer isso... mas tu já sabes à partida que as coisas não vão correr exactamente assim... [...]mas ele queria tudo discriminado e deu exemplos do género... se a aula tem um texto quem é que lê o texto[...] e eu descriminei lá tudo e assim aconteceu... aquilo <u>fez com que eu estivesse muito nervosa na primeira aula</u> observada...a aula correu bem, quanto a mim correu muito bem e os miúdos também acharam que a aula correu muito bem...	P3

Quadro 2: Representação sobre os encontros de pré e pós observação

Quadro 3: Adequação dos instrumentos de recolha de dados

S	Adequação dos instrumentos de recolha de dados (Q3)	P	
S1	<p><u>Não propriamente à disciplina, ao sistema de avaliação.</u> Ou seja, se tu me perguntares se aquela grelha era fundamental ou importante ao nível da disciplina de Filosofia, não. Não tem nada a ver com uma avaliação de uma boa aula de filosofia Nessa grelha o que estava em causa não era a especificidade da disciplina, mas os recursos, a metodologia, era mais a vertente pedagógica. [...] Por isso é que eu digo, ao nível da Filosofia, dispensei qualquer tipo de grelha... [...]ao nível da observação de aulas a minha preocupação foi a aula enquanto aula de Filosofia, depois da observação de aulas, esqueci a Filosofia e entrei num processo já mais ao nível da pedagogia, foram dois processos distintos.</p>	<p>[...] a avaliadora utilizou uma grelha para a observação de aulas que foi do meu prévio conhecimento e cujos <u>parâmetros foram comuns para a generalidade das disciplinas.</u> Apesar disso... apesar de serem para todas as disciplinas quero eu dizer... acho que... considerarei os <u>parâmetros adequados, dado que continham o essencial, quer no que diz respeito à realização das atividades letivas, quer no que diz respeito à relação pedagógica com os alunos.</u> Além disso, <u>o facto de ser avaliada por uma colega de Filosofia garantiu que o seu “olhar” estivesse já enquadrado no que é específico de uma aula de filosofia...</u> isso é importante... julgo que não faz sentido ser avaliada por um docente de outra área...</p>	P1
S2	<p>Exatamente, porque na primeira situação só no fim do processo em 2009 é que apareceu uma grelha do ministério porque o ministério também não estava preparado. Porque entre dimensões e domínios , descritores <u>havia grelhas com 200 itens, que era uma coisa de loucos.</u> [...]Nenhuma outra profissão é avaliada assim... [...]. No final <u>o ministério resolveu o problema com uma aplicação que é uma espécie de excel com uma coisa por cima.</u> E isso foi bom porque <u>permitiu fazer o cálculo sem grandes disparidades.</u> No segundo processo, de 2009 a 2011 foi mais e menos complicado. Apareceu <u>depois uma grelha única mas aquilo tinha dimensões, domínios e também mais uma vez não foi fornecida a chave, ou seja, a atribuição de pontuação foram dados intervalos</u> e foi mais complicado porque... e nem sequer apareceu uma aplicação informática para resolver o problema... só que como era mais mitigado... porque as dimensões foram aligeiradas, a coisa tornou-se mais gerível e nós já tínhamos a preparação do primeiro biénio, [...]</p>	<p><u>À especificidade da disciplina não sei se seriam assim muito... mas aquilo também seguia... havia a grelha do ministério... e a grelha do ministério tinha lá parâmetros... assim que... francamente... havia lá coisas que eram absurdas e que tinham que ser cumpridas... por exemplo... tinham que se utilizar instrumentos informáticos... porquê? Qual era a necessidade disso para uma aula de filosofia... uma aula de filosofia não seria necessariamente boa... ou não é excelente... porque aquele parâmetro valeria zero...se não utilizar instrumentos informáticos... isto é um bocado absurdo... e isto naquela escola que tem de facto instrumentos informáticos disponíveis... agora noutras escolas em que nem eles existem... de forma que existem assim sempre alguns fatores que ou são avaliados de forma menos rigorosa...</u></p>	P2
S3	<p>«[...] <u>utilizei a minha grelha de registos que foi concebida por mim. Até estava à espera que nessa formação, já que era universal, construíssemos uma grelha mais ou menos universal...</u> não tendo, eu peguei mais ou menos nos indicadores fornecidos pelo Ministério e construí uma grelha de avaliação [...]nós trabalhamos na formação instrumentos possíveis... a partir da legislação...em grupo e aquilo no fundo era mais opinativo... que é isto que eu não gosto muito... na formação era para nos ajudar a criar conceitos rigorosos...mas não aquilo era um pouco opinativo...</p>	<p>«Estás a falar do avaliador em relação a mim... não... não sei de nada disso... sei que depois dessa primeira aula ele apareceu com um documento que me leu... que era um dos documentos que vinha do Centro...julgo eu... que eram preenchidos com sim e não...sim e não... e depois aquilo a soma há-de dar qualquer coisa...»</p>	P3

Quadro 3: Adequação dos instrumentos de recolha de dados na observação

Quadro 4a: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento da reflexão sobre as práticas

S	Consequências do processo de avaliação – aprofundamento da reflexão sobre as práticas (Q5a)	P	
S1	<p>«<u>pontualmente pode ter promovido</u>. A partir do momento em que eu me sento com um colega do mesmo grupo disciplinar e estamos a discutir sobre uma aula, que por acaso foi a dela, acho que estamos a refletir sobre as práticas, portanto, nessa perspetiva <u>houve reflexão sobre as práticas</u>. Se tu me disseres se só nesse processo de avaliação é que isso ocorreu ou se era necessário este processo de avaliação para que essa reflexão tivesse ocorrido, eu digo-te que não. Porque, <u>mesmo fora desse processo de avaliação, nós conversamos, nós reflectimos sobre as nossas práticas e vamos partilhando, agora é óbvio que neste momento também existiu.</u>»</p>	<p>«Bem... <u>todo o processo de avaliação, quando resulta também de uma autoavaliação, conduz a uma reflexão sobre as práticas e isso conduz a um processo de aperfeiçoamento</u> ...e... embora não seja linear, acho que vai dando os seus frutos.»</p>	P1
S2	<p>«Houve...Digamos nem que seja à força... teve que haver. O processo foi imposto, era incontornável... não pode ser negligenciado... a pessoa que está envolvida não pode ... até por interesse próprio... há ali uma certa competição, <u>a pessoa tem uma certa motivação, neste caso extrínseca... para ter o desempenho o melhor possível...</u> não é tanto aquela coisa da nota... é mais uma questão... de... de... E1 – Brio? S2 – Exatamente... brio...Tiraste-me as palavras da boca... e depois <u>também obriga a reunir... as pessoas com cada um ...entre todos...</u> como o relator era o delegado de grupo...»</p>	<p>«Houve algum... <u>mas se queres que eu te diga... as aulas observadas, de qualquer modo, são produções artificiais...</u>de forma que, o que se diz... imagina aquela crítica de que a aula foi muito expositiva... E – E esse teu cuidado em fazeres aula expositiva para teres maior controlo sobre a aula... P2 – Sim... <u>podem-me criticar isso, mas isso também não é o que eu faço no dia a dia... ou faço às vezes...mas ali de qualquer forma foi pensado... aquela foi pensada daquela forma... para aquela situação.</u>»</p>	P2
S3	<p>«Eu penso <u>que não há muitas porque nós, a forma como estamos a encarar o processo de avaliação, não sei se as pessoas chegam aí, não chegam</u>. Quer dizer eu acho <u>que há uma consequência porque a pessoa efectivamente faz uma reflexão sobre o seu próprio trabalho, mas todos os constrangimentos que estão à volta da nossa avaliação neste momento não dão muito espaço a consequências formativas.[...]</u> Não vejo consequências, porque há muitos constrangimentos. <u>As pessoas não estão ali de livre vontade, as pessoas não vêm este processo sério, as pessoas não têm uma ligação ao próprio avaliador, veem-no sempre doutra forma...</u> e, portanto, quer neste processo, quer naquele que fiz como avaliador interno... o que é que acontece, acontece que todos os constrangimentos causaram desconfiança no modelo de avaliação de professores.»</p>	<p>«Penso <u>que sim, nesse aspeto sim...</u>não posso dizer que não... porque ao fim e ao cabo <u>pelo facto de estares a ser avaliada acabas por refletir nas coisas que estás a fazer...</u> por muito que não gostemos da forma como o processo se deu...mas acabas por refletir... <u>nós fazemos isso... ou seja não é preciso estarmos a ser avaliados para refletirmos... nessas alturas somos obrigados a fazer isso e a pensar como é que vou fazer, como é que faço melhor...</u>»</p>	P3

Quadro 4a: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento da reflexão sobre as práticas

Quadro 4b: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo

S	Consequências do processo de avaliação – aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo	P	
S1	<p><u>Sim... mas o processo de avaliação não contribuiu para que houvesse nem mais...nem menos...Isto é, aquilo que existia... antes ou depois não é uma consequência do processo avaliativo... Quer dizer o processo avaliativo contribuiu para a reflexão sobre as práticas mas, a partir daí...não quer dizer que houvesse mais.[...]. Este processo avaliativo não faz com que o professor seja melhor ou seja pior, não faz com que as reflexões sobre as páticas aumentem ou diminuam, são situações pontuais que em si mesmas promovem a reflexão sobre as práticas, em si mesmas geram ali um reencontro entre docentes do mesmo grupo e uma partilha muito grande mas depois aquilo morre ali.»</u></p>	<p>P1 – Quanto a isso penso que nos lembrou... a ambas, avaliadora e avaliada, da importância de trocar experiências, matérias e metodologias... modos de fazer ...para enriquecer a nossa prática. Atualmente temos muito pouco tempo e no dia-a-dia nas escolas há pouco tempo e espaço para debater assuntos pedagógicos próprios dos grupos disciplinares.</p> <p>E – Mas isso não era prática do grupo...</p> <p>P1 – <u>Sim... nós tentamos sempre... mas este momento formal obrigou mesmo a isso ... tivemos mesmo que fazer ...porque às vezes a azáfama é muito...muito trabalho burocrático...muitas turmas...muitos níveis... e mesmo que o grupo trabalhe bem em conjunto...com tanto que cada um tem para fazer acaba por haver um certo isolamento...</u></p>	P1
S2	<p>S2 – <u>Claro que sim. Houve. [...] Foi mais entre os grupos...porque neste modelo o relator era quase sempre o delegado de grupo. E o grupo tendia a se inteirar do que se estava a passar e a apoiar... a apoiar com troca de experiências... etc.. as reuniões de grupo eram muitíssimo frequentes...[...], era para debater... e, portanto, o grupo esteve sempre ao corrente e sempre participando no processo e já que... eu por exemplo... eu orientei alguns mini-seminários sobre avaliação da prática pedagógica... E não foi só para os avaliados...foi para todos...Ah e atenção... os avaliados eram todos... os que não tinham observação de aulas... quanto mais não seja pelo processo administrativo também eram avaliados...eu avaliei o grupo inteiro...pelos relatórios... [...]e de facto obrigou a que as práticas, neste momento, sejam de facto mais colaborativas, ainda que às vezes a contragosto, até porque há mais instâncias de supervisão. O conselho pedagógico hoje funciona muito melhor do que o que funcionava. Os delegados de grupo são muito mais interventivos, os coordenadores de departamento supervisionam.... Porque havia uma série de instâncias de supervisão formal, que não faziam supervisão real...</u></p>	<p>P2 – Não...</p> <p>E – Não reuniram mais, não discutiram mais...</p> <p>P2 - <u>O trabalho colaborativo existe de facto, mas não foi por causa disto, existe muito mais no dia a dia do que num processo destes.</u></p>	P2
S3	<p>S3 – <u>Não, penso que não.</u> Eu penso que este modelo poderia ser, se não houvesse todos estes constrangimentos, [...] porque há um conjunto de constrangimentos que faz com que o processo não seja assumido por ninguém.</p>	<p>P3 – <u>Para mim não.[...]</u> a única pessoa que depois acabou por estar mais próxima...foi o avaliador interno porque é uma pessoa do grupo e é uma pessoa com quem eu trabalho mais proximamente...</p>	P3

Quadro 4b: Consequências do processo de avaliação – aprofundamento das práticas de trabalho colaborativo

Quadro 4c: Consequências do processo de avaliação –inovação nas práticas pedagógicas

S	Consequências do processo de avaliação – inovação nas práticas pedagógicas	P	
S1	<p>S1 – Em termos de inovação esses... até porque é assim são duas aulas e em duas aulas tu não podes fazer tudo aquilo que que fazes ao longo do ano, até porque <u>quando se vai ter uma aula assistida o professor tenta sempre inovador, criativo,</u> ou seja, tenta proporcionar uma boa aula, uma aula agradável a quem está do outro lado. Agora eu pergunto-me será que o professor antes já não fazia boas aulas, aulas interessantes? Também o fazia, porque se não o fizesse, não o conseguia fazer naquele momento. Não é? <u>Se aquele professor consegue dar uma aula excelente é porque antes ele já o fazia...</u></p> <p>E – Essa competência já lá estava...</p> <p>S1 – Já lá estava porque senão não seria naquele momento que ele a iria desenvolver, portanto, isto são situações pontuais em qu e inovação ou não existiu ou então se existiu... [...]também já lá estava...</p>	<p>P1 – Bem... havendo uma aula assistida que é para avaliação há sempre uma tendência para fazer coisas mais inovadoras e criar novos materiais, o que é sempre positivo, quer na altura, quer para utilizações posteriores. Nesse sentido <u>poderá ter propiciado alguma inovação... relativa aos materiais produzidos para aula...</u></p>	P1
S2	<p>S2 – <u>Sim, de certo modo contribuiu, porque obrigou as pessoas a não serem banais...</u> eu sei que há uma <i>decálage</i> entre as aulas assistidas e as outras aulas [...]. De qualquer modo <u>contribuiu para incrementar certas práticas que...</u> porque de facto houve que prestar algumas contas... a supervisão é isso... é de uma forma não ingerente... não prepotente... mas tem que haver como está na moda agora a accountability... <u>E é muito lamentável, eu acho muito lamentável que...nos modelos de avaliação do desempenho do professor a primeira coisa que é sempre suprimida é a observação de aula</u> e a única coisa que fica e é o que interessa é o trabalho burocrático, que é o trabalho de encher portfolio [...]</p>	<p>P2 – <u>Não... não...até me fechei...(risos)</u></p>	P2
S3	<p>S3 – Não...penso que não... quer dizer... mais uma vez eu digo... <u>a própria pessoa que está a ser avaliada, para si, só o exercício que ela faz de uma preparação de aula diferente...</u> só o facto de estar numa <u>tensão diferente...</u> porque é diferente, é uma aula observada minha ou de outra pessoa qualquer é diferente, é uma aula construída com outro objetivo, e por isso, nem os alunos estão à vontade, nem a pessoa avaliada está à vontade, nem o próprio avaliador está à vontade, porque está ali como uma pessoa estranha. Por isso, <u>não se construiu nada em que todas as pessoas pudessem estar à vontade e que aquilo fosse efectivamente a avaliação de um trabalho, e porquê? Por todos estes constrangimentos que nós sabemos....</u></p>	<p>E - Inovação nas práticas pedagógicas no caso, não na disciplina de Filosofia, mas naquela em que foste avaliada?</p> <p>P3 – <u>Não... não.</u></p>	P3

Quadro 4c: Consequências do processo de avaliação –inovação pedagógica

Quadro 4d: Consequências do processo de avaliação – desenvolvimento e motivação

S	Consequências do processo de avaliação – desenvolvimento e motivação	P	
S1	<p>S1 – A motivação ... eu acho que <u>contribui para a motivação naquelas situações em que ... se o avaliado tem uma boa avaliação eu acho que motiva.</u> Pode não ter grande importância, mas a pessoa sente-se motivada, porque foi obrigada (no 4º escalão eram obrigadas), mas independentemente da obrigatoriedade ou não, se o avaliado obtém depois de todo este processo resultados satisfatórios eu acho que motiva porque todos nós gostamos de ver reconhecido o nosso trabalho e neste caso um bom resultado traduz-se numa classificação acima de Muito Bom. E isso dá uma certa motivação porque o professor vê-se recompensado. Investiu, investiu porque... para além de estar a desempenhar esse papel de avaliado continua a desempenhar as suas funções, a dar todas as aulas, a corrigir testes, e portanto isso é uma situação que ainda faz com tenha um trabalho extra. Mas depois, chega ao fim e isso motiva-o, ele sente que foi reconhecido pelo seu trabalho. <u>Quanto ao desenvolvimento profissional se o profissional já não trabalhava para isso, não será este processo que faz a diferença.</u></p>	<p>P1 – Ora... como eu disse... na medida em que somos levados a produzir algo mais inovador para a aula assistida... acho que todos procuramos mostrar o nosso melhor ... <u>haverá um certo impulso para o desenvolvimento... no entanto, o impulso enfraquece e a motivação esgota-se quando começamos a perceber que todo o processo acaba por não ter quaisquer consequências na progressão... é falacioso... enganador...</u> acaba por ser uma imposição que é feita com um pretexto... mas que não dá em nada... <u>as pessoas sentem-se defraudadas.. enganadas...</u> acabamos por entender tudo isto como mais <u>uma obrigatoriedade administrativa... uma obrigação que...</u> desculpa a expressão... acaba por ser só para “chatear” e dar mais trabalho, pois sempre há mais alguns papeis que temos que produzir... temos que dar à preparação das aulas uma dimensão mais formal do que o que é habitual e isso demora tempo...</p>	P1
S2	<p>– «Eu penso que tive uma experiência com casos contrastantes... há pessoas cujo perfil psicológico, não quer dizer que sejam maus profissionais, mas cujo perfil psicológico é isolacionista e eu admito que possa ser assim...há pessoas que não gostam de partilhar... que gostam de trabalhar sozinhos... não gostam que ninguém se meta... que é uma coisa que... como isto é uma organização...[...] tem uma estrutura, e uma estrutura tem que ter uma hierarquia... não é autoritarismo... é uma hierarquia [...] <u>há-de haver um encontro de vontades e uma deliberação e isso é para seguir.</u> O que acontece na educação em Portugal é que muitas vezes isso não se passa. Cada um toca o que sabe e tocam desgarradamente... não há orquestra, não há partitura, não há nada... e há pessoas, não sendo maus profissionais, às vezes até sendo bons, insistem às vezes nesta... como se não tivessem que dar contas a ninguém...isso ... <u>este processo teve montes de efeitos perversos... mas teve esse efeito que foi tentar recentrar um bocado isso... isto não é cada um anda aqui a fazer como quer...e hoje em dia as coisas são muito mais organizadas, [...]</u> E – Então achas que contribuiu para a motivação e desenvolvimento dos</p>	<p>P2 – Um apoio ao desenvolvimento? E – Ao teu desenvolvimento como profissional... como docente? P2 – Para quê...(Pausa) <u>Nem estou a ver como é que pode ser...</u> E – <u>Não te trouxe nada?</u> P2 – Não.</p>	P2

	<p>professores avaliados?</p> <p>S2 – <u>Acho que sim.</u> Apesar de ter tido efeitos perversos, que é a tal história de ter instigado alguma competitividade em sentido negativo...</p>		
S3	<p>S3 – Sim, sim... A única coisa que eu penso é isto: <u>a pessoa ao fazer está-se a esforçar para melhorar os seus processos e a consequência é essa, mas é a consequência mínima... pois a pessoa também faria isto de outra forma... e depois se não tem ninguém e se depois não há um grande feedback disto, não há espaço para esse feedback e esse feedback é pouco, porque quando nós depois queremos orientar alguns aspectos as pessoas depois também não ficam muito contentes [...]</u></p> <p>S3 – Eu penso que as pessoas estão motivadas... não digo que não estejam</p> <p>E – Mas o processo em si traz essa consequência...</p> <p>S3 – Não traz essa consequência... se trazer é uma consequência mínima do próprio trabalho da pessoa... aquele momento... a pessoa está em tensão... isso pode ter alguns resultados, mas não são grandes resultados, nem resultados conversados... o que é que acontece ... uma outra coisa era se pudesse a partir dali haver uma consequência disso... até a própria pessoa... bem este aspeto... nunca tinha reparado nisto... o que é que acontece... quando uma pessoa dá estas indicações... vem uma justificação ou uma desculpa e não se integra aquilo como um processo formativo...</p>	<p>E - Desenvolvimento profissional e motivação tua?</p> <p>P3 – Não...</p> <p>E – Não te sentiste mais motivada?</p> <p>P3 – Não... [riso abafado] isso aí não mesmo.</p>	P3

Quadro 4d: Desenvolvimento e motivação

Quadro 5 - Estilo de supervisão adotado e justificação

S		P	
S1	<p>«<u>Colaborativa</u>. Porque diretiva, como já deves ter percebido não fui. Aliás isso seria contrariar a especificidade da nossa disciplina. Não directiva também não me parece que seja o modelo adequado, porque isso é como aquele tipo de liderança laissez-faire, também os outros precisam, pontualmente de algum apoio. <u>Eu acho que foi mais colaborativa. Não impondo, dando oportunidade ao outro.</u> Aliás, e até nos próprios planos de aula, uma das avaliadas... eu colaborei no próprio plano de aula, porque o primeiro que entrega eu fi-la sentir que ela nunca conseguiria numa aula abordar todos aqueles temas. As pessoas às vezes na ânsia de fazer bem na aula assistida pode ser um fiasco. E ela entregou-me tudo e eu disse: revê e então ela disse «-Ah eu já me tinha apercebido, mas não queria ficar a meio.»</p>	<p>«P1 – <u>Colaborativo... sem dúvida colaborativo... foi tudo muito dialogado.</u> E - Consideras que o estilo adotado foi o mais adequado? Porquê? P1 - Sim... sem dúvida, acho que não teria sentido de outro modo, dado que a avaliadora é antes de mais uma colega de grupo com a qual trabalho há 20 anos. Conhecemos o trabalho uma da outra... <u>já colaborámos em muitas atividades... não faria sentido, julgo eu, outro tipo de atitude...»</u></p>	P1
S2	<p>«S2 – Colaborativo. E – A achas que foi o estilo mais adequado? Porquê? S2 – <u>Acho que sim. Porque eu pus .. muni os avaliados dos instrumentos... não tive qualquer segredo...inclusivamente até me bati, por exemplo, aqui na escola chegou a existir a directiva de os avaliadores não interferirem nas aulas... mas interferir é uma coisa e intervir é outra...e eu acho que podia intervir... não é intervir a ralar com o avaliado... porque até isso foi equívoco...houve pessoas que acharam que o avaliador podia intervir para chamar à atenção de alguma coisa... mas não era isso... era entrar no dialogo.. acharam que era perturbador eu acho que não porque as pessoas não são autómatos... desde que isso fosse dito à partida... tudo tem que ser é combinado... olha, eu posso intervir...<u>tudo tem que ser é combinado e as coisas têm que ser claras e transparentes...</u></u></p>	<p>«P2 – Colaborativo E – E achas que foi o estilo adotado foi o mais adequado? P2 – Ah sim... E - Porquê? Numa situação destas? P2 – <u>O que é que ele poderia fazer? Poderia ir ali exigir uma receita para a aula que era a adequada? Não fazia muito sentido. No sentido contrário, devia ser o deixar andar... também não faz muito sentido.</u> Eu acho que o que ele fez foi o adequado...inteirar-se do que se pretendia, do que não se pretendia... até porque ele já há muito tempo que não dá aulas de dia, de forma que tinha que se inteirar exatamente dos objetivos do programa, do que estava planificado, a Filosofia não tinha um programa muito diferente no recorrente... mas são adultos... ele procurava-se inteirar e no final não se coíbiu de fazer várias objecções ... aliás acho que comigo é que não fez grandes objecções ... sei que com outros fez várias apreciações negativas... portanto, não era apenas um laissez-faire... E – Mas achas que se colocou na posição de um par... P2 – Sim... mas par não é bem assim... ele toma claramente a posição de avaliador... Colaborador mas avaliador..</p>	P2
S3	<p>S3 – Se eu quisesse ser simpático dizia colaborativo, se eu quisesse ser simpático... mas eu acho que não é aquilo que o avaliador externo tem... o avaliador interno se calhar tem mais... eu acho que qualquer <u>avaliador de qualquer área deve ser directivo e colaborativo.</u> Ou seja, <u>directivo não no sentido de direccionar mas de orientar</u>, isto é, o que é nós podemos fazer em conjunto. Mas a colaboração nunca é</p>	<p>«P3 – Quer dizer é um bocado ambíguo... porque ele sente-se como um par... e quer se mostrar colaborativo... mas depois eu não tenho essa sensação em relação a ele... quando ele diz... ah pois eu não teria feito assim mas tu é que sabes...este tipo... uma no cravo outra na ferradura... eu não tenho nada a ver com isso eu só vou avaliar... mas eu faria assim... não te sei explicar...é difícil situá-lo...»</p>	P3

<p>feita. Mesmo na minha própria formação por exemplo, quando se fazia por exemplo uma grelha para planificar. Muitas das vezes aquilo surgia da minha própria. Eu, enquanto orientador de estágio, por exemplo, tentei dar aquilo que muitas das vezes não me davam, porque eu vi as falhas no processo anterior... não é faz!, Mas podes fazer desta forma, ou podes encontrar uma forma de fazer melhor....como é que se planifica? Eu planifico assim, mas também podes arranjar outra maneira</p> <p>E – Portanto, quando tu dizes directivo, no fundo estás a dizer que também faz parte das funções do supervisor, pelo que eu entendo, quer seja no caso dos estagiários, quer seja no caso dos próprios colegas, a função de dar sugestões, de apresentar alternativas...</p> <p>S3 – Alternativas sim...</p> <p>E - Não quer dizer que as sigam...</p> <p>S3 – Claro, nem têm que seguir, porque aqueles são pontos de vista, muitas das vezes até diferentes e <u>seria nesta partilha que o avaliador poderia melhorar e que o avaliando poderia melhorar.</u> [...]</p> <p>E – Então por um lado não podias ser muito colaborativo, mas por outro lado também não tinhas uma grelha tinhas que ser formal , mas não sabias qual o critério a seguir?</p> <p>S3 – O critério era legislativo... os indicadores. Aliás eu apresentei ao formador uma grelha e o que eu estava à espera seria aquilo que eu esperava enquanto avaliador seria... epá se fosse eu faria isto desta forma ou aquilo daquela forma... mas não...só dizia... pois é possível, é possível fazer assim... porque o que eu é queria era que me dissessem isto não faz sentido, por isto assim e assim, ou isto faz todo o sentido, mas não, e nós <u>ficámos ali sozinhos... nós sabemos que o ato de avaliação é sempre solitário</u>, e não pretendo que seja de outra forma, pelo menos o momento classificativo... mas... nós como avaliadores... <u>o que eu sinto é que cada pessoa foi deixada sozinha... depois dá-se essa formaçãozinha para dar a entender que as pessoas não estão sozinhas... e depois quando tentamos falar com alguém cada um sente-se sozinho à sua maneira... e tenta fazer o seu trabalho e aqui sim...da melhor forma... e de uma forma profissional...</u></p>	<p>E – Mas de qualquer forma achas que ele faz um esforço para ser colaborativo mas que esse esforço não é completamente conseguido...</p> <p>P3 – Não... não é</p> <p>E - Considera que o estilo foi o mais adequado? Porquê?</p> <p>P3 – Também não sei... não tenho termo de comparação...</p> <p>E – Só tens como comparação o orientador de estágio... mas é diferente</p> <p>P3 – Não te nada a ver ... a posição é outra... o que eu acho é que o meu avaliador é uma pessoa que eu sei... <u>que é uma pessoa que já fez orientação de estágios durante muitos anos e ele sente-se bem nesse papel... ele gosta mesmo daquilo...</u> e ele considera... agora estou-me a lembrar... ele considera que estas avaliações...são desafios... eu acho que ele se sente bem nesse papel.</p> <p>E – E achas que ele transpõe a prática como orientador de estágio para esta atuação como avaliador de pares?</p> <p>P3 – Sim... de alguma forma sim... não é sentir que ele sabe mais do que eu... não é isso... é mais a forma como ele se coloca.</p>
--	---

Quadro 5: Estilo de supervisão adotado e justificação

Quadro 6 – Atitude face à profissão do professor avaliado e contributo para a mudança

S	Atitude face á profissão do professor avaliado e contributo para a sua mudança	P
<p>S1</p>	<p>«Ora bem para já eram duas pessoas muito diferentes, mas isso não impediu que eu tivesse dado Muito Bom às duas, por razões diferentes e porque estavam em posições diferentes. São pessoas diferentes. <u>Uma tem uma atitude de maior responsabilidade, de maior gosto pela profissão pelo papel que desempenha enquanto docente.</u> Isto também é preciso dizer que uma <u>já está na profissão há muito tempo</u> e a outra é uma pessoa mais nova, que ainda se está a encontrar, e portanto ainda estava meio perdida, daí eu dizer que são atitudes diferentes.[...]. Mas eram atitudes diferentes, <u>uma portanto mais responsável, já mais enraizada digamos assim sobre aquilo que é o papel do docente de filosofia na escola.</u> A outra ainda estava <u>mais numa fase de aprendizagem.</u></p> <p>E – Consideras que o processo de avaliação contribuiu para uma mudança na atitude destas docentes face à profissão.</p> <p>S1 – <u>Numa delas não.</u></p> <p>E – Na mais velha ou na mais nova.</p> <p>S1 – <u>Na mais velha. Era ela própria e continua a ser.</u> Na mais nova talvez.</p> <p>E – Portanto, estavam <u>em momentos diferentes do desenvolvimento profissional?</u></p> <p>S1 – Sim, sim e a mudança talvez na minha perspetiva estivesse ligada à segurança.[...]. Penso que poderá ter ganho maior confiança, mais autoestima. Penso que talvez tenha contribuído um pouco para isso.»</p>	<p>P1</p> <p>«Bem, se calhar a maneira mais sincera de responder é dizer-te <u>que tem dias, há dias mais difíceis</u>, mas sobretudo tento fazer o melhor que posso e... penso... como direi... <u>penso sempre que ensinar é ensinar alunos reais</u>, ou seja, não vale a pena preparar a aula “perfeita” para mim, com o discurso mais rigoroso e hermético... se depois a aula não chega ao aluno... <u>é importante ser rigoroso, mas também é importante comunicar efectivamente... chegar ao aluno...</u> e os alunos não são abstrações... <u>temos que entender até que ponto eles estão em condições para entender o que dizemos</u> e para realizar as atividades que propomos... e <u>isso é um trabalho complexo...</u></p> <p>E – E este processo de avaliação de desempenho contribuiu para uma mudança nessa atitude? De que forma?</p> <p>P1 – <u>Não... não penso que tenha contribuído... acho que esta atitude... esta preocupação em chegar ao “aluno real” já integra por si, com facilidade, processos de autoavaliação e avaliação...</u> muitas vezes tenho que reformular as aulas ou as primeiras planificações... escolher outros materiais que inicialmente não tinha ponderado usar... porque entendo que tenho que me ajustar às necessidades e condições presentes nas turmas. <u>Acho que a nossa profissão é muito exigente nisso...temos que estar sempre a reformular e a ajustar... [...]isso é inerente à própria profissão... o próprio trabalho nos obriga a mudar... não é a avaliação que nos muda... pelo menos no meu caso não mudou...</u></p>
<p>S2</p>	<p>«Sim ... <u>é um professor muitíssimo empenhado, muitíssimo bem preparado, incansável do ponto de vista profissional... aliás, até é hiperbólico... tem uma ótima relação com os alunos</u> e é um bocado especializado empiricamente em... não é que ele tenha... há pessoas que trabalham para as elites.. e ele não... ele tem tido cursos profissionais... turmas que em princípio são um pouco difíceis... e ele é uma pessoa humilde... <u>é uma pessoa que tem uma grande empatia com os alunos... não se põe ao par dos alunos... é um mestre... e é muito porfiado, é uma pessoa que trabalha muito, dá muitas oportunidades e fica até... um bocado ... contrariamente à posição do grupo... e tem um grande domínio das Tecnologias, das tic... é uma pessoa que se empenha muito.</u></p> <p>E – A pergunta que se seguia era se consideras que o processo de avaliação de</p>	<p>P2</p> <p>«P2 – [...]Eu já vi muitos colegas que fazem depender o seu desempenho do gosto... e isso sempre foi algo que logo desde o início me pôs um bocado de pé atrás...[...] até porque o que eu vejo depois que os colegas que têm esse tipo de atitude... [...]quando deixam de gostar, ou porque deixam de gostar da própria lecionação, ou porque deixam de gostar deste ou daquele aspeto ou porque não gostam de uma determinada turma... [...]...imediatamente, “ajavardam” completamente o que estão a fazer, como só se esmeram quando gostam... consequentemente não sentem nada em si que os obrigue a fazer aquilo que devem quando não gostam...eu acho que <u>independentemente de se gostar ou não gostar, em primeiro lugar cumprir o dever... e o dever numa disciplina como a Filosofia é antes de mais nada cumprir-se aquilo que são os objetivos fundamentais da filosofia...</u> é</p>

	<p>desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? S2 – <u>No caso dele...a atitude dele não foi afetada porque ele já era... Ele até foi prejudicado, porque eu ia-lhe dar um excelente e ele só pode ter Muito Bom por causa das cotas. Porque não havia disponibilidade de cotas para ele.</u></p>	<p><u>tentar que os alunos tenham alguma perspetiva do que possa ser pensar para lá de andarem simplesmente a repetir mecanicamente o que os outros dizem...</u> isto é a primeira coisa... depois é claro , podem existir os conteúdos como instrumentos para isso, mas o que é fundamental em primeiro lugar é tentar, não é conseguir, conseguir, francamente... é escasso o que se consegue... mas é tentar ao menos que eles se questionem um pouco .. e <u>que tentem compreender alguma coisa para lá dos simples lugares comuns que estão habituados a debitar e para lá da simples aprendizagem mecânica... isto é o primeiro objetivo central...</u> tudo o resto é negociável...tudo o resto de pende das circunstâncias ... [...] E - O processo de avaliação de desempenho contribui em alguma coisa para mudar essa atitude ou não? P2 – <u>Eu acho que não a mudava... nem que me obrigassem...</u></p>	
S3	<p>[...]S3 – <u>Eu considero que todas as pessoas que avaliei até ao momento em qualquer processo pessoas muito empenhadas, pessoas muito profissionais, isso sim, pessoas que querem fazer o seu melhor e estão de corpo e alma na profissão.</u> Não tive nenhum caso contrário a isso... Agora, aquilo quer-se dizer... <u>as pessoas olham para o processo de uma forma desconfiada, não têm confiança no processo...</u> e por isso eu já vou desconfortado para o trabalho... porque eu já me apercebo que a pessoa... E – Tem expectativas negativas? S3 – E a pessoa quase que percebe... epá estás aqui porque és obrigado, quase que nos dizem. E – Este processo de avaliação de desempenho achas que contribui alguma coisa para uma mudança nessa atitude? Na atitude do professor face à profissão. S3 – No primeiro encontro aquilo que eu sugeri não é.. e até era engraçado porque diziam que nós não devíamos fazer sugestões... era registos... e eu depois pedi o registo... mas o registo não aparece... [...] e depois toda aquela confidencialidade... [...] <u>uma coisa de tal forma formal que faz com que as pessoas estejam completamente separadas.</u> E – E isso também não ajuda a qualquer mudança de atitude... S3 – <u>Não ajuda mas eu continuo a achar que eles também querem separar a função do avaliador externo da do avaliador interno...</u></p>	<p>P3 – A minha atitude face à profissão...<u>eu gosto da minha profissão... gosto daquilo que faço... não gosto de tudo o que faço...</u> nós já não fazemos só aquilo que gostamos... ou seja ... <u>não somos só professores... temos demasiada papelada à volta... eu continuo a gostar de ser professora e de dar aulas</u> E - Este processo de avaliação de desempenho contribui para uma mudança nessa atitude? P3 – <u>Não... nada!</u></p>	P3

Quadro 6: Atitude face á profissão do professor avaliado e contributo para a sua mudança

Quadro 7: Contributo mais positivo do processo de avaliação de desempenho

S	Contributo mais positivo do processo de avaliação de desempenho	P	
S1	<p>S1 – De mais positivo... <u>foi um momento de diálogo entre colegas e foi interessante confrontar-me com o modo como abordavam os conteúdos</u> e também fiquei contente por termos conseguido que tudo decorresse sem grandes tensões... pelo menos penso que não terá havido grandes tensões...</p>	<p>P1 – Acho que o que resultou de mais positivo foi <u>a criação de novos materiais e a discussão sobre a eficácia das opções pedagógicas</u>. Sempre fiquei com mais materiais para usar ou reformular depois...</p>	P1
S2	<p>S2 – O que eu encontro de mais positivo é <u>podermos... confrontar o trabalho com algum padrão de exigência...</u> antes destes processos era tudo uma coisa casuística... neste momento passou a haver um determinado padrão... se bem que discutível nalguns casos, mal feito noutros, ... epá... eu tenho que dar contas disto a alguém... não contas no sentido do imposto que eu pago, mas no sentido de que isto tem que ter um mínimo de transparência... e isso foi bom .. <u>apesar de isto ter sido muito mal concebido e muito mal executado... não foi pior executado devido a quem esteve no terreno que teve profissionalismo e se empenhou porque a nível ministerial...</u> a primeira grelha então foi caótica... o segundo processo já foi mais estável mas também tinha menos carga dramática... [...]</p>	<p>P2 – Epa ... essa é muito difícil... o que é que houve de positivo... [silêncio]... <u>se queres que eu te diga, eu não vejo nada de positivo... quer dizer ... a relação com o [nome do avaliador] é impecável... mas essa já era impecável antes... não teve nada a ver com este processo... acho que ele foi honesto naquilo que fez...</u> acho que .. por exemplo no processo de avaliação defendeu-nos... a mim e a [nome de outra colega]... comigo não havia problema.. mas com [nome da colega já referida] tentaram ... <u>mas naquilo que se pode considerar uma negociata, que tem a ver com o equilíbrio de forças que existe na escola... praticamente é indiferente, o que se faça ou o que se deixe de fazer... portanto, não vejo o que possa haver de positivo aí [...]</u> tenho muitas dúvidas ... <u>aquilo cheirou a regateio... a um jogo de influências...</u> a por aqui a tirar aqui... conforme de tinha mais ou menos poder na escola... bem eu não me posso queixar muito... mas não sei se não fosse o [nome do avaliador] como é que seria... E – Pois, porque há as cotas... P2 – Sim é disso que eu estou a falar... <u>independentemente da avaliação que se faça, depois é o regateio que decide tudo... por causa das cotas...</u></p>	P2
S3	<p>S3 – <u>Eu tenho sérias dúvidas em todo este processo, quer da disponibilidade da parte dos professores, quer da implementação do processo, são comissões que são criadas, são pessoas que estão lá mas para executar um trabalho pouco colaborativo...</u> e vemos isso nos próprios sindicatos até... quando reivindicam a avaliação não se sabe bem o que é que os sindicatos querem, por isso, neste contexto é muito difícil nós termos... eu acho que devíamos acabar com este tipo de avaliação e se calhar até... se quiséssemos ser um bocadinho sérios começar com as pessoas mais novas um processo novo de avaliação... com as pessoas que estão a entrar na carreira... não estou a dizer para descurarmos esta avaliação de pessoas como eu ou como outros como eu que estão há vários anos no ensino... termos uma avaliação mas uma</p>	<p>P3 – [Silêncio]... aspetos positivos... E – Falaste há pouco da reflexão... P3 – Sim... mas isso é uma coisa... falei na reflexão porque necessariamente vamos ter que refletir... nós estamos a ser avaliados... há uma pessoa que nos vai avaliar e obviamente nós temos que pensar como é que fazemos as coisas... temos que ver qual é que é a melhor forma de fazermos as coisas... <u>só que essa reflexão... independentemente de haver um avaliador nós fazemo-la... só não fazemos é sobre pressão... não somos é pressionados para a fazer...</u> Qualquer professor que acaba de dar uma aula e não está satisfeito com a aula ... vai a pensar o que é que correu mal com aquela aula... isso é uma forma de reflexão... [...]</p>	P3

<p>avaliação diferente. <u>E trabalhar um processo um pouco mais sério, um pouco mais equilibrado e que desse confiança às pessoas... isto é as pessoas estão a entrar na carreira... sabem precisamente que querem pessoas competentes... não sei se haverá área tão competente como a nossa, atualmente nós temos doutorados, professores com mestrado, com licenciaturas... por isso não é por aí, não é pela competência científica...</u></p> <p>E – Aliás o ensino tem a classe se calhar mais qualificada do país.</p> <p>S3 – <u>Exato...não é por aí... agora como as pessoas são muito qualificadas não me parece que se sujeitem facilmente à avaliação e eu sempre disse... há.. somos pares... no momento em que alguém me vai avaliar... nem que seja o meu melhor amigo... passa a ser o meu avaliador.. e não deixa de ser meu amigo... há uma certa dificuldade em equilibrar isto? Há. Nem todas as pessoas conseguem equilibrar isto? Não.</u></p>		
---	--	--

Quadro 22: Contributo mais positivo do processo de avaliação de desempenho

Quadro 8: Práticas pedagógicas mais adequadas à disciplina de Filosofia

S	Práticas pedagógicas mais adequadas à disciplina de Filosofia (Q4a, Q9a)	P	
S1	<p>Q4a«– Ora bem, para mim não há um [paradigma pedagógico], <u>há vários e um bom professor de filosofia tem que saber qual é que é melhor naquele dia, naquela aula, com aquela matéria, com aqueles alunos.</u> Agora apesar de ser apologista da diversidade há uma coisa que eu considero <u>fundamental em Filosofia que é a questão do diálogo.</u> É assim, não pode ocorrer uma boa aula de filosofia se o diálogo não estiver presente. <u>O diálogo é fundamental para a especificidade de uma disciplina como a Filosofia e isso, para mim, tem que ocorrer.</u> [...] Quando falo em diálogo não é em bagunça dentro da sala de aula... todos a falarem ao mesmo tempo. É o professor estar a explicar uma coisa mas numa <u>perspetiva de abertura a que haja algo do outro lado, do outro lado é do lado dos alunos, uma interação.[...].</u> É evidente que até numa aula expositiva o diálogo pode estar presente,[...]. Tens que estar aberta e receptiva e fazeres com que o outro, neste caso os alunos, também partilhem, também intervenham nas questões que são abordadas.»</p> <p>Q9a« Sim.. não há um modelo específico na minha perspetiva, mas a ênfase vai mais para a aprendizagem do que para o ensino... No binómio ensino-aprendizagem o enfoque vai mais para a aprendizagem... Não me importa ter um discurso xpto se o aluno se o aluno não está a aprender completamente nada. É óbvio que existem desvantagens, por vezes temos que baixar muito o nível que... mas, por isso é que eu digo... não há um modelo único também porque não há uma turma única.</p>	<p>Q4a«Acho que qualquer pedagogia que <u>suscite a participação dos alunos</u> e que lhes ofereça uma matéria de reflexão. Uma dimensão mais ativa da aula... ou seja, mais orientada para a atividade do próprio aluno é fundamental... sobretudo nas aulas de 90 minutos, dada a sua extensão, é essencial um momento mais “prático”, em que o aluno possa resolver uma tarefa, individualmente ou em grupo.»</p> <p>Q9a« P1 - Qualquer prática pedagógica na aula de filosofia deve ter por fim <u>promover a reflexão e o debate de ideias.</u> O professor não pode fazer um monólogo e limitar-se a falar sozinho... <u>tem que se incentivar o diálogo</u> sobre os problemas da filosofia e a análise das várias propostas de resolução dos problemas... tem que haver discussão, reflexão... enfim debate de ideias... como já disse.</p>	P1
S2	<p>Q4a«Eu acho que isso depende muito do contexto das turmas, do background de alguns alunos, das matérias. Eu acho que as aulas de Filosofia têm sempre de ter sempre duas componentes, <u>uma componente expositiva e uma componente participativa.</u> Não sou muito construtivista nessas coisas, não acho que os alunos tenham que descobrir a partir do nada. Porque a filosofia é uma disciplina constituída com conteúdos...[...]. Há duas fases. Há uma fase em que há uma certa magistralidade, digamos assim, e depois há uma fase heurística. Mas o diálogo só pode surgir a partir de conhecimentos mínimos, de um enquadramento mínimo que o professor tem que fazer. Não acredito no diálogo...[...]. Os alunos de Filosofia chegam ao 10º ano muito jovens e muito pouco treinados a não</p>	<p>Q4a«– Qualquer <u>prática que seja mais próxima da maiêutica socrática</u> pode ser considerada como mais adequada às aulas de Filosofia... neste momento... tendo em conta que é uma disciplina de exame... tendo em conta as exigências... na minha escola os testes passaram a contar noventa por cento da avaliação...em filosofia.. imposto de cima para baixo...em todas as disciplinas com exame os testes passaram a contar noventa por cento... <u>existe uma obsessão inacreditável com os resultados...</u></p> <p>E – Portanto, o trabalho prático em aula, não é contabilizado para a avaliação?</p> <p>P2 – Praticamente não... eu já não era favorável aos critérios de avaliação do meu grupo que eram oitenta, quinze e cinco... então agora muito menos...não sei que raio eles pretendem... a ideia deles é terem</p>	P2

	<p>ser numa certa espontaneidade que as crianças e jovens têm... Penso que tem que haver um misto das duas coisas... <u>tem que haver um certo academismo inicial...uma preocupação de não deixar descambar... e o diálogo e a fase heurística é depois... e é depois e em concomitância... é sempre um método misto ...não acredito em diálogos a partir do nada...</u> até porque a filosofia tem um programa...e depois nós em filosofia temos uma grande luta contra o senso-comum... a filosofia é uma questão de opiniões... isso não é verdade... a filosofia não é uma questão de opiniões...ao contrário é de uma opinião fundamentada... não é a opinião do homem que está à porta do café e emite uma opinião...»</p> <p>Q9a« <u>A especificidade é... tem que haver diálogo... a prática dialógica é essencial...</u> e tem que haver sobretudo no 10º ano...um grande cuidado para introduzir a disciplina porque são jovens de 14, 15 anos... não sabem o que ela é...depois os pais estão mal informados.. dão assim a ideia de que isto é do domínio do opinionismo... e depois a disciplina tem alguma reputação de não haver consenso... vê lá o que é que ele quer que tu digas... ou o que é que ela quer que tu digas...vê lá se vais contra a opinião dele... e é preciso definir isso muito bem , o que é a disciplina, que tem determinadas áreas, que tem uma história, apesar de não se reduzir a ela, e os programas neste momento não ajudam porque são muito atomísticos e dispersos... Pode-se dizer que estou um bocado viciado na minha formação como professor... os programas dantes tinham uma estrutura cronológica. Isso dá uma certa entretela, uma certa trama... e estava centrado em figuras...o Sócrates da Apologia...o texto para o 10º ano... o Galileu... e esses dramas faziam com que se criasse um interesse é por isso que as pessoas que vão à televisão como o professor José Hermano Saraiva, ou do David Attenboroug ou o Carl Sagan têm sucesso, porque a figuração ... para pessoas desta idade eu falar do drama do Galileu... se eu venho falar do experimentalismo, assim a seco...»</p>	<p>resultados nos exames entre as melhores escolas do país... [...] <u>está tudo focalizado para aí... ora com um ensino modelo deste tipo... é evidente que as aulas têm que ser directivas... têm que ser adestradoras...</u> os trabalhos são antes de mais nada trabalhos feitos para preparar para testes e é a preparação para testes é que conta... porque os testes é que decidem tudo...</p> <p>E – Um bocado contra o espírito da filosofia...</p> <p>P2 – Completamente...completamente, portanto, <u>neste momento a pedagogia adequada que exigem de nós nas escolas secundárias é o contrário mais absoluto do que deveria ser uma aula de Filosofia...</u>»</p> <p>Q9a «- P2 – Aquelas que deveriam existir eu já disse. Eu pessoalmente acho que a estrutura das aulas de Filosofia, <u>aquela que me parecia mais adequada era uma estrutura problemática...</u> ou seja...e foi aquilo que eu fiz no início da minha carreira as próprias aulas deveriam ser estruturadas a partir de problemas provocatórios... não quer dizer que não tivessem parte expositiva, porque era necessário expor os problemas e as vias... mas sobretudo devia ser algo... <u>as aulas deviam ser algo interpelante e sobretudo aguilhoarem os alunos...</u></p> <p>E – Explorarem o sentido do problema...</p> <p>P2 – Exatamente ... e isso é claro que não é o que fazem as outras disciplinas... também não teriam de ser dogmáticas como são na maior parte dos casos, mas mesmo quando têm algum sentido de problema, quando estimulam alguma coisa o espírito crítico a interpretação e tudo o mais... nunca têm esta estruturação problemática que deveriam ter as aulas de filosofia... mas que não têm...neste momento eu tenho dúvidas que até pudessem ter.. com esta obsessão do cumprimento de programas...matrizes conjuntas... qualquer dia são testes conjuntas... preparação para exames... preparação para testes intermédios... claro que pode haver uma ou outra... até eu continuo a fazer...pode haver uma ou outra aula que corresponde a isso... mas actualmente as aulas de filosofia são iguais às outras... é matéria para eles despejarem nos exames...</p>	
S3	<p>Q4«Ora bem eu acho que <u>qualquer tipo de pedagogia comum a todas as disciplinas que são leccionadas no nosso grupo, devem ter uma base dialógica,</u> isto é, a tentativa de levarmos a que o aluno perceba o que é que está em causa, quais são os problemas que estão em causa... e isto penso que serve para a Filosofia, serve para a Psicologia...para qualquer disciplina... o que é que está em causa? <u>Nesta aula o que é que é que nós vamos dar... e isso deve ser</u></p>	<p>« P3 – Eu para mim a estratégia melhor para Filosofia ... <u>eu parto sempre de um texto...</u> não quer dizer que não possas abordar determinados conteúdos a partir de um filme .. mas para mim é sempre um texto que é a base...</p> <p>E – E o tratamento do texto... como é que costumam fazer...</p> <p>P3 – O tratamento do texto que costumo fazer é sempre... <u>é a leitura do texto e depois a análise conjuntamente com os alunos...</u></p>	P3

<p><u>precisamente de base dialógica...</u> em que o aluno perceba duas ou três questões ou uma questão que vão resolver durante a aula ... e depois que será fundamentado num texto... num texto que pode ser de autor ou que pode ser do próprio professor... por isso que tipo de aula eu defendo, <u>eu defendo um bocadinho um aula em que há uma abertura do tema por parte do professor, abertura, o que é que vamos falar...</u> o levantamento da questão pelo professor, tentar se os alunos conseguem levantar alguma questão sobre esse tema e depois apresentar um texto ou outro instrumento qualquer, uma imagem e a partir dali criar a aula e construir a aula com o aluno. Não sou tanto da ideia de que os alunos têm muitas opiniões sobre as coisas, senão ficamos no ramo opinativo, e o que é que acontece hoje em dia muitos alunos não têm grande formação e então ficamos ali naqueles conceitos básicos e não passamos dali. Eu acho que o professor deve-se ancorar num texto seu ou noutra tipo de recurso mas que leve o aluno a pensar e a trabalhar as ideias fundamentais que nós pensamos que são importantes para desenvolver aquele tema. [...]</p> <p>Q9a«S3 – Eu penso que é aquilo que eu disse... Basearmo-nos numa pedagogia dialógica, isto é, há o interesse que o aluno participe na sua aprendizagem e participe de uma forma significativa. O aluno tem que saber que vai para uma aula e tem que estar em silêncio... não há aula sem silêncio.. e este silêncio não quer dizer silêncio de se ouvir as moscas... silêncio na forma de estar...</p> <p>E – Atenção?</p> <p>S3 - Atenção na forma de ouvir os outros, sem isto dificilmente faremos qualquer coisa em Filosofia porque os temas prestam-se a isto...num primeiro período eu tento trabalhar isto... o que nestes últimos anos é muito difícil...os miúdos não vêm com competências a nível do saber estar na sala de aula... no 10º ano... com tantos anos de escola...[...] mas não têm estas competências... e acham muitas vezes muito esquisito quando os professores tentam rigorosamente que isto vá para a frente</p>	<p>E – Dialogada...</p> <p>P3 – Sim... claro...de preferência...[...] [...] com a Psicologia é um bocadinho diferente... embora... depende das matérias que nós estamos a abordar... dos conteúdos... no caso desta primeira aula assistida... estávamos a falar das atitudes... e eu arranjei um pequeno texto onde se falava de comportamentos... de atitudes... para fazermos a distinção entre comportamento e atitude... porque é mais difícil para nós... porque em Filosofia é mais fácil... nós sabemos onde ir buscar as coisas... em Psicologia o que faço muitas vezes é procurar exemplos... Coisas do quotidiano que até tenham a ver com os miúdos... naquele caso fui buscar exemplos como fumar... exemplos que eles conhecem...são coisas que são mais ... como os miúdos costuma dizer... palpáveis...».</p> <p>«Q9a - P3 – É assim... nas aulas de Filosofia como eu já te disse... assentam no texto mas não só.. <u>assentam no diálogo...</u> na argumentação ... e basicamente é isso... »</p>	
--	---	--

Quadro 8: Práticas pedagógicas mais adequadas à disciplina de Filosofia

Quadro 9: Posições dos professores avaliador e avaliado face às opções pedagógicas

S	Posições dos professores avaliador e avaliado face às opções pedagógicas	P	
S1	<p>«E - Discutiste com o avaliado estas convicções pedagógicas? Qual a posição do avaliado?</p> <p>S1 – Ora bem, discuti? É assim, nunca disse vamos discutir esta questão de modo formal, mas de forma informal, ao longo das conversas que fomos tendo, acho que deixei transparecer... às vezes não precisamos de dizer as coisas formalmente...</p> <p>E – E do outro lado achas que houve concordância, afinação de perspectivas?</p> <p>S1 – <u>Eu acho que sim, houve concordância a partir do momento em que estivemos de acordo no resultado final que era a avaliação.</u> Na medida em que cada parâmetro foi feito em conjunto.»</p>	<p>«E - Como se posicionou o professor relator face às tuas opções pedagógicas?</p> <p>P1 - <u>Acho que bem. Julgo que tem uma posição próxima da minha...</u>»</p>	P1
S2	<p>«E- Discutiste com o avaliado estas convicções pedagógicas? Qual a posição dele ?</p> <p>S2 – No caso desse avaliado <u>temos algumas afinidades em concreto. Ele está muitíssimo bem preparado. É uma pessoa com muita qualidade científica, tem uma excelente relação com os alunos, as aulas dele correram muitíssimo bem iam muitíssimo bem preparadas...</u> a única coisa que eu... <u>ele domina muito bem as novas tecnologias e utilizou das duas vezes que eu vi as aulas dele... utilizou... fez uma espécie de powerpoint. E foram aulas ... se não me engano da Ética e da Epistemologia...Foram aulas... os alunos corresponderam bem... sem serem alunos de grande ... mas eram participativos... ele disse-me o que é que ia fazer... deu-me o material antes... eu também lhe dei as grelhas com que ia avaliar...e portanto correu tudo bem, se bem que eu acho que a única coisa que ele podia ter era excesso de informação. O que às vezes acontece é que a aula é calculada por excesso e não por defeito...Pode ser que sobre tempo e é um grande drama, portanto, ...Pareceu às vezes que... se bem que ele depois dá a volta a isso... mas pareceu às vezes que o nível académico do material era muito elevado para aqueles alunos... mas o que ele supriu bem porque ele depois trocou a coisa por miúdos... às vezes falar de Hume, ou de Kant, ou de Stuart Mill no 10º ano é um pouco complicado, se nós formos ao texto original e não se fizer um digest daquilo...</u></p> <p>E – Mas isso vai um bocado ao encontro do que dizias antes, tem que haver um certo academismo temperado...</p> <p>S2 – Sim, mas depois tem que haver uma certa descodificação... Ele também do</p>	<p>« E – Como é que o professor relator se posicionou face às tuas opções pedagógicas?</p> <p>P2 – Não... <u>ele concordou com a orientação que dei às aulas... ele criticou um bocado o excesso de exposição na segunda aula, mas não é propriamente porque fosse contra as aulas expositivas em geral... mas apenas porque achou que eu exagerei... e eu optei por uma aula mais expositiva por duas razões: primeiro porque isso oferecia ao avaliador mais que avaliar em termos científicos e em segundo lugar porque também era uma proteção maior...naquela turma também não havia esse problemas... mas numa aula mais aberta nunca se sabe para onde é que a coisa pode ir e descambar... preferi jogar pelo seguro...nessa altura ... agora cada vez menos... mas ainda faço aulas relativamente abertas à participação dos alunos...</u></p> <p>E – Vocês têm 50 minutos de aula ou 90?</p> <p>P2 – Temos 90.... mas se fosse hoje eu optaria exatamente pelo mesmo... é mais seguro ter aulas observadas expositivas... uma aula observada significa sempre um corpo estranho... eu nunca sei qual é o efeito que vai ter na turma o corpo estranho que aí está... se eu abro as possibilidades eu nunca sei o que é que poderá acontecer por causa desta interação e é muito mais difícil controlar o que pode acontecer... não sei se estás a perceber...</p>	P2

	ponto de vista visual enriqueceu muito aquilo... punha bonecos a falar... assim uma espécie de banda desenhada...foi uma aula muitíssimo bem conseguido... e nós discutimos tudo... ele é uma pessoa muitíssimo bem preparada cientificamente e é também muito trabalhador. Dorme pouco e então aproveita...»		
S3	«E – E a posição da avaliada, achas que ía ao encontro disso, era próxima? S3 – <u>Eu penso que todos nós em Filosofia temos essa vantagem, vantagem diferente de todas as outras disciplinas. Porque a nossa disciplina é isso: reflexão, crítica, problematização. E por isso penso que dificilmente encontraremos alguém em Filosofia que não pense desta forma. A nossa dificuldade, e eu digo, a minha dificuldade é face às turmas conseguirmos cumprir isto, porque facilmente nós caímos no senso-comum e facilmente passa a ideia para o aluno que tudo facilmente é dito e tudo é conhecimento.»</u>	« E – E sobre essas opções que tu fizeste para a aula como é que se posicionou o professor avaliador... P3 – <u>Ele gostou... por acaso falámos sobre isso... é que são coisas que não lhes são distantes...»</u>	P3

Quadro 9: Posições dos professores avaliador e avaliado face às opções pedagógicas

Quadro 10 : Competências a desenvolver nos professores de Filosofia

S	Competências a desenvolver nos professores de Filosofia (Q9b)	P	
S1	<p>«Eu já falei de muita coisa mas <u>existe uma coisa que eu acho muito importante... o professor tem que conseguir desenvolver a empatia.</u> Se isso não acontecer podes fazer a melhor aula do mundo mas tu não chegas ao aluno... Isso é importante na nossa disciplina... Porque na Matemática, vamos supor...tu chegas ao quadro vais fazer uma equação e o aluno pode não estar envolvido. <u>Numa disciplina com a especificidade da Filosofia se tu não conseguires desencadear essa relação de empatia com o aluno, ele não está envolvido.</u> portanto, não resulta muito bem.[...]. O professor tem que ter uma sensibilidade muito grande, perceber que tipo de aluno está ali e como é que há-de chegar até ele. <u>Às vezes é difícil, porque tu tens ali trinta e tal alunos muito diferentes,</u> mas tu tens que chegar a todos.»</p>	<p>«Bem ... penso que o essencialmente <u>deve procurar atualizar a sua formação científica, manter-se informado sobre temas/problemas atuais e produzir novos materiais...</u> agora às vezes <u>isto é muito difícil... os nossos horários estão agora muito limitados e é difícil produzirmos materiais didáticos</u> quando temos vários níveis e várias turmas... mas <u>não podemos descurar estes dois aspetos: a formação científica e produção dos nossos materiais de ensino, ajustados às nossas turmas...</u> por muita coisa que seja feita... pelas editoras... até coisas que existem disponíveis na net... mas temos que ter tempo para poder filtrar isto...ler ... analisar... pesquisar... e o tempo é um problema.»</p>	P1
S2	<p>S2 – <u>Deve desenvolver primeiro a informação, depois a capacidade de reflexão e crítica, mas primeiro deve transmitir a informação.</u> E – Portanto, primeiro deve ser bom a transmitir a informação... S2 – <u>Transmitir ou permitir que se adquira... agora o método cada um poderá escolher o seu,</u> cada escola... mas tem que haver informação... E – Mas nessa transmissão estavas a falar também da importância de uma certa contextualização e de um ambiente dialógico... S2 – Exatamente... <u>eu não posso pegar numa coisa a seco ... neste momento os programas de Filosofia são muito virados para um certo esquematismo [...]</u></p>	<p>P2 – Ah...sim... <u>capacidade de problematização, capacidade de argumentação...</u> não sou nada pela aquela versão problematizadora em que o professor <u>depois faz ali de boneco... ou seja, está ali depois a receber opiniões à toa, sem nexo,</u> dos alunos... E – Sim...sim... P2 – <u>Quando pretendo o debate é mesmo o debate e isso significa argumentação e conforto de argumentos e tudo o mais...</u> e eu não estou ali a como verbo de encher... eu apresento várias das alternativas... também não sou ali um par... nem estou ali a doutrinar... [...], portanto, a argumentação é absolutamente fundamental... desenvolver a capacidade argumentativa... minha e dos alunos... ser capaz de me confrontar com as mais díspares situações que possam ocorrer no debate... E – Esta nova perspetiva sobre aquilo que é necessário fazer agora, mesmo de acordo com as orientações da tua escola é menos exigente a esse nível? P2 – Da escola e do país...</p>	P2
S3	<p>S3 – (Pausa) Há uma competência que eu acho que é muito importante... <u>a competência científica... isto é, nós estarmos... na linha de ponta de tudo aquilo que se vai fazendo a nível do pensamento...</u> e que eu tenho alguma dificuldade em acompanhar... E – Os tais constrangimentos... S3 – Claro, <u>a nossa disciplina exige que uma pessoa tenha qualidade a todos os níveis...muitas vezes centramo-nos mais na tradição filosófica e descuramos que o conhecimento evolui,</u> hoje em dia há outras formas até de encarar o conhecimento, a imagem, a internet...[...]. Eu acho que se o</p>	<p>P3 - «[...] que competências específicas deve o professor desenvolver... <u>o sermos claros na apresentação dos conteúdos ... na apresentação dos argumentos...clareza... essencialmente clareza...</u> E – Então procurar um discurso que possa ser compreendido pelos alunos... que não seja muito hermético? P3 – Sim... claro... <u>eu acho que nas aulas de Filosofia nós não podemos ter um discurso muito elevado... no sentido de que os miúdos não tenham a noção daquilo que se está a dizer...</u>nós lidamos com textos às vezes que são extremamente difíceis... e eu acho que uma das tarefas do professor de</p>	P3

<p><u>professor tiver uma competência científica atualizada, a nível do pensamento, depois atualizar-se em termos didáticos, em termos pedagógicos... eu penso que estas são as competências que nós temos que ir atualizando... [...]</u></p> <p>E – Portanto, o que tu achas relativamente ao professor de Filosofia é que o que é fundamental é a competência científica?</p> <p>S3 – Sim científica para depois poder dar resposta às necessidades dos alunos... Porque depois a Filosofia como qualquer tema vai puxar uma quantidade de temas que se nós não tivermos possibilidade de nos ancorarmos perdemo-nos e depois caímos naquilo que é o senso comum. A exigência da nossa disciplina é muito grande.</p>	<p>Filosofia começa por ser esclarecer os conceitos que são mais importantes... esclarecê-los...se eles não sabem o que é que eles significam depois também não vão perceber nada do texto... e eu não considero que uma aula de Filosofia tenha de ser uma aula só de textos muito difíceis...porque aquilo que se diz de uma forma difícil também se pode dizer de uma forma simples...»</p>	
--	--	--

Quadro 10: Competências a desenvolver nos professores de Filosofia

Quadro 11: Influência das práticas pedagógicas nas práticas de supervisão

S	Influência das práticas pedagógicas nas práticas de supervisão (Q9c)	P	
S1	<p>«S1 – <u>Ui que pergunta tão difícil.</u> E – Se há qualquer coisa que é específica da filosofia, na supervisão como é que tens isso em conta? S1 – Isto é quando estou a supervisionar um colega, como é que tenho em conta essa especificidade que ele deve ter dentro da sala de aula... (Silêncio)... Não é fácil... E – Pelo que eu entendi um professor que seja mais directivo... em princípio manifestará menos essa característica... S1 – Claro... mas é assim lá está também o problema da forma como esta supervisão ocorreu – <u>as tais duas aulas e., em duas aulas o professor não pode mostrar tudo e se tu te lembras do que eu disse há pouco a metodologia deve ser diversificada.</u> Evidentemente que esse perfil de professor que eu privilegio não se vai sentir tanto, mas <u>eu também tenho uma forma de observar isso é ver como é que do outro lado os alunos se posicionam.</u> Podemos dizer é subjetivo. Mas toda a avaliação é subjectiva. Mas <u>tu se estiveres atenta consegues, mesmo numa aula expositiva perceberes o envolvimento dos alunos... eles deixam transparecer tudo... [...].</u> Muitas vezes eles estão calados mas a absorver as palavras do professor. Eu lembro-me que quando assisti às aulas, uma coisa que para mim foi fascinante foi a observação de comportamentos dos alunos e pela própria observação de comportamentos dos alunos eu também me consegui aperceber se a aula resultou ou não.»</p>	<p>P1 – <u>Acho que a supervisão deve ser sempre assegurada por um colega do mesmo grupo disciplinar... devem existir momentos de trabalho conjunto... Isto é... acho que momentos de partilha de experiências, informações... troca de materiais devem acontecer com regularidade entre elementos do mesmo grupo disciplinar e isso deve servir de base ao exercício de supervisão.</u></p>	P1
S2	<p>S2 – Como é que acho... A aula tem que ter, para mim... eu vi aulas dos mais variados formatos e até bastante disparatadas.. <u>E tive até ocasião de dizer à colega que aquilo não podia ser assim... Uma aula tem que ter um parte de sumo, tem que ter uma parte informativa, uma parte de trabalho e uma parte de conclusão...</u> E eu uma vez vi uma aula que era fazer um trabalho de grupo.... Ou seja cheguei à aula e os alunos estavam a fazer um trabalho de grupo... e as conclusões eram para a aula seguinte... quando eu não estava lá... E – Lá está era como estavas a dizer há pouco, se calhar faria sentido que não fosse observada só uma aula, mas 8... S2 – Faria sentido a colega ter-me convidado para assistir à aula com a conclusão do trabalho de grupo. Tem que haver sempre alguma coisa de conclusivo... [...]. Há sempre processos e resultados... e a</p>	<p>P2 – Deve ter totalmente em conta...de uma forma ou de outra...mesmo sendo diretivo se o professor de <u>Filosofia não tiver capacidade de problematização, se não tiver capacidade argumentativa, se não tiver capacidade de fazer compreender também os próprios problemas, argumentos, teses, etc...não sei o que é que está ali a fazer...</u> por isso o supervisor tem tudo ... a única coisa praticamente que devia avaliar era isso... <u>isso e essa capacidade de desenvolver e de estar com os próprios alunos...</u> isso deveria ser avaliado... E – E no teu caso até foi... não foi... P2 – Não foi muito, não foi muito porque eu fiz aulas muito diretivas... E – Mas a primeira estavas a dizer que houve mais participação... P2 – Sim... <u>houve mais mas também não foi de debate... não me arrisquei a isso... mas devia ser... mas devia ser...isso antes de mais nada... até porque existem professores</u></p>	P2

	<p>aula tem que ser orientada para que haja resultados...</p> <p>E – Quer dizer tem que haver alguma coisa por parte dos alunos que...</p> <p>S2 – Que vá confirmar ou não o trabalho do professor... não só o show-off..</p>	<p>de Filosofia que são avessos ao debate... que odeiam debater...que não querem sequer ouvir os alunos... existem mesmo.. não tenhas a menor dúvida...</p>	
S3	<p>S3 – Eu disse há pouco que achava que <u>uma aula tinha que ter três partes...</u> aquela questão não é... introdução ... e eu acho que aí mostramos um bocadinho disso, quando nós apresentamos a aula aos alunos, que não seja aquelas aulas de seguimento, pelo menos aquelas aulas de abertura de tema, e por exemplo se eu fosse avaliado é aquilo que eu faço, isto é, apresentar o tema e ser capaz de brilhar um bocadinho no tema, a nível científico... e por exemplo se eu estou a ser até analisado por alguém eu vou tentar brilhar um bocadinho aí, não quer dizer que brilhe, vou tentar ser rigoroso, e vou tentar construir depois materiais que <u>me levem a esse rigor, que sejam adequados aos alunos, que sejam do interesse dos alunos e que levem o aluno a não ficar naquilo que é o comum.</u> Porque,hoje em dia os meios de comunicação que nós temos, tornam as coisas muito comuns, muito fáceis, muito simplificadas e a aula de filosofia deveria de desmanchar um bocadinho isto, o conhecimento não é simples, o conhecimento apenas e só o que anda por aí. O conhecimento por vezes é até uma outra coisa a que até não temos acesso. Os sites científicos muitas vezes são pagos... por todos os motivos.. direitos de autor e isso tudo. <u>Agora é lógico que nós também temos que ver o tipo de alunos que temos, as turmas, e muitas das vezes isto não se consegue.</u></p>	<p>P3 – Eu acho que aquilo que ela deve ter em atenção é isto que precisamente eu estive a dizer... dependendo do assunto que se está a tratar... por exemplo... se for um autor... há autores que apresentam uma linguagem um bocadinho mais distante da linguagem comum...</p> <p>E – O Kant ... por exemplo...</p> <p>P3 – Exatamente... pensando por exemplo no Kant...<u>eu penso que o avaliador deve ter em conta o papel do professor no sentido em que esclarece... esclarece os conceitos... porque há ali conceitos que se não forem esclarecidos... ninguém percebe nada do que se está a falar... e penso que essencialmente é isso...</u></p>	P3

Quadro 11: Influência da especificidade das práticas pedagógicas em Filosofia nas práticas de supervisão pedagógica do professor de Filosofia

Quadro 12 – Representação do contributo da Filosofia para o exercício da auto supervisão e da supervisão

S	Representação do contributo da Filosofia para o exercício da auto supervisão e da supervisão	P	
S1	<p>S1 – Ai... claro que sou suspeita porque sou de filosofia, mas eu acho que sim, acho que o professor de filosofia tem uma grande capacidade primeiro de <u>autocrítica e reflexão</u>. Tem essa <u>capacidade de saber autocriticar-se refletir e de se autocriticar com vista ao aperfeiçoamento</u> de que falávamos há pouco e também tem uma grande capacidade de (pausa) de olhar o outro de uma forma diferente de outros docentes... [...] eu penso que <u>um bom supervisor tem que saber criticar, tem que saber refletir, tem que saber dialogar, no fundo caraterísticas fundamentais que tu encontras no âmbito da filosofia, portanto, a crítica, o diálogo, a reflexão</u>, coisa que noutros grupos disciplinares ...os próprios conteúdos não levam a esse tipo de abordagem... [...] não quer dizer que estes professores não saibam criticar...mas estas são as competências fundamentais na filosofia... ora bem, <u>um bom professor de filosofia tem que ter estas capacidades e competências à partida mais afinadas</u> do que qualquer outro docente, o que lhe permite fazer um papel de supervisor ou outro qualquer onde as mesmas sejam importantes.</p>	<p>P1 – Acho que sim...Em princípio, sim. Pela sua formação, <u>o professor de filosofia está preparado para a análise de perspetivas em confronto e para entender isso como uma mais-valia, como fazendo parte de um processo de crescimento ou enriquecimento dos indivíduos... acho que o professor de filosofia tem condições para a tal abertura de que falei há pouco... está disponível para o diálogo...</u> para o confronto de pontos de vista... julgo que sim...</p>	P1
S2	<p>S2 – Ah sim, porque a Filosofia exige um modelo... <u>eu tenho um modelo platónico e o modelo socrático dentro da cabeça... até a nível inconsciente... e isso dá-nos uma certa propensão dialógica e até uma certa, como é que se chama... dá-nos às vezes um apetite maior ... uma esperança que se faça luz... ah ... estou a perceber... falas ao nível da atitude...na nossa formação científica valoriza-se o diálogo</u> e isso dá-nos uma certa confiança...</p> <p>E – Quer para a supervisão, quer para uma autoversupervisão...</p> <p>S2 – Sim, acho que sim.. aliás o analista deve sempre analisar-se... eu naquilo confrontei-me... aliás, gostei muito do trabalho por isso... que eu tinha algum receio de o fazer... e perdi o receio todo... e tinha receio de o fazer porque é melindroso... e penso que a nossa formação também nos ajuda um bocado...até porque estamos habituados a fazer uma certa análise fenomenológica...e compreender...</p> <p>E – Portanto, essa ideia de que a objectividade não é nunca pura, essa ideia de que há um ponto de vista...</p> <p>S2 – Sim [...] não posso analisar a aula de ninguém pelos pontos de vista... <u>não posso</u></p>	<p>P2 – Isso auto supervisão nós somos sempre os melhores para nós próprios... agora a supervisão de outros professores... a única coisa que a formação de Filosofia pode ajudar significativamente é a ter alguma <u>flexibilidade mental</u> para se adaptar s mais diferentes posições e ópticas que possam ter os diferentes professores... porque por vezes há uma visão demasiado estreita... pelo que eu vejo... que existe muita gente que tem uma visão muito afunilada... por falta de... não é de formação filosófica...é por falta de <u>cultura crítica</u>... de qualquer tipo de <u>pluralidade de pensamento</u>...não tem que ser filosófica... aquela coisa das receitas... não me é simpática... porque existem mil e uma formas de dar bem as aulas...e de desenvolver o seu trabalho curricular ao longo do ano bem... assim como existem mil e uma formas de o fazer mal... e <u>a aplicação de uma receita qualquer é sempre redutora</u>...e eu vejo ... eu vejo colegas que...</p> <p>E – Achas que a formação filosófica alerta para isso, dá consciência de que não existem regras...</p> <p>P2 – Acho que sim... de facto às vezes mesmo em pessoas que têm uma capacidade</p>	P2

	<p>discutir pontos de vista... tenho é que discutir processos e tenho que discutir resultados... reconheço que há coisas muito bem feitas mas que o ponto de vista não tem grande valor... nesse ponto de vista ajudou bastante... acho que sim... as coisas nunca correm como nós queremos que corram mas não tive grandes surpresas...</p>	<p>crítica acima da média e no entanto, às vezes, lá vêm as receitas...é mais fácil aplicar uma receita qualquer... mas francamente acho isso muito redutor quando se trata da avaliação de professores...</p>	
S3	<p>S3 –[...] Eu tenho alguma convicção de que nós deveríamos de ser professores diferentes...porque somos de filosofia...e tudo aquilo que é inerente a isso, <u>quer em termos éticos, quer em termos de rigor e por consequência disso... quer em termos pedagógicos...por isso, eu acho que sim...</u> não sei se é puxar a brasa à nossa sardinha mas eu acho <u>que a supervisão poderia ganhar chamando alguns professores de Filosofia que quisessem fazer algum investimento e se disponibilizassem a isso, porque nós, por natureza tentamos de alguma forma de levantar os problemas: o que é que está mal? O que é que temos que fazer? O que é que vamos fazer? E quando falávamos em criar um modelo de avaliação é isto: quem é que pode? [...]</u> E – Na filosofia o que é que tu achas que ela nos dá para isto, portanto, mais concretamente, que instrumentos é que nós temos? Já disseste que nós levantamos problemas... S3 – <u>A capacidade crítica, a capacidade de reflexão, o rigor...</u> e eu penso que o conceito é aquilo que unifica, se nós queremos <u>esclarecer os conceitos</u>, queremos unificar a realidade e percebê-la e é um pouco <u>ir por aí...</u> eu penso que, não desprezando e não quer dizer que não existam outras pessoas com tantas ou mais competências que nós, mas nós temos condições ao nível da Filosofia, pela especificidade da disciplina, de poder dar um contributo nesta área.</p>	<p>P3 – Sim... eu penso que sim... especialmente na <u>componente da crítica</u>... eu sou crítica com o meu trabalho. Não estou sempre satisfeita com aquilo que faço... às vezes não fico nada satisfeita... <u>e faço uma reflexão</u> sobre aquilo que estou a fazer... penso que <u>a nossa formação nos dá uma prática de auto supervisão no sentido da reflexão...</u> agora se isso nos dá para os outros... dará também para os outros... sim dará...mas era uma coisa que eu não gostaria de ser era avaliadora ...</p>	P3

Quadro 12: Representação do contributo da Filosofia para o exercício da auto supervisão e da supervisão.

Quadro 13 – Possibilidade de compatibilizar responsabilização e aperfeiçoamento num modelo de supervisão

S	Possibilidade de compatibilizar responsabilização e aperfeiçoamento num modelo de supervisão	P
S1	<p>S1 – Responsabilização e aperfeiçoamento... é assim os dois conceitos ...estão associados... ao responsabilizar o outro vou conduzir ao aperfeiçoamento... se eu sou responsável dentro daquilo que é a minha profissão, enquanto responsável isso pode conduzir ao aperfeiçoamento porque estou a ser avaliada num processo de que pode resultar a progressão na carreira e enquanto ser responsável deve orientar todo o meu desempenho com vista ao aperfeiçoamento... enquanto ser responsável visio o aperfeiçoamento.</p>	P1
S2	<p>S2 – É ... é possível , claro que é possível...é possível porque uma coisa quase que implica a outra porque o aperfeiçoamento profissional é um factor de responsabilização... [...]acho que o facto de sermos obrigados a confrontar as nossas práticas, a colaborar, devia ser mais despido daquela coisa da avaliação, da cota, daquela coisa... que eu também percebo... vamos lá a ver uma coisa, não sendo eu partidário do sistema percebo que... o que é que se ganhou com isto em termos daquilo que o sistema pretendia... em termos administrativos... o resultado é exatamente o mesmo... porque alegava-se maliciosamente que os professores eram todos bons...não se avaliava...agora são todos bons à mesma... agora a nível de responsabilização, de solidariedade com o trabalho dos colegas, com o trabalho da própria escolas, percebemos que não estamos aqui a falar sozinhos. Por exemplo, eu quando fiz estágio...</p> <p>E – No fundo tu estás a dizer que ajudou a que as organizações também criassem uma certa identidade...</p> <p>S2 – Sim uma identidade e há uma certa cultura de partilha e de responsabilidade... porque eu quando fiz estágio... eu comecei a trabalhar como professor sem rede... o que é que eu fiz.. repliquei um pouco o que via como aluno...[...]... fica sempre lá qualquer coisa...nas aulas assitidas disseram-me epá tira a mão do bolso, não fales para dentro, não tapes o quadro... são coisas que são úteis e se forem ditas sem acrimónia... de boa fé... é uma coisa boa... positiva... porque a gente não dá por isso... nós não nos vemos... não temos um espelho à frente...</p> <p>E – Essa ideia do espelho é interessante...o outro é como se fosse o espelho?</p>	P2

	S2 – O outro é que nos está a ver...a única pessoa que nós não conhecemos directamente somos nós...	modelo é um modelo burocrático não tem nada a ver com isso.. não responsabiliza, nem aperfeiçoa...tudo é decidido nesse tal regateio... a pessoa não é estimulada a responsabilizar-se pela sua avaliação... já começou um novo ciclo...já acabou... eu não pedi outra vez aulas observadas... pedi a transferência...	
S3	S3 – Neste modelo não... em outro modelo a criar seja ele qual for talvez, mas neste não... eu acho que só é possível quando houver confiança no modelo... e não há... quer dizer não há pela minha experiência...não sei se alguém terá experiência contrária...	<p>P3 – Bem eu com este modelo de avaliação não sei...</p> <p>E – Este modelo com avaliador externo e avaliador interno...</p> <p>P3 – Espera aí deixa-me só dizer-te uma coisa... é que eu ainda estou com dificuldade neste momento em perceber que modelo de avaliação é este... porque antes deste modelo com avaliador externo tivemos o outro modelo que era de avaliação de pares... e passámos assim bruscamente para este modelo com avaliadores externos que apareceram assim de repente... nem eles sabiam... e isto está tudo assim... eu dá-me a sensação que isto foi tudo feito em cima do joelho... e está tudo a funcionar em cima do joelho... e não penso que decorra daqui o aperfeiçoamento de ninguém com este tipo de avaliação... as pessoas fazem estas avaliações porque são obrigadas a fazer... eu tenho esta sensação em relação a toda a gente...</p> <p>E - Achas que por exemplo o outro... da avaliação entre pares era melhor nisso?</p> <p>P3 – Eu não gostava desse... não... não mas vou-te dizer porquê... porque aquilo surgiu tudo com uma grande confusão que era a história dos professores titulares...aquilo gerou ali grandes complicações...</p> <p>E – Que entretanto já desapareceram...</p> <p>P3 – Sim... mas aquilo gerou ali grandes complicações... porque eram pares mas já não eram pares... eu acho que isto até assentar e sair daqui alguma coisa... entretanto a crise passa...[Risos]</p>	P3

Quadro 13: Possibilidade de compatibilizar responsabilização e a grandes complicações...

Quadro 14 – Princípios orientadores de um modelo de supervisão em Filosofia

S	Princípios orientadores do modelo de supervisão em Filosofia	P
<p>S1</p>	<p>S1 – Pausa... É assim quando nós não sabemos é difícil responder directamente... mas eu <u>acho que um grande pilar é a partilha e a colaboração</u>. Isto é vamos supor que todo o meu trabalho a partir de hoje ía ser a supervisão dos meus colegas de Filosofia. Todo esse trabalho na minha perspetiva só podia ser feito a partir deste princípio. <u>Vamos todos colaborar neste trabalho conjunto, vamos partilhar, vamos dialogar sobre o que é que é melhor</u>, não para mim como supervisora, porque posso estar enganada <u>e a partir do que estabelecemos em conjunto resulta um ou mais princípios</u>. Eu sei que esse é o <u>princípio em que eu vou pegar, mas quem está do outro lado também sabe</u>. Eu própria não conseguiria criar esse princípio sozinha... [...]Eu acho que qualquer princípio orientador seja da supervisão seja do que for <u>deve resultar de um diálogo, de um confronto, da colaboração entre profissionais da mesma área porque uma pessoa só não tem o dom de conseguir o melhor...</u> por vezes pensamos que estamos a ir pelo bom caminho mas não... temos que ouvir o outro para perceber... E portanto se calhar é por isso que eu não te consigo definir um princípio...</p> <p>E – Mas atendendo a tudo o que disseste sobre as aulas esse seria um princípio coerente parece coerente, tem a ver com a própria natureza da Filosofia, que como disseste antes é dialógica.</p> <p>S1 – Exatamente, <u>eu sinto necessidade de no grupo, em conjunto, refletirmos sobre essa questão e então aí poderá sair um princípio, porque eu preciso de ouvir os outros</u></p>	<p>P1</p> <p>P1 – Bem... uma coisa que eu acho é que <u>a avaliação deve ser sempre discutida.. não pode ser uma classificação imposta que cai sem sabermos porquê... tem que ser o resultado de um diálogo...</u> e isso depois ...no fundo... implica certas práticas. Acho que as escolas deviam ter uma maior tradição de trabalho colaborativo, [...]</p>

S2	<p>S2 – Os princípios é assim, <u>os princípios da máxima transparência, da boa fé... e de ser para a finalidade da melhoria do desempenho quer da pessoa, quer da organização, quer do sistema...</u> porque os <u>clientes finais são os alunos...</u> e as famílias têm direito à ser bem servidas pelo sistema... e isto não tem só a ver com os exames nacionais... até porque exames nacionais a gente já tem pouco...o de 12º ano acabou..., é lamentável... a Filosofia para o Direito é fundamental e não é a mesma coisa o exame ser do programa de 12º ou ser deste de 10º e 11º ... e <u>ter sempre em atenção que há um resultado social do nosso trabalho. Há um resultado social</u></p>	<p>P2 – Os princípios fundamentais que deveriam orientar a ação do supervisor: primeiro ... a primeira coisa... princípio fundamental... era <u>a avaliação do conhecimento em termos científicos...</u> apesar de já estar a haver uma viragem nesse sentido... houve demasiada despreocupação no ensino secundário... eu penso que não existe nenhuma importância dada ao conhecimento praticamente no meio docente... no ensino secundário... tanto faz que saibam como que não saibam... e acho isto absolutamente aberrante... eu acho que a escola só serve antes de mais como veículo do saber, depois o resto pode haver diferentes finalidades..., depois <u>em seguida sim a capacidade que exista de interação com os alunos, sobretudo em termos de problematização e de debate e aí devia haver antes de mais nada isso interação ... isso seria o segundo...</u> [...]No caso da avaliação eu pessoalmente acho que devia ser punitiva para quem não se preocupa em saber ao menos o que tem que saber para leccionar um determinado assunto... porque a verdade é que muitas vezes se vê que não sabem... não estou a falar de grande saber académico... estou a falar de saberem sobre o que estão a leccionar.</p>	P2
S3	<p>S3 – Princípio : <u>Rigor. Podemos fazer pouco mas temos que ser rigorosos naquilo que fazemos e depois este rigor é o rigor científico, é o rigor didático e o rigor pedagógico.</u> Se partirmos deste princípio em termos de rigor, vamos depois às nossas práticas pedagógicas. E o rigor leva a que eu seja rigoroso comigo, vou-me formar o máximo possível, dentro dos constrangimentos que nós temos, porque a formação é paga... e tudo isso. Depois disso <u>tentar perceber que tipo de alunos eu tenho,</u> porque eu não vou fazer um modelo de avaliação fora... quer dizer, eu acho que, alguém que vai avaliar percebesse primeiro o contexto da escola... isto é, o Centro de Professores do Barreiro que agora está responsável pela avaliação, deveria ter um conhecimento efectivo das escolas e perante esse conhecimento, perante essa caracterização das escolas, dar formação aos próprios avaliadores. Isto é, na área da Filosofia... eu sei que vou ficar durante um ou dois anos ou outra pessoa qualquer, criasse ali dois ou três formadores que irão passar esta área toda, Barreiro, Moita... <u>há um conhecimento efectivo das escolas, há um conhecimento efectivo das turmas e cria-se então o modelo de avaliação ...</u></p>	<p>P3 – O que deve estar subjacente a todo o processo... e isto agora já englobando as três dimensões... <u>deveria ser de facto a melhoria do ensino...</u> embora não seja isso que está a acontecer... aquilo que deveria ser o objetivo da supervisão era de <u>facto a melhoria do ensino... a qualidade das aulas...</u> podemos falar assim...</p>	P3

Quadro14: Princípios orientadores do modelo de supervisão em Filosofia

Quadro 15: Práticas e atividades de supervisão

S	Práticas e atividades de supervisão	P	
S1	<p>S1 – Eu acho que é fundamental ...estivemos a falar da supervisão associada à avaliação... para mim teria mais sentido que a supervisão fosse mais contínua e não só ocorresse nos momentos de avaliação... porque o professor muitas vezes tem aquela ideia... ai que medo vou ser supervisionado...e portanto, eu penso que, se nós grupos disciplinares ou departamentos como queiras... [...]Tu repara, se tu estiveres habituado a teres alguém de fora no teu espaço, alguém que não os alunos, tu não tens problemas nenhuns e tu ganhas imenso com isso, e o mesmo acontece ao contrário, se eu estiver habituada a ir a aulas de outros colegas eu também ganho com isso.</p> <p>E – E isso ser feito de modo mais informal, não com aquele enquadramento de obrigatoriedade</p> <p>S1 – Exato... de uma forma espontânea... <u>isso devia ser uma prática continuada na escola...</u> alias a reflexão sobre as práticas só pode resultar depois disto. Eu tenho que saber, não porque quero julgar ou controlar o meu colega, mas para eu perceber o ponto de vista dele, para eu aprender alguma coisa aliás eu nas próprias aulas a que assisti aprendi coisas e retirei sugestões. [...]. Hoje penso que a supervisão está muito no início e...muito reduzida às questões da avaliação. Por isso quando falamos em supervisão falamos do bicho papão... <u>se nas escolas se desenvolvessem momentos informais de supervisão... para já na minha perspetiva teria consequências e efeitos mais positivos e serviria mais o propósito do desenvolvimento profissional.</u> E era vista de forma completamente diferente. Porque hoje nós falamos em supervisão e o conceito de supervisão é recente...e supervisão é avaliação e isto tem que ser ultrapassado, a supervisão não pode estar só associada à avaliação, são duas coisas distintas, embora interligadas, mas não necessariamente, porque pode haver e deve haver supervisão sem avaliação. Ou por outro lado pode ocorrer avaliação mas em que os colegas...</p> <p>E – Com um caráter mais formativo...</p> <p>S1 - Exatamente</p>	<p>P1 - Acho que <u>as escolas deviam ter uma maior tradição de trabalho colaborativo, sobretudo no que diz respeito ao trabalho específico dos grupos disciplinares.</u> Os assuntos deviam ser mais discutidos... o modo como trabalhamos...</p>	P1
S2	<p>S2 - <u>O conjunto de aulas devia ser maior e devia ser mais espaçado.. talvez o tempo que dure um escalão...</u> agora não há escalão...estamos sempre no mesmo escalão... a exceção passa a ser a regra...e <u>que haja além das observação de aulas... também outros momentos... reuniões com grande periodicidade e até momentos de formação</u> dado pelo avaliador, quer por</p>	<p>P2 – Isso aí, vamos lá a ver, na primeira... vá ler.. vá estudar... agora na segunda aí poder-se-iam <u>desenvolver atividades que permitissem desenvolver determinadas técnicas de dinamização de aulas..</u></p> <p>E – <u>Portanto, no âmbito do conhecimento de modelos de ensino?</u></p> <p>P2 – <u>Sim...</u> existem muitas coisinhas que podíamos fazer...que nós sabemos</p>	P2

	<p>peças que se possam convidar e também não só desta realidade ...com esta escola, mas também pessoas de outros sítios... isso é muito profícuo. E nós tivemos alguns momentos disso...não é só cursos para dar créditos... devíamos ter alguns momentos disso. Eu enquanto avaliador poderei ser formador também ... ou seja, promovi seminários, convidei pessoas até da prata da casa... aqui na escola, por exemplo temos pessoas de outros grupos muito interessadas e com muitos conhecimentos... aliás uma coisa é verdade esta escola deu um salto nos rankings brutal... porque, alguém trabalhou para isso... {...}criámos um GAAF, um gabinete de apoio... e uma comissão de avaliação interna com uma avaliação rigorosa das práticas, criámos muito trabalho de apoio extra aula a alunos que precisam e a alunos que queiram melhorar... no ano passado esta escola passou de por um aluno em medicina para por 6... ou 8...</p> <p>E – Portanto, relativamente às práticas a ser promovidas <u>tu defendes mais aulas assistidas, num período de tempo mais dilatado, reuniões ...</u></p> <p><u>S2 – Sim... e sessões de formação quer com as pessoas da escola, quer convidando pessoas</u> isso é muito importante.</p>	<p>teoricamente... que vimos já nos livros...eu lembro-me daquele livro do Huizinga ou ...Izuzquiza... acho eu...que tinha lá carradas de possibilidades ...sobre a prática letiva de Filosofia... desde as mais tradicionais... a brainstormings... a coisas mais elaboradas...</p>	
<p>S3</p>	<p>E - Estás a partir então do princípio que esta separação entre avaliador externo/avaliador interno pode ter pertinência?</p> <p>S – Pode, pode...pode se nós quisermos depois <u>construir alguma coisa em comum</u>. E como é que poderíamos construir alguma coisa em comum? No momento em que a avaliação parte de alguma forma para a alçada dos Centros de Formação, esses <u>centros de formação criarem competências, criarem condições para que haja avaliadores ...e até pessoas que queiram... e se há pessoas aí formadas nesta área serão se calhar as primeiras a poderem ir para ele</u>. E depois a partir daí <u>essas pessoas em conjunto dentro da sua área, poderiam criar um modelo de avaliação, dar-lhes autonomia para isso...</u>dizer assim, em Filosofia todas as pessoas neste Centro de Formação vão ser avaliadas desta forma. E então aí talvez houvesse uma maior seriedade na avaliação. Numa primeira fase... isto é lógico que não era para implementar imediatamente...</p> <p>E – Portanto, vamos ver se eu percebi: todos os supervisores de Filosofia se juntavam</p> <p>S3 – <u>Se juntavam e criavam e propunham ao Centro de Formação um modelo de avaliação de Filosofia... área a área, ... eram estes que os motivadores da avaliação e eram eles que engendravam o modelo de avaliação... para isso podiam fazer reuniões</u></p>	<p>P3 – «[...] penso que... práticas ou atividades... por exemplo... o grupo de Filosofia... estou-me a lembrar do grupo ali de [nome de escola] ... somos aí cinco ou seis... <u>podiam assistir às aulas uns dos outros...mas assistir no sentido... não no sentido de encontrar falhas... mas no sentido de fazer críticas construtivas...</u> não é a pessoa sentir que os colegas vão lá entrar na sala para ver se há falhas e é isso é que deixa as pessoas mais constrangidas... <u>é óbvio que isto também pressupõe que os colegas se dão bem entre si...</u> é óbvio que nós também sabemos que há colegas com quem temos mais dificuldade em ter relacionamento... então o que podia ser feito era as pessoas combinarem entre si... aliás como nós fazíamos... agora estou a lembrar-me ... quando éramos estagiários...nós assistíamos às aulas umas das outras e não tínhamos constrangimento nenhum... no final reuníamos e perguntávamos «então o que é que tu achas»... «aí devias ter feito assim»... «se calhar era melhor que tivesses feito desta maneira ou daquela» eu acho que era isto que devia haver nos grupos...</p> <p>E- Uma maior colaboração...</p> <p>P3 – <u>Uma maior colaboração que de facto não há... mas não é no sentido de ...como acontece com estas avaliações...</u> eu entro na minha sala... estou com a minha turma... e está tudo constrangido... inclusive a turma...</p>	<p>P3</p>

<p><u>preparatórias com todos os colegas que quisessem...abertas... tipo até uma formação... ouvirem dos colegas o que é que eles achavam da avaliação</u> e... pelo menos durante dois três anos esse modelo era implementado e avaliado, o que funcionou, o que não funcionou, da parte de quem avaliou e de quem foi avaliado. <u>E que esta avaliação não tivesse muitos dos constrangimentos que tem. Um deles é as cotas, as cotas não fazem sentido para nada.</u> Se é uma parte economicista que se arranje outro modelo para controlar a questão económica, mas não se pegue na avaliação para isso... Eu acho que se se fizesse isso para uma nova geração de professores, com algum tempo, não é... um ou dois anos para preparar e depois implementar... até se podia fazer isso como experiência um ou dois anos com estes professores e depois então aplicar a uma nova geração de professores. <u>Penso que se ganhava em confiança, ganhava-se em rigor, e ganhava-se depois nas consequências disso que penso que seriam as consequências formativas.</u> Caso contrário penso que será difícil.</p> <p>E – Portanto, quando falas aqui das práticas que poderiam ser promovidas <u>uma das práticas seriam então esses encontros no sentido de afinarem um modelo comum.</u></p> <p>S3 – Um modelo comum, criação de grelhas comuns...</p> <p>E – Para o avaliador externo e que também seria do conhecimento do avaliador interno?</p> <p>S3 – Sim. <u>E porque não fazer depois isto com os avaliadores internos, isto é, eles internamente, na escola, criarem um modelo de supervisão.</u> Hoje em dia não sei se os avaliadores internos conseguem acompanhar seja quem for... se têm 10 ou 12 pessoas num grupo... para além das suas aulas...por isso ou queremos ser sérios e damos alguma seriedade isto, senão há um grande desgaste, há perda de dinheiro, há perda de qualidade e há perda de confiança das pessoas.</p>	<p>porque está um sujeito lá atrás com uma data de folhas que eles só ouvem passar... estás a perceber... foi isso que aconteceu... mas para que é que é aquelas folhas todas... e a turma é impecável... os miúdos foram impecáveis... colaboraram...foi ótimo... mas sinto que houve constrangimento... se isto fosse normal... olha hoje vou à tua aula e amanhã ou quando puderes vais à minha... os miúdos também não estranhavam muito... e era tudo muito mais natural...</p>
---	--

Quadro 15: Práticas e atividades de supervisão

Quadro 16: Estilo do supervisor em Filosofia

S	Estilo do supervisor em Filosofia	P
S1	<p>S1 – As características ... é assim, <u>tem que dar e tem que receber</u> no fundo tem que também fornecer... <u>tem que fornecer as ferramentas de base para o outro saber como deve proceder...</u> o supervisor tem que <u>orientar...</u> senão o outro, do outro lado, não sabe o que é que se espera, <u>orientar de uma forma não directiva...</u> espera-se isto, <u>vamos depois agora colaborar»</u></p>	P1
S2	<p>S2 – Vou começar pelo fim. O supervisor primeiro <u>deve ser uma pessoa informada.</u> E – Quando falas em informada falas portanto em conhecimento científico? S2 – Sim, depois <u>deve ser uma pessoa com alguma experiência</u> e isso está acautelado... porque quando não há cão caça com gato... porque a experiência não é um critério determinante mas é um critério bastante significativo ... experiência profissional, depois <u>deve ser uma pessoa aberta e dialogante,</u> não quer dizer frouxa ou laxista... e deve ser uma <u>pessoa dialogante no sentido próprio..</u> . que a <u>comunicação flua de um para o outro e do outro para o um...</u> não é diálogo de surdos... E – Quase no sentido da dialética platónica... S2 – Exatamente, não é no sentido fala para aí... e depois penso que deve estar empenhada na tarefa... devem fazer de vontade... esta história das pessoas de designarem avaliadores externos por exemplo, as pessoas que são obrigadas a... eu acho que isso é uma coisa venenosa.. as pessoas que são obrigadas a ... podem fazer aquilo burocraticamente...</p>	P2
S3	<p>S3 – Eu acho que qualquer característica para uma atividade <u>tem a ver também com a personalidade das pessoas,</u> por isso essas características, têm a ver com a pessoa, se a pessoa é mais diretiva ou não... de qualquer das formas <u>depois do rigor há a partilha...</u> <u>eu acho, que qualquer pessoa que supervisione uma coisa tem que partilhar,</u> partilhar o quê... coisas que tem, a sua perspectiva sobre... se eu tenho planos de aula por exemplo, porque é que eu não posso partilhar planos de aula, de que forma é que se constrói uma aula... o que é que é inerente ... o que é que é importante... para quê?... <u>para que também a pessoa que é avaliada poder balizar-se e poder conhecer quem é que o está a avaliar...</u> isto é que seria sério... se se caminhasse para um outro</p>	P3

<p>tipo... com um avaliador único que seria, não sei,... interno ou externo à escola... questionou-se muito se seria bom as pessoas se conhecerem, se não...eu acho que esta figura de avaliador externo... neste modelo parece que funcionaria... mas assim não funciona...das duas uma ou partíamos para este modelo tendo o avaliador externo e tomando como princípio tudo aquilo que eu disse anteriormente ...ou acabava-se e ficava-se apenas com um avaliador e seria outra possibilidade de trabalho... mas tendo em conta sempre isto... <u>há um modelo que tem que ser criado localmente...dentro das áreas que nós conhecemos...das escolas ...[...]</u> E – <u>Se existisse só um parece-te pertinente que seja um avaliador interno ou um avaliador externo?</u></p> <p>S3 – <u>Eu penso que nessas condições deveria ser interno, para conhecer a pessoa e para conhecer o seu trabalho...</u> agora há quem diga que há constrangimentos nisso... não sei se há... mas isso vai haver sempre... se nós quiséssemos tirar as pessoas da escola e serem outras pessoas...mas depois temos que dar espaço para essas pessoas fazerem o acompanhamento... senão não há acompanhamento... <u>as duas figuras se calhar simplificava o sistema porquê?</u> <u>Porque o avaliador interno teria como competência e função orientar e supervisionar e o outro teria a competência de classificar e porque não orientar e o outro classificar...</u></p>		
--	--	--

Quadro 16: Estilo do supervisor em Filosofia